

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PGLg)**

ALESSANDRA BASSI

**A PALATALIZAÇÃO DA FRICATIVA EM CODA SILÁBICA NO
FALAR FLORIANOPOLITANO E CARIOCA: UMA
ABORDAGEM FONOLÓGICA E GEOLINGUÍSTICA**

Florianópolis
2011

ALESSANDRA BASSI

**A PALATALIZAÇÃO DA FRICATIVA EM CODA SILÁBICA NO
FALAR FLORIANOPOLITANO E CARIOCA: UMA
ABORDAGEM FONOLÓGICA E GEOLINGUÍSTICA**

Dissertação de Mestrado
Curso de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Federal de Santa Catarina
ALESSANDRA BASSI

**A PALATALIZAÇÃO DA FRICATIVA EM CODA SILÁBICA NO
FALAR FLORIANOPOLITANO E CARIOCA: UMA
ABORDAGEM FONOLÓGICA E GEOLINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

B321p Bassi, Alessandra

A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca [dissertação] : uma abordagem fonológica e geolinguística / Alessandra Bassi ; orientador, Felício Wessling Margotti. - Florianópolis, SC, 2011.
192 p.: grafs., tabs., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística - Florianópolis (SC). 2. Linguística - Rio de Janeiro (RJ). 3. Fonologia. 4. Geografia linguística. I. Margotti, Felício Wessling. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

Banca Examinadora

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina)
Orientador

Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal da Paraíba)
Membro

Prof.^a Dr.^a Teresinha de Moraes Brenner (Universidade Federal de Santa Catarina)
Membro

Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski (Universidade Federal de Santa Catarina)
Membro

Prof.^a Dr.^a Izete Lehmkuhl Coelho (Universidade Federal de Santa Catarina)
Suplente

Alessandra Bassi

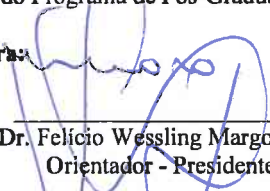
**A PALATALIZAÇÃO DA FRICATIVA EM CODA SILÁBICA
NO FALAR FLORIANOPOLITANO E CARIOCA: UMA
ABORDAGEM FONOLÓGICA E GEOLINGUÍSTICA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

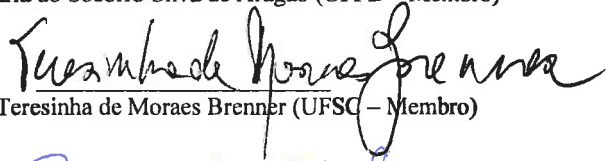
Florianópolis-SC, 21 de outubro de 2011.

Prof.ª, Dr.ª Rosângela Hammes Rodrigues
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística


Banca Examinadora:


Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (UFSC)
Orientador - Presidente


Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Silva de Aragão (UEPB – Membro)


Prof.ª Dr.ª Teresinha de Moraes Brenner (UFSC – Membro)


Prof.ª Dr.ª Edair Maria Görski (UFSC – Membro)


Prof.ª Dr.ª Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC – Suplente)

Para Lidinei Éder Orso, meu marido,
pelas horas de sono perdidas, por toda
força e apoio que me incentivaram a
cada vez mais buscar e fazer o meu
melhor.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Felício Wessling Margotti, meu orientador, pela orientação exemplar, pela atenção dedicada a mim desde o primeiro dia em que conversamos, pela disponibilidade em me ouvir e por todos os momentos em que ficou do meu lado me auxiliando e me orientado em questões de diversas naturezas.

As professoras Maria do Socorro Silva de Aragão, Teresinha de Moraes Brenner, Edair Maria Görski e Izete Lehmkuhl Coelho, por terem participado da minha Banca de Defesa, pelas valiosas sugestões e pelos olhares críticos, fundamentais para o crescimento da pesquisa.

À professora Rosângela Hammes Rodrigues, coordenadora do curso, pelos esclarecimentos sanados ao longo da minha trajetória como mestranda.

Aos professores da Pós-Graduação em Linguística, pela contribuição na minha formação durante o curso.

Aos amigos do curso de Pós-Graduação em Linguística – em especial à Roziane Keila Grando – que mesmo estando em outro estado conseguiu me apoiar e me tranquilizar nos momentos mais intensos da minha caminhada.

À Capes, pelo suporte financeiro durante a realização do curso.

À professora Rita de Cássia Mello Ferreira Margotti, pela força, pela amizade e pelas valiosas sugestões nos momentos finais do trabalho.

À Nara Roselita Kijak Bassi, minha mãe, pelo incentivo aos estudos e por sempre estar pronta para me ajudar no que fosse preciso.

À Vilson Sadi Bassi, meu pai, pelo suporte financeiro e pelas piadas sobre o [s] catarinense contadas a mim desde criança. Mal sabe ele que foi a vontade de entender esse [s] que me trouxe até aqui.

Agradeço.

“As descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado.”

(ALVAR, 1958, p. 85)

RESUMO

Esta dissertação objetiva descrever e analisar o fenômeno da palatalização da coronal anterior em posição de coda silábica na fala de informantes florianopolitanos e cariocas, a partir de amostras do Atlas Linguístico do Brasil. Baseando-nos teórico-metodologicamente na fonologia autossegmental, na geometria dos traços e na geolinguística pluridimensional, demonstramos o condicionamento do fenômeno em questão, correlacionando-o a grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. A amostra constitui-se de setecentos e oitenta e quatro dados, sendo que, destes, trezentos e cinquenta e dois foram retirados do questionário fonético-fonológico (QFF), cento e doze do questionário semântico-lexical (QSL), cento e sessenta da conversa semidirigida e cento e sessenta da leitura do texto. No decorrer da análise, procuramos detectar os contextos que mais condicionam o processo de palatalização da fricativa. Assim, nossos resultados evidenciam que nos grupos de fatores linguísticos há um maior favorecimento das formas palatais, visto que nas variáveis linguísticas as formas palatais foram mais significativas que as alveolares. No que se refere aos grupos de fatores extralinguísticos, as variáveis dimensão diafásica, dimensão diatópica e dimensão diastrática foram as mais relevantes para a pesquisa. A dimensão diageracional apresentou uma pequena significância, já a dimensão diasexual foi a menos relevante dentre as variáveis extralinguísticas controladas. Mesmo que constitua apenas uma análise introdutória sobre o fenômeno de palatalização da fricativa em coda silábica, esperamos que este estudo venha a oferecer uma contribuição às pesquisas referentes ao português falado no Brasil.

Palavras-chave: Palatalização da fricativa; Fonologia autossegmental; Geometria dos traços; Geolinguística pluridimensional.

ABSTRACT

This study aims to describe and analyze the phenomenon of the previous coronal palatalization at syllable coda position in the speech of informants' florianopolitanos and cariocas, in samples of the Linguistic Atlas of Brazil. Theoretically and methodologically based on the autosegmental phonology, on the traits geometry and on the pluridimensional geolinguistics, we demonstrate the conditioning of the phenomenon under examination, by correlating it to groups of linguistic and extralinguistic factors. The sample consisted of seven hundred eighty-four data, and, of these, three hundred fifty-two were removed from the phonetic-phonological questionnaire (PPQ), one hundred and twelve of the lexical-semantic questionnaire (LSQ), one hundred and sixty of the semi-scripted conversations and one hundred and sixty of the reading the text. During the analysis, we detect the contexts that most influence the process of palatalization of the fricative. Thus, our results show that in groups of linguistic factors there is a greater favoring the palatal forms, since in linguistic variables the palatal forms were more significant than the alveolar forms. In what concerns the groups of extralinguistic factors, the variables diaphasic dimension, diatopic dimension and diastratic dimension were the most relevant to your search. The diagenational dimension released a little significance, since the diasexual dimension was the least important among the extralinguistic variables controlled. Even if it is just an introductory discussion about the phenomenon of palatalization of the fricative in syllable coda, we hope this study will provide a contribution to research on the portuguese spoken in Brazil.

Keywords: Palatalization of the fricative; Autosegmental phonology; Traits geometry; Pluridimensional geolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Realizações palatais [ʃ, ʒ] em posição medial e final	43
Figura 2 - Sistema fonêmico consonantal do português do Brasil	63
Figura 3 - Sistema fonêmico vocálico do português do Brasil	64
Figura 4 - Regras gerais do fenômeno de ressilabificação e exemplo	66
Figura 5 - Regras gerais do processo de assimilação e exemplo	67
Figura 6 - Regra geral do fenômeno de inserção ou epêntese e exemplo	67
Figura 7 - Regra geral do fenômeno de eliminação ou apagamento e exemplo	68
Figura 8 - Regra geral do processo de palatalização e exemplo	69
Figura 9 - <i>Three tiers</i>	70
Figura 10 - Representação fonológica	71
Figura 11 - Modelo geral de organização do traço fonológico	72
Figura 12 - Representação da organização hierárquica das consoantes ...	73
Figura 13 - Representação da organização hierárquica das vogais	74
Figura 14 - Representação das fricativas alveolares [+ cor, + ant, - dist]	76
Figura 15 - Representação das fricativas palatais [+ cor, - ant, + dist]	77
Figura 16 - Representação de uma consoante complexa [ʃ]	78
Figura 17 - Representação de uma consoante simples [s]	79
Figura 18 - Representação do processo de assimilação regressiva do traço [voz]	80
Figura 19 - Demarcação dialetal do Brasil	89
Figura 20 - Espaço variacional e disciplinas da variação	97
Figura 21 - Pontos geográficos em análise	103
Figura 22 - Difusão diafásica das variantes palatais no RJ e em Florianópolis-SC	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Difusão da fricativa em coda silábica no território nacional..	42
Quadro 2 - Matriz de traços fonológicos	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Variável dependente.....	102
Tabela 2 - Dimensão diatópica - variantes.....	105
Tabela 3 - Dimensão diafásica - variantes	109
Tabela 4 - Dimensão diasexual - variantes	116
Tabela 5 - Dimensão diasexual - Florianópolis-SC	119
Tabela 6 - Dimensão diasexual - Rio de Janeiro-RJ	120
Tabela 7 - Dimensão diageracional - variantes.....	122
Tabela 8 - Dimensão diageracional - Florianópolis-SC.....	125
Tabela 9 - Dimensão diageracional - Rio de Janeiro-RJ.....	126
Tabela 10 - Dimensão diastrática - variantes	128
Tabela 11 - Dimensão diastrática - Florianópolis-SC.....	132
Tabela 12 - Dimensão diastrática - Rio de Janeiro-RJ.....	132
Tabela 13 - Posição da fricativa na palavra - variantes	136
Tabela 14 - Posição da fricativa na palavra - Florianópolis-SC	139
Tabela 15 - Posição da fricativa na palavra - Rio de Janeiro-RJ	140
Tabela 16 - Tonicidade - variantes.....	143
Tabela 17 - Tonicidade - Florianópolis-SC.....	145
Tabela 18 - Tonicidade - Rio de Janeiro-RJ	146
Tabela 19 - Contexto fonológico precedente à fricativa - variantes.....	149
Tabela 20 - Contexto fonológico precedente à fricativa - Florianópolis-SC	152
Tabela 21 - Contexto fonológico precedente à fricativa - Rio de Janeiro-RJ	153
Tabela 22 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - variantes.....	156
Tabela 23 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - Florianópolis-SC	158
Tabela 24 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - Rio de Janeiro-RJ	160
Tabela 25 - O Traço [voz] - variantes.....	162
Tabela 26 - O Traço [voz] - Florianópolis-SC.....	164
Tabela 27 - O Traço [voz] - Rio de Janeiro-RJ.....	165
Tabela 28 - Número de sílabas - variantes.....	168
Tabela 29 - Número de sílabas - Florianópolis-SC.....	170
Tabela 30 - Número de sílabas - Rio de Janeiro-RJ.....	171

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Variação do [s] palatal pós-vocálico em Florianópolis-SC ...	35
Gráfico 2 - Resultados para a palatalização da fricativa em coda em estudos realizados em Florianópolis-SC	36
Gráfico 3 - Realização da variante palatal - amostra NURC.....	37
Gráfico 4 - Variação na pronúncia do [s] no Rio de Janeiro-RJ - amostra Censo	38
Gráfico 5 - Realização da variante alveolar em Brasília-DF	40
Gráfico 6 - Ocorrência da variante alveolar e palatal em Salvador-BA ...	40
Gráfico 7 - Dimensão diatópica - presença e ausência da palatal.....	104
Gráfico 8 - Dimensão diatópica - Florianópolis-SC	106
Gráfico 9 - Dimensão diatópica - Rio de Janeiro-RJ	107
Gráfico 10 - Dimensão diafásica.....	111
Gráfico 11 - Dimensão diafásica - variantes alveolares, palatais e zero fonético.....	112
Gráfico 12 - Dimensão diasssexual - presença e ausência da palatal	115
Gráfico 13 - Dimensão diasssexual - sexo/gênero masculino	117
Gráfico 14 - Dimensão diasssexual - sexo/gênero feminino	118
Gráfico 15 - Dimensão diageracional - presença e ausência da palatal..	121
Gráfico 16 - Dimensão diageracional - jovens.....	123
Gráfico 17 - Dimensão diageracional - velhos.....	124
Gráfico 18 - Dimensão diastrática - presença e ausência da palatal.....	127
Gráfico 19 - Dimensão diastrática - escolaridade baixa	129
Gráfico 20 - Dimensão diastrática - escolaridade alta	130
Gráfico 21 - Posição da fricativa na palavra - presença e ausência da palatal.....	135
Gráfico 22 - Posição da fricativa na palavra - difusão das variantes alveolares, palatais e zero fonético.....	138
Gráfico 23 - Tonicidade - presença e ausência da palatal.....	142
Gráfico 24 - Tonicidade - variantes alveolares, palatais e zero fonético	143
Gráfico 25 - Contexto fonológico precedente à fricativa - presença e ausência da palatal.....	148
Gráfico 26 - Contexto fonológico precedente à fricativa - variantes alveolares, palatais e zero fonético.....	150
Gráfico 27 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - presença e ausência da palatal.....	155
Gráfico 28 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - variantes alveolares, palatais e zero fonético.....	157
Gráfico 29 - Traço [voz] - presença e ausência da palatal.....	161
Gráfico 30 - Traço [voz] - variantes alveolares, palatais e zero fonético	163

Gráfico 31 - Número de sílabas - presença e ausência da palatal.....	167
Gráfico 32 - Número de sílabas - variantes alveolares, palatais e zero fonético	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
CAPÍTULO I – O FENÔMENO EM ESTUDO	33
1.1 REVISÃO DA LITERATURA	33
1.1.1 Pesquisas realizadas em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ	33
1.1.2 Pesquisas realizadas em outros territórios nacionais	39
1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DAS COMUNIDADES DE FALA DE FLORIANÓPOLIS-SC E DO RIO DE JANEIRO-RJ	43
1.2.1 Florianópolis-SC	44
1.2.2 Rio de Janeiro-RJ	46
1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES DA PESQUISA	48
1.3.1 Objetivos Geral e Específicos	48
1.3.1.1 Objetivo geral	48
1.3.1.2 Objetivos específicos	48
1.3.2 Principais Questões	49
1.3.3 Hipóteses Gerais	49
CAPÍTULO II – APARATO METODOLÓGICO	53
2.1 A AMOSTRA COLETADA	53
2.2 OS PROGRAMAS UTILIZADOS	57
2.3 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES	58
CAPÍTULO III – APARATO TEÓRICO	61
3.1 ESTRUTURALISMO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONSOANTES E VOGAIS	61
3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GERATIVISMO	65
3.3 FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL E GEOMETRIA DOS TRAÇOS	69
3.4 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA	80
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	101
4.1 VARIÁVEL DEPENDENTE	101
4.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES	102
4.2.1 Variáveis Extralinguísticas	103
4.2.1.1 Dimensão diatópica	103
4.2.1.2 Dimensão diafásica	108

4.2.1.3 Dimensão diasexual	114
4.2.1.4 Dimensão diageracional	120
4.2.1.5 Dimensão diastrática	127
4.2.2 Variáveis Linguísticas.....	133
4.2.2.1 Posição da fricativa na palavra	133
4.2.2.2 Tonicidade	141
4.2.2.3 Contexto fonológico precedente à fricativa	146
4.2.2.4 Contexto fonológico seguinte à fricativa	154
4.2.2.5 Traço [voz]	160
4.2.2.6 Número de sílabas	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	178
ANEXO A.....	185
ANEXO B.....	187
ANEXO C.....	189
ANEXO D.....	191

INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscamos pesquisar o falar de Florianópolis-SC e o falar do Rio de Janeiro-RJ, fazendo, desse modo, uma descrição diatópica quanto à realização das sibilantes [s, z] e das chiantes [ʃ, ʒ] em coda silábica. Analisamos variantes fonético-fonológicas do português falado no sul e no sudeste do Brasil, com base em dados do ALiB – Atlas Linguístico do Brasil.

A variação linguística mais perceptível é a fonético-fonológica, pois este tipo de variação pode ser aferido por meio de comentários dos falantes, que conseguem identificar com facilidade as diferenças de pronúncia ou sotaque, mesmo sendo iletrados.

Segundo Chambers & Trudgill (1980, p. 5), “sotaque refere-se à maneira em que um falante pronuncia, e, portanto, refere-se a uma variedade que é fonética e/ou fonologicamente diferente de outras variedades”^{1 2}.

Abordaremos a variação fonético-fonológica, pois, conforme Brescancini (2002, p. 15),

as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas não ocorre simplesmente por opção do falante, mas obedecem a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como *regras variáveis*³, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

A formalização de regras e a expansão das possibilidades de representação são tentativas de compreensão e de explicação dos processos fonológicos, tanto dos processos que ocorrem entre diferentes falares, quanto daqueles que caracterizam línguas específicas.

Segundo Callou & Leite (1990, p. 42), “a língua é dinâmica por sua própria natureza e está sujeita a modificações. Temos de levar em consideração tanto os processos fônicos que ocorrem nas palavras isoladamente quanto as modificações que sofrem as palavras por influência de outras com que estão em contato na frase”.

¹“‘Accent’ refers to the way in which a speaker pronounces, and therefore refers to a variety which is phonetically and /or phonologically different from de other varieties” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 5).

²As traduções encontradas ao longo deste trabalho são de nossa responsabilidade.

³Grifos da autora.

Com relação ao objeto de nosso estudo, Furlan (1989) afirma que a pronúncia palatal de [s] e [z] em final de sílaba no Brasil parece estar relacionada às áreas portuárias de influência portuguesa dos séculos XVIII e XIX, como: Santos, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém, Manaus e Rio de Janeiro, o que demonstra a importância marítima para a difusão do fenômeno.

A justificativa para o fenômeno da palatalização da fricativa no Rio de Janeiro-RJ é apontada por Furlan (1989, p. 109) como sendo consequência da “relusitanização” da região, por ocasião da instalação da família real portuguesa nessa cidade a partir de 1808. Já a justificativa, apontada pelo mesmo autor, para a cidade de Florianópolis-SC, é a de que poderia haver certa influência devido à presença de um grupo de açorianos na região.

Sobre as sibilantes na língua portuguesa, citamos Câmara Jr. (1985, p. 51-2), que estabelece:

as quatro sibilantes portuguesas se reduzem a uma única, ou antes a duas, mas a neutralização da oposição entre elas fica surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *apanhe as folhas!* /apa`n,iasfô`l,as/) e sonora diante de consoante sonora (ex.: *que rasgão!* /kirazgauN/). Quanto à oposição entre consoante anterior (ou seja, sibilante) e posterior (ou seja, chiante) ela cessa em proveito de uma das modalidades, conforme o dialeto regional. É um <<*shibboleth*>>⁴ entre o português do Rio de Janeiro e quase todo o resto do Brasil, bem como Portugal, e o português de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul: ali se tem a chiante (surda ou sonora segundo a posição acima comentada); aqui se tem a sibilante (também surda ou sonora nas mesmas condições). Podemos então falar numa neutralização entre as quatro consoantes em proveito de um único traço distintivo permanente: a fricção produzida pela língua.

Ao selecionarmos áreas linguísticas, delimitamos fatores extralinguísticos determinantes dessas áreas, em virtude da possibilidade de correlação existente entre a “variante do português em estudo” e “os

⁴“Palavra que serviu como teste para distinguir os Efraimitas dos Gibeonitas” (na Judéia antiga). “Os homens de Jeftá ocupavam o passo do Jordão, com ordens de não deixar nenhum Efraimita cruzá-lo. O Efraimita, que tentasse cruzá-lo, era intimado a dizer *Shibboleth*” (sh = /s’/) “que pronunciava *Sibboleth*”. (The Modern Encyclopedia, edited by A. H. Mc Dannald 1934, p. 1082 *apud* CÂMARA JR., 1977, p. 52).

traços extralinguísticos do meio geográfico” e social, tais como: origem e etnia da população, atividades econômicas, densidade demográfica e redes de comunicação, migrações históricas, grau de isolamento e de urbanização, características do espaço em termos de relevo, vegetação e hidrografia, entre outros (cf. ALTENHOFEN, 2002, p.121).

De acordo com Callou & Leite (1990), uma língua apresenta, no mínimo, três tipos de diferenças externas: a primeira é a diferença no espaço geográfico ou variação diatópica, a segunda é a variação entre as camadas sócio-culturais ou variação diastrática e a terceira é a diferença entre os tipos de modalidade expressiva. Podemos denominar esta última de variação diafásica.

Como afirma Coseriu (1982, p. 30), a diatopia, a diastratia e a diafasia

não consideradas como tais pela linguística estrutural constituem, no entanto, o objeto próprio da dialetologia, da sociolinguística e da estilística idiomática (ou da língua). Neste sentido, precisamente, a dialetologia é “o contrário” da linguística estrutural: a linguística estrutural (“gramática”) atende à homogeneidade, a dialetologia, no que tem de específico, atende – conjuntamente com as disciplinas de seu grupo – a variedade interna das línguas⁵.

A língua é passível de variação em diversos planos, seja social, geográfico ou estilístico, e são estes planos de variação que dão origem aos dialetos sociais ou regionais de uma língua.

Podemos observar, na citação de Mattos e Silva (1991, p. 27), quanto às pesquisas sobre variação linguística realizadas no Brasil:

a bibliografia sobre a diversidade sociolinguística ou dialeção diastrática cresce, não só no âmbito da pesquisa que se desenvolve nos cursos de pós-graduação, mas em projetos maiores e abrangentes – como o pioneiro projeto NURC (Norma Urbana Culta) – e outros mais recentes –

⁵“no consideradas como tales por la linguística estructural, constituyen, en cambio, el objeto propio de la dialectología, la ‘sociolinguística’ y la ‘estilística idiomática’ (o ‘de la lengua’). En este sentido, precisamente, la dialectología es ‘lo contrario’ de la linguística estructural: la linguística estructural (‘gramática’) atiende a la homogeneidad, la dialectología, en lo que tiene de específico, atiende – conjuntamente con las disciplinas de su grupo – a la variedad interna de las lenguas” (COSERIU, 1982, p. 30).

como o Censo Sociolinguístico do Rio de Janeiro e o projeto que se desenvolve no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sobre vários aspectos de complexa diversidade linguística do Sul do Brasil (MATTOS E SILVA, 1991 apud MARGOTTI, 2004, p. 53).

Com o objetivo primordial de analisar o processo de palatalização da fricativa em coda silábica na fala de informantes florianopolitanos e cariocas; e com os objetivos específicos de investigar se o fenômeno da palatalização da fricativa ocorre com uma proporção maior em um dos dois pontos geográficos pesquisados; examinar os fatores sociais e linguísticos que favorecem ou inibem a propagação das formas palatais nas localidades estudadas; analisar se há uma difusão maior das variantes palatais em determinado estilo de fala nos diferentes pontos que a pesquisa abrange; e realizar um estudo comparativo para investigar se existem semelhanças e diferenças, com relação à ocorrência da semivogal coronal [y] no contexto precedente à fricativa, entre o português falado em Florianópolis-SC e o português falado no Rio de Janeiro-RJ; a presente pesquisa quantitativa organiza-se em quatro capítulos.

O primeiro capítulo é dedicado à revisão da literatura, com base em trabalhos realizados sobre a palatalização da fricativa em coda silábica. Buscamos, também, contextualizar sócio-historicamente as comunidades de fala de Florianópolis-SC e do Rio de Janeiro-RJ. Divulgamos detalhadamente, ainda, neste mesmo capítulo, nossos objetivos fixados e as hipóteses do trabalho.

No segundo capítulo, apresentamos a metodologia e o programa estatístico utilizados. Caracterizamos, também, neste capítulo, a amostra, as variáveis linguísticas e extralinguísticas que a pesquisa comporta.

No terceiro capítulo, discutimos os pressupostos teóricos da Fonologia Autossegmental (cf. SILVA, 2003), da Geometria dos Traços (cf. CLEMENTS, 1985; 1989; 1991; CLEMENTS & HUME, 1995) e da Geolinguística Pluridimensional (cf. RADTKE & THUN, 1996; THUN, 1998), abordagem em que baseamos nosso trabalho.

No quarto capítulo, apresentamos e discutimos os resultados da análise. Primeiramente, evidenciamos e discutimos os resultados encontrados nos grupos de fatores extralinguísticos e, em seguida, apresentamos os resultados para os grupos de fatores linguísticos que favorecem o fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica.

Após o quarto capítulo, apresentamos as considerações finais e retomamos, nestas, as hipóteses do estudo e os grupos de fatores envolvidos no favorecimento da aplicação do processo de palatalização em análise.

Finalmente, apresentamos as referências e a seção destinada aos anexos.

CAPÍTULO I – O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, delimitamos o fenômeno em estudo, baseando-nos em trabalhos realizados sobre a palatalização da fricativa em coda silábica. Relatamos, ainda, a contextualização sócio-histórica das comunidades de fala de Florianópolis-SC e do Rio de Janeiro-RJ. Apontamos, também, o objetivo geral e os objetivos específicos da nossa pesquisa, bem como delineamos as hipóteses gerais a serem testadas em nosso trabalho.

1.1 REVISÃO DA LITERATURA

Muito já se tem dito sobre o fenômeno da palatalização da fricativa em diversas regiões do país: Florianópolis-SC (FURLAN, 1982; 1989) e (BRESCANCINI, 1996; 2003); Rio de Janeiro-RJ (CALLOU & MARQUES, 1975)⁶, (CALLOU & MORAES, 1996) e (SCHERRE & MACEDO, 2000); Cordeiro-RJ (GRUYNER & MACEDO, 2000); Natal-RN (PESSOA, 1986); Brasília-DF (CORRÊA, 1998); Salvador-BA (CANOVAS, 1996) e (MOTA, 2002); João Pessoa-PB (HORA, 2000). Percebemos, então, que esse é um fenômeno recorrente no Brasil.

Apresentamos, primeiramente, os estudos sobre a palatalização da fricativa em coda silábica realizados em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ, pois estas são as localidades que a presente pesquisa contempla. Após essa síntese, apresentamos o mesmo fenômeno em questão, porém em um nível mais amplo – nacional.

1.1.1 Pesquisas realizadas em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ

A variante palato-alveolar predomina na comunidade linguística de Florianópolis-SC, resultado este apontado por Brescancini (2003)⁷, em sua pesquisa.

⁶Um dos primeiros estudos em sociolinguística no Brasil, que demonstra a relação entre as variantes de [s] final e fatores sociais, como procedência, nível cultural, profissão e idade.

⁷Brescancini (2003) afirma que o uso da variante palato-alveolar é predominante em Florianópolis. Os resultados favoreceram a aplicação da variante em 83%. Esse estudo

Em estudo anterior, Brescancini (1996) analisa os dados de 36 informantes de três regiões de Florianópolis-SC (Freguesia do Ribeirão da Ilha, Sertão do Ribeirão da Ilha e o Distrito de Florianópolis – centro) em entrevistas por ela mesma gravadas. A realização total de ocorrências da variante palatal em coda silábica chega a 61% dos dados analisados nas três localidades pesquisadas.

A autora conclui, na pesquisa realizada em 1996, que as variáveis linguísticas que se mostraram mais relevantes para o estudo são: o traço [- voz] da estrutura seguinte, a tonicidade (contextos tônicos e pré-tônicos), a posição medial, os itens lexicais (numerais e substantivos), o contexto precedente (vogais labiais e coronais) e o contexto seguinte (consoantes dorsais). Dentre as variáveis extralinguísticas, o sexo feminino, os falantes com maior grau de interação sociocultural, os falantes com menor nível de instrução (até 4 anos de escolarização) e os informantes mais jovens demonstraram uma significância um pouco maior na realização do fenômeno em questão, mas estes resultados não foram mais significantes do que os resultados obtidos através da análise das variáveis linguísticas.

A tese de doutorado de Furlan (1982), apesar de não ser uma análise quantitativa, abrange entre outros aspectos as realizações de [s] pós-vocálico em Florianópolis-SC. O autor observa, em sua pesquisa, que a variante palato-alveolar é a mais recorrente, apresentando-se em 78% dos dados coletados. Quanto às variáveis linguísticas, o autor menciona que o contexto seguinte e a posição final absoluta da fricativa na palavra influenciam na realização da variante palatal. O contexto posicional final da fricativa teve um total de 138 ocorrências (89%), sendo o mais favorecedor do fenômeno de palatalização. A posição medial teve um total de 166 ocorrências (86%), sendo seguido pela posição final de palavra diante de consoante (67%) e diante de vogal (16%). Constata, também, que há uma tendência ao favorecimento da palatalização diante de consoantes surdas, em prefixos, em palavras que possuam outra consoante fricativa palatal e em proparoxítonas e paroxítonas. Para melhor visualizar esses resultados apresentados por Furlan (1982), podemos observar o Gráfico 1.

comparado ao resultado do estudo anterior, realizado em 1996, demonstra um aumento na realização da palato-alveolar em Florianópolis-SC.

Variação do [s] palatal pós-vocálico em Florianópolis-SC

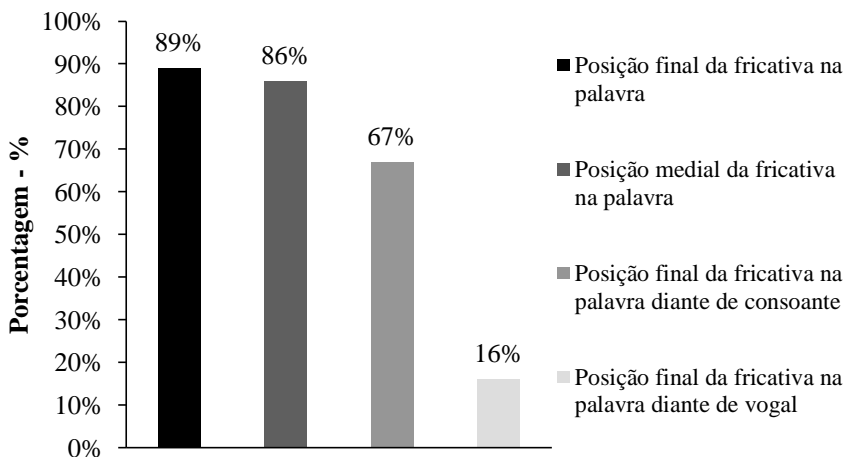


Gráfico 1 - Variação do [s] palatal pós-vocálico em Florianópolis-SC

Fonte: elaborado com base em Furlan (1982).

Furlan (1982), ao dividir o estado de Santa Catarina em três áreas distintas (falar do norte, falar central e falar do sul), conclui que a maior incidência da variante palatal ocorre na região denominada falar central, incluindo, então, Florianópolis.

Para uma contemplação geral dos resultados obtidos nas pesquisas de Furlan (1982), Brescancini (1996; 2003) e Bassi (2011), visualizamos o Gráfico 2 que reproduz os resultados da realização do fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano, resultados esses que foram divulgados pelos autores em questão.

Os dados do gráfico mostram que em Florianópolis-SC o fenômeno da palatalização existe e sua ocorrência está em equilíbrio, visto que ora a frequência de realização da palatal aumenta, ora diminui. Conforme estudos de Brescancini, os resultados de 1996 totalizam 61% de palatalização e os dados coletados sete anos depois, em 2003, alcançam 83% de ocorrências da variante palatal. No entanto, em 2011, Bassi, nesta presente pesquisa, conclui que a palatal realiza-se em 65% dos dados analisados em Florianópolis-SC. Assim, há um decréscimo na

realização da forma palatal se compararmos os resultados de Furlan (1982) e Brescancini (1996) e de Brescancini (2003) e Bassi (2011).

Resultados para a palatalização da fricativa em coda em estudos realizados em Florianópolis-SC

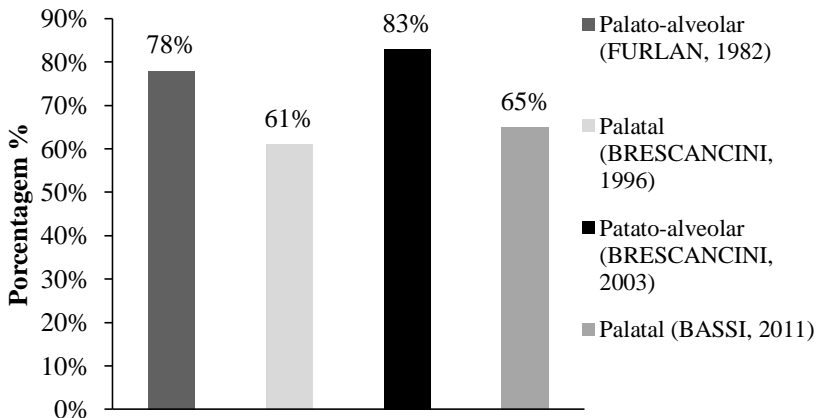


Gráfico 2 - Resultados para a palatalização da fricativa em coda em estudos realizados em Florianópolis-SC

Fonte: elaborado com base em Furlan (1982), Brescancini (1996; 2003) e Bassi (2011).

Callou & Marques (1975) analisam a pronúncia de 36 informantes quanto à realização do [s] implosivo no Rio de Janeiro-RJ (zona urbana) e levam em conta três parâmetros, a saber: o diatópico, o diastrático e o diagenérico. Dentre os fatores linguísticos, a posição final absoluta mostra um maior favorecimento da realização da variante palatal, no entanto, o fenômeno se realiza também em posição medial e diante de consoantes [+ voz]. Os informantes de nível superior, que pertencem ao grupo de fator escolaridade, portanto uma variável extralinguística, apresentam uma maior incidência quanto à proliferação do fenômeno da palatalização da fricativa. Tal fato é de suma importância, principalmente na dimensão diastrática.

A pesquisa quantitativa de Callou & Moraes (1996) abrange 30 inquiridos da amostra do Projeto NURC/Brasil, sendo 06 informantes de cada capital brasileira, a saber: Recife-PE, Salvador-BA, Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP e Porto Alegre-RS. Levam em consideração, ainda, três faixas etárias, o sexo dos informantes e apontam, também, para uma

tendência constante à palatalização em contexto fonológico medial. Foram obtidos, nessa análise, os seguintes resultados: São Paulo-SP e Porto Alegre-RS apresentam certa homogeneidade na realização quase absoluta da variante alveolar; no Rio de Janeiro-RJ a variante palatal predomina em 82% das realizações do fenômeno; no Recife-PE esta última variante também prevalece em 69% das ocorrências da fricativa em coda silábica; e em Salvador-BA há certo equilíbrio na produção das variantes (45% alveolar e 44% palatal). Para melhor visualizar e/ou comparar os resultados apresentados na pesquisa de Callou e Moraes (1996), observamos o Gráfico 3.

Realização da variante palatal - amostra NURC

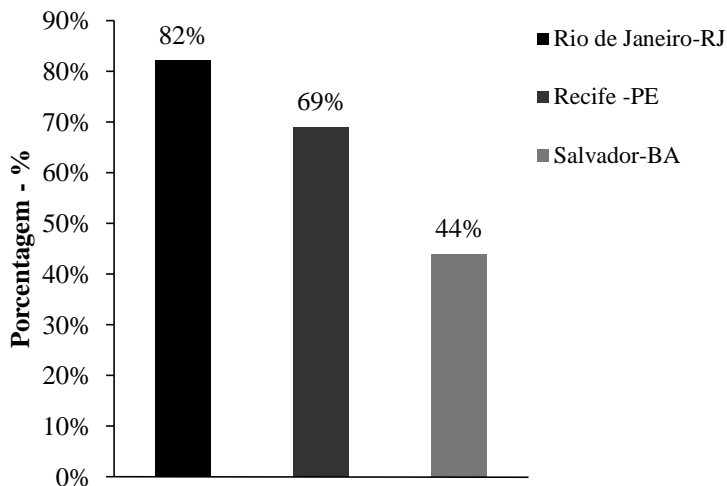


Gráfico 3 - Realização da variante palatal - amostra NURC

Fonte: elaborado com base em Callou & Moraes (1996).

Scherre & Macedo (2000) analisam 3.914 dados produzidos por 18 informantes da amostra Censo, divididos por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. A pesquisa quantitativa em questão compreende a variação da pronúncia do [s], com vistas a relacionar essa variação com o morfema de plural [s], juntamente com as regras de concordância. As autoras demonstram, com apoio do programa estatístico VARBRUL, como variáveis linguísticas relevantes: o contexto seguinte à fricativa,

sendo que a maior ocorrência se deu com as consoantes surdas; o tipo de item lexical, sendo os mais significativos os itens verbos e nomes próprios, seguidos pelos substantivos, numerais e adjetivos; e a posição da fricativa na palavra, sendo que a posição medial teve uma maior incidência na realização da variante palatal. As autoras constataam, também, uma predominância das variantes palatais (62%), seguida das variantes alveolares (22%), do zero fonético (9%) e das variantes aspiradas glotais (7%). Quanto às variáveis extralinguísticas, as mulheres, os menos escolarizados e os mais jovens, foram os que mais realizaram a variante palatal. Este fato aponta uma situação de fortalecimento e/ou conservação da pronúncia palatal no Rio de Janeiro-RJ.

Podemos demonstrar melhor os resultados do estudo de Scherre & Macedo (2000), sobre a variação da pronúncia do [s] no Rio de Janeiro-RJ, no Gráfico 4.

Variação na pronúncia do [s] no Rio de Janeiro-RJ - amostra Censo

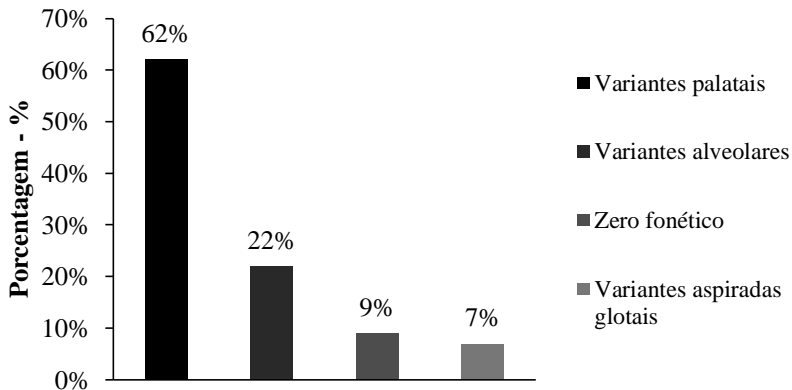


Gráfico 4 - Variação na pronúncia do [s] no Rio de Janeiro-RJ - amostra Censo
Fonte: elaborado com base em Scherre & Macedo (2000).

A amostra de Gryner & Macedo (2000) sobre a comunidade rural de Cordeiro, situada na divisa do estado do Rio de Janeiro com Minas Gerais, é composta por 22 informantes de ambos os sexos, distribuídos em três classes sociais, em três faixas etárias e em três níveis de escolaridade. A amostra conta com um total de 5.000 ocorrências de [s] em coda silábica. Para essa pesquisa quantitativa, foram relevantes as seguintes variáveis linguísticas: o contexto fonológico seguinte à

fricativa, o qual aponta para um favorecimento maior da palatalização diante de consoantes que possuem os traços fonológicos [+ coronal] e [-voz] em sílaba tônica; a sonoridade; o contexto fonológico precedente à fricativa; e a tonicidade. Quanto às variáveis extralinguísticas, a escolaridade e a faixa etária foram as mais significativas na realização da palatal.

Passamos agora para os estudos realizados sobre o fenômeno da palatalização em outras localidades, que também são de suma importância, já que tratam do mesmo processo em análise na presente pesquisa.

1.1.2 Pesquisas realizadas em outros territórios nacionais

A pesquisa realizada por Pessoa (1986) sobre o falar de Natal-RN, a qual a integra ao Projeto “O português de Natal: variantes sociolinguísticas”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, constitui uma amostra de 04 mulheres (02 com nível superior incompleto de classe média alta e 02 com nível baixo de escolaridade), sendo que suas idades variam de 20 a 25 anos. Nesse estudo, a fricativa alveolar predomina no grupo que possui uma escolaridade mais elevada. O grupo de escolaridade baixa favorece o processo de palatalização, segundo a autora, principalmente nos contextos fonológicos seguintes iniciados por consoantes coronais, em posição medial e em juntura vocabular.

Corrêa (1998), sobre o falar brasiliense, obteve como resultado para a variante alveolar 97%, para a variante aspirada 2% e 1% para zero fonético. A autora conclui, então, que a variante alveolar é predominante em Brasília-DF e que algumas realizações da variante palatal foram idiosincrasias na fala de apenas alguns informantes. Para demonstrar melhor o resultado encontrado pela autora, visualizamos o Gráfico 5.

Realização da variante alveolar em Brasília-DF

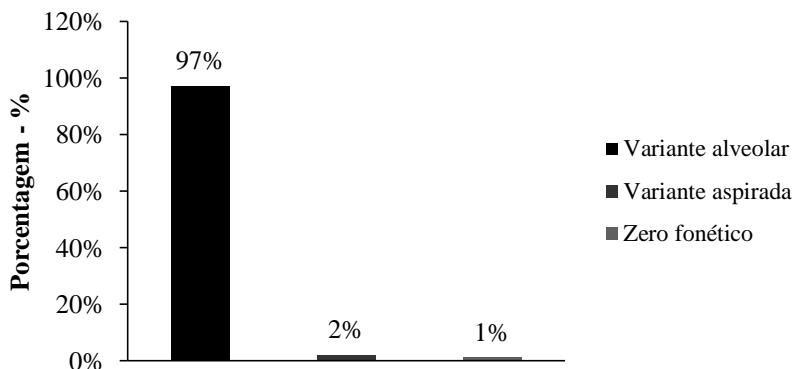


Gráfico 5 - Realização da variante alveolar em Brasília-DF

Fonte: elaborado com base em Corrêa (1998).

A pesquisa de Canovas (1996) sobre o falar de Salvador-BA analisa 3.547 ocorrências da fala de 45 informantes, levando em consideração as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade. Estas duas últimas foram mais relevantes na ocorrência da fricativa alveolar, ocorrendo em 50% dos casos; já a variante palatal ocorreu com uma frequência um pouco menor, em 48% das realizações. Esta última, no entanto, obteve o maior índice diante de consoante coronal surda. Podemos visualizar esses resultados no Gráfico 6.

Ocorrência da variante alveolar e palatal em Salvador-BA

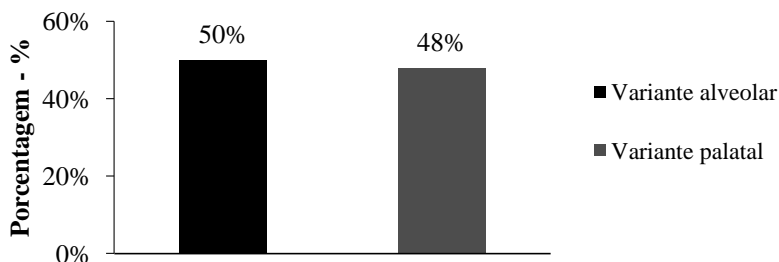


Gráfico 6 - Ocorrência da variante alveolar e palatal em Salvador-BA

Fonte: elaborado com base em Canovas (1996).

A pesquisa quantitativa de Hora (2000) refere-se à produção palatal em João Pessoa-PB, que é condicionada pelo contexto fonológico seguinte (consoantes coronais, dorsais e labiais), pela categoria gramatical (verbo) e pelo tamanho do vocábulo (duas sílabas). Quanto às variáveis sociais, foram analisadas 03 faixas etárias, sendo que os informantes da segunda faixa etária (26 a 49 anos) favoreceram a produção da palatal. Já em relação ao nível de escolaridade, o autor percebe na pesquisa em questão que quanto menos escolaridade o informante tem, mais realizações de variantes palatais ele produz. Em estudo sobre a avaliação subjetiva, o autor constata, também, que o informante pessoense com maior escolaridade discrimina a variante palatal ‘chiada’, preferindo a produção alveolar. Constatou, no entanto, no trabalho supracitado, que a variante palatal e a alveolar estão em equilíbrio.

Mota (2002), que também estuda o falar de Salvador-BA, analisa quantitativamente uma amostra de 15.000 ocorrências resultantes de 50 informantes (32 da década de 70, *corpus* Projeto NURC, e 18 da década de 90, do Projeto de Estudo da Variação em Tempo Real – PROVAR). A autora relata que a ocorrência das palatais é favorecida pela posição da fricativa na palavra (posição medial) e pelo contexto fonológico seguinte (consoantes coronais). Quanto à variável social, a autora afirma que a 1ª faixa etária da década de 70 favorece mais a realização do fenômeno da palatalização do que as outras faixas etárias que foram selecionadas para o estudo em questão.

Podemos concluir, então, com base nesses estudos realizados no Brasil sobre o fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica, que na região Nordeste há o predomínio da forma alveolar e da forma palatal. Resultado este que é refutado apenas no Recife-PE, já que tal localidade apresenta maiores realizações para a forma palatal. Vale, no entanto, ressaltar que algumas pesquisas apontam a variante palatal como a predominante e em outros estudos a variante alveolar prevalece, há, com isto, um equilíbrio nas realizações dessas variantes na referida região.

Nas regiões Sul e Sudeste não há predomínio absoluto de nenhuma das formas, pois há localidades que tendem a realizar a variante alveolar, como é o caso de São Paulo-SP e Porto Alegre-RS, e outras localidades que preferem a variante palatal, como ocorre em Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ.

Quanto às regiões Norte e Centro-Oeste, não há muito que se falar, pois poucos estudos foram feitos em tais regiões. No entanto, em Brasília-DF, como mencionamos anteriormente, a pesquisa de Corrêa (1998) constata que existe uma realização alveolar quase absoluta. Podemos observar e comparar no Quadro 1, os resultados dos estudos resenhados nesta pesquisa sobre o fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica.

Difusão da fricativa em coda silábica no território nacional	
<i>Região Sul</i>	
Localidade	Variante mais realizada
Porto Alegre-RS	alveolar
Florianópolis-SC	palatal
<i>Região Sudeste</i>	
Localidade	Variante mais realizada
Rio de Janeiro-RJ	palatal
São Paulo-SP	alveolar
<i>Região Centro-Oeste</i>	
Localidade	Variante mais realizada
Brasília-DF	alveolar
<i>Região Nordeste</i>	
Localidade	Variante mais realizada
Salvador-BA	alveolar/palatal
Recife-PE	palatal
João Pessoa-PB	alveolar/palatal
Natal-RN	alveolar/palatal

Quadro 1 - Difusão da fricativa em coda silábica no território nacional

Fonte: elaborado por nós.

Para uma visualização mais ampla da realização do [s] em coda silábica no Brasil, podemos observar a Figura 1, que traz uma distribuição diatópica nas capitais, com base em dados do Projeto ALiB sobre as realizações palatais [ʃ, ʒ] em posições medial e final.

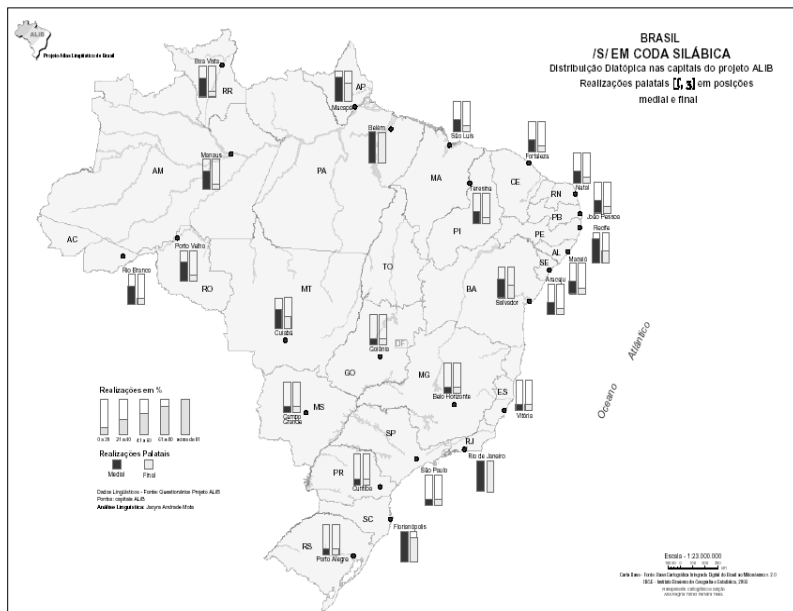


Figura 1 - Realizações palatais [ʃ, ʒ] em posição medial e final

Fonte: elaborado por Mota (2010)⁸, com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

A seguir, apresentamos a contextualização sócio-histórica das comunidades de fala de Florianópolis-SC e do Rio de Janeiro-RJ, localidades incluídas na presente pesquisa.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DAS COMUNIDADES DE FALA DE FLORIANÓPOLIS-SC E DO RIO DE JANEIRO-RJ

Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ caracterizadas, respectivamente, são duas capitais brasileiras. A primeira pertence à região Sul, e a segunda se localiza na região Sudeste. Desse modo, consideramos a dimensão diatópica, pois tratamos de duas localidades diferentes. Cabe ressaltar que este parâmetro em análise tem suas bases fixadas na dialetologia pluridimensional, que faz parte de uma das

⁸Apresentado no VIII WorkALiB, Salvador-BA, Julho de 2010.

perspectivas que a presente pesquisa abrange. Dessa maneira, consideramos pertinente a contextualização sócio-histórica destas duas capitais brasileiras.

1.2.1 Florianópolis-SC

Baseando-nos em dados históricos, contextualizamos Florianópolis a partir dos seus primeiros habitantes – os povoadores e os colonizadores – enfatizando, assim, um pouco mais a colonização açoriana, já que acreditamos que podemos fazer algumas relações com a colonização e o fenômeno em estudo. Apresentamos, também, o perfil da cidade de Florianópolis, nome dado em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, conhecida por Nossa Senhora do Desterro até meados de 1894.

Por volta de 1400, a Ilha passa a ser ocupada por indígenas da nação Carijó e por migrantes da nação Tupi-Guarani. No entanto, quando a Ilha ainda era habitada pelos Carijós, no início do século XVI, os europeus chegam à localidade. Estes passam, então, a caçar, a escravizar e a exterminar os Carijós, e os poucos que sobreviviam aos ataques dos europeus acabavam adoecendo com as doenças trazidas pelos homens brancos (cf. FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995).

No século XVII, iniciou-se efetivamente a colonização portuguesa no Estado de Santa Catarina. Por volta de 1675, Francisco Dias Velho funda a então chamada Nossa Senhora do Desterro. Na época, a localidade tinha somente 400 habitantes que se dividiam em familiares, agregados e escravos do fundador. Furlan (1982, p. 84) afirma, sobre a colonização de Santa Catarina, que esta foi “o pólo que concentrou não só os povoadores luso-açorianos, mas também a posterior comunicação com os centros irradiadores da pronúncia palatal, a saber, Lisboa e, depois, Rio de Janeiro”.

Em 1687, Dias Velho aprisiona um navio corsário e envia os piratas para São Paulo com sua carga. A Fazenda Real toma a carga e liberta os prisioneiros que retornam à Ilha para se vingar. Dias Velho é morto e sua família retorna para São Paulo. No vilarejo sobraram, depois da tragédia, poucos moradores.

Com isso, após 1700, chega à Ilha de SC o lisboeta Manoel Manso de Avelar, que se torna um líder da povoação. No entanto, o povoado não cresce significativamente, pois em Desterro não havia mais do que 27 casas e 130 habitantes. A povoação passa a se desenvolver somente 26 anos depois, impulsionada por projetos militares, pela

colonização açoriana e pela pesca à baleia. Desterro, também nessa mesma época, torna-se Vila, desmembrando-se de Laguna.

De 1748 até 1756, de acordo com Furlan (1989), desembarcam no litoral de Santa Catarina 6071 açorianos que se somaram aos 4197 catarinenses, resultando, desse modo, em um aumento demográfico de mais de 144%. Esses colonizadores, no entanto, tinham alguns objetivos quando decidiram ocupar essa parte específica do Brasil, os quais eram: preparar as terras para o cultivo de alimentos, gerando, assim, mais empregos; além de ocupar as terras do sul do Brasil, disputadas pela Espanha (cf. FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995).

O primeiro dos objetivos que levaram os açorianos à colonização de Santa Catarina não foi de fácil concretização, pois as terras não eram férteis para a produção de alimentos e várias catástrofes naturais ocorreram neste período, dificultando ainda mais a vida dos colonizadores e dos outros habitantes da localidade.

O cultivo de trigo, por exemplo, cultura tradicional dos Açores, não se adaptou ao clima, as terras foram sendo abandonadas e o trabalho agrícola foi substituído por outros ofícios e pela pesca. Aqueles que resistiram às dificuldades e resolveram permanecer na localidade e no cultivo agrícola, dedicaram-se, então, à produção da mandioca, uma herança Carijó desconhecida pelos colonizadores, e ao preparo da farinha, que passou a ser uma das principais fontes de renda das famílias açorianas.

No entanto, segundo Farias (1998), os colonizadores açorianos trouxeram várias contribuições para a agricultura local, a saber: produziram diversas espécies de uvas; iniciaram a produção de vinho no século XVIII; introduziram o cultivo de cana-de-açúcar, de vagens, de couves, de figos e de laranjas; e produziram, também, a partir de 1796, o cultivo do café. Além disso, eles tentaram introduzir na agricultura local o trigo e a cevada, mas não obtiveram bons resultados devido ao clima da região que não contribuiu para a produção desses cereais.

Na cultura local, os açorianos tiveram grande influência com: a produção artesanal; os jogos; as danças; a literatura; a religiosidade, bem como as festas religiosas; as técnicas de produção agrícola; a gastronomia; a mitologia; a medicina popular; a arquitetura; e “o linguajar local, caracterizado pelo ‘som cantado’ e pela alta velocidade de flexão vocal” (cf. FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995, p. 29).

No século XX, notam-se algumas mudanças em Florianópolis-SC, a saber: a iluminação elétrica; os veículos motorizados; as redes de esgotos; os avanços nos meios de comunicação; e as melhorias nas condições de higiene e saúde. Em 1926, inaugura-se a ponte Hercílio Luz e, no fim da década de 50 e início da década de 60, há a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina. Já em 1992, cria-se o Núcleo de Estudos Açorianos, que tem o objetivo de resgatar as raízes históricas e culturais açorianas da população regional.

1.2.2 Rio de Janeiro-RJ

Contextualizamos o Rio de Janeiro com base em dados históricos enfatizando a colonização portuguesa (lisboeta), pois acreditamos que, assim como a colonização açoriana em Florianópolis, a colonização portuguesa pode contribuir para uma provável explicação e/ou relação com o fenômeno de palatalização da fricativa. Apresentamos, além disso, o perfil da cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1565, por Estácio de Sá, e chamada de São Sebastião do Rio de Janeiro em homenagem ao então rei de Portugal, D. Sebastião. No entanto, alguns anos depois, a cidade passa a ser nomeada de Rio de Janeiro e prevalece até hoje com o mesmo nome.

Segundo Callou & Serra (2007), não há dados históricos e nem números precisos que possam afirmar com exatidão o momento da chegada dos portugueses ao Rio de Janeiro, sendo que até hoje não temos tal informação. No entanto, há uma estimativa, conforme relatos expostos pelo barão do Rio Branco, que se baseou, em 1585, nas informações apresentadas pelo padre José de Anchieta de que o total de habitantes brancos era de 750, o total de índios era de 3000 e havia, também, 100 escravos. Assim, conforme Enders (2002, p. 6), “não se pode negar que a antiga capital do Brasil foi de fato o cadinho de uma nação mestiça”.

No século XVII, o RJ passou a desempenhar um papel marítimo importante para o transporte de açúcar e transformou-se, com a descoberta do ouro, intermediário entre a área de mineração e a metrópole. Já no século XVIII, mais precisamente no ano de 1763, o Rio de Janeiro tornou-se a capital do Brasil e, assim, a principal cidade brasileira.

Em março de 1808, partindo de Lisboa, chega ao Rio de Janeiro a Família Real Portuguesa, pois Portugal havia sido invadido por tropas de Napoleão Bonaparte e se encontrava em meio a uma instabilidade política e econômica. O príncipe regente D. João, filho da rainha D.

Maria I, faz-se acompanhar da Corte composta por mais de 10.000 pessoas. Com a chegada da Corte, a cidade do Rio de Janeiro e as terras vizinhas passaram a se desenvolver significativamente, com inúmeros melhoramentos urbanos. Transferiram-se para o Brasil todos os órgãos da Administração Pública e da Justiça portuguesa, criaram-se, também, hospitais e quartéis, além de inúmeras expedições científicas iniciadas na, então, capital brasileira.

A nobreza se estabeleceu nas regiões comparadas aos sítios da Itália e da Suíça. Já no centro do Rio de Janeiro, ficavam os pequenos comerciantes e os artesãos, nas áreas ao norte e ao oeste, predominava a população mais carente.

Entre 1830 e 1840, há uma queda na mineração do ouro, e o café tornou-se o novo produto de exportação, período em que “os barões do café”, como eram chamados os grandes produtores de café, passaram a ocupar as proximidades da baía da Guanabara.

Quanto ao número de habitantes do Rio de Janeiro, entre 1838 e 1920, passa de 137.000 para 1.150.000. Com esse aumento demográfico de mais de 739%, a urbanização, então, atinge localidades que antes eram consideradas rurais.

No século XIX, os estudos que eram implantados seguiam a direção de que a língua portuguesa falada e escrita no Rio de Janeiro era diferente da língua falada e escrita pelos portugueses. A partir disso, criaram-se várias gramáticas a fim de afirmar e/ou de relatar as possíveis diferenças quanto à sintaxe e à fonologia, contrastando ambas as línguas. Com relação a esse fato, Arno & Maria José Wehling (1994, p. 225) afirmam que

a vinda para o Brasil, atraídos pelas minas, de cerca de 800 mil portugueses certamente contribuiu para consolidar a língua do colonizador. Mas o fator decisivo parece ter sido a firme decisão do governo pombalino de impor o português como língua falada no país, extinguindo o bilinguismo existente até então.

No entanto, décadas após a época pombalina, que tinha como objetivo definir uma mudança na opção linguística da população branca e parda que falava outras línguas, o sistema de ensino criado no Brasil ainda tinha dificuldades em manter a língua portuguesa como língua única, de maneira a excluir as outras línguas existentes. Mas, com o passar das gerações, as línguas foram sendo substituídas pela língua

portuguesa, pois, como afirma Furlan (1989), a pronúncia dos portugueses passou a ser o modelo imitado pela população.

Podemos dizer, então, que a língua constitui-se em um instrumento de uso do colonizador para facilitar o domínio sobre a terra a ser colonizada, como, por exemplo, os portugueses quando determinaram a colonização do Rio de Janeiro e objetivaram a homogeneização da língua falada pela Corte.

A seguir traçamos os objetivos, as questões e as hipóteses da pesquisa e logo após evidenciamos o aparato metodológico da nossa dissertação.

1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES DA PESQUISA

1.3.1 Objetivos Geral e Específicos

1.3.1.1 Objetivo geral

- (i) Descrever e analisar o fenômeno da palatalização da fricativa em posição de coda silábica na fala de informantes florianopolitanos e cariocas.

1.3.1.2 Objetivos específicos

- (i) Investigar se o processo de palatalização da fricativa ocorre com uma proporção maior em um dos dois pontos geográficos pesquisados: Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ.
- (ii) Examinar os fatores sociais e linguísticos que favorecem ou inibem a propagação das formas palatais nas localidades estudadas.
- (iii) Analisar se há uma propagação maior das variantes palatais em determinado estilo de fala nos diferentes pontos que a pesquisa abrange.
- (iv) Realizar um estudo comparativo para investigar se existem semelhanças e diferenças, com relação à ocorrência da semivogal coronal [y] no contexto precedente à fricativa, entre o português falado em Florianópolis-SC e o português falado no Rio de Janeiro-RJ.

1.3.2 Principais Questões

- (i) O fenômeno da palatalização da fricativa é propagado em número maior em um dos dois pontos geográficos que o estudo abrange ou é realizado da mesma forma em ambas as localidades?
- (ii) Quais são os fatores sociais e linguísticos que favorecem ou inibem a difusão das variantes palatais nos diferentes pontos pesquisados?
- (iii) Há variação no modo de propagação das formas palatais, em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ, quanto à dimensão diafásica considerando os estilos de fala: Leitura de Texto, Conversa Semidirigida e Resposta ao Questionário?
- (iv) Existem semelhanças e diferenças, quanto à realização da semivogal coronal [y] no contexto precedente à fricativa, entre o falar florianopolitano e o falar carioca?

1.3.3 Hipóteses Gerais

Há um número bastante significativo de pesquisas sobre variação no âmbito do Português Brasileiro, especialmente estudos de variação sociolinguística. A produção palato-alveolar de [s], por exemplo, já foi objeto de estudo em diversas regiões no país. Orientando-nos em alguns desses trabalhos, expressamos parâmetros para embasamento de nossa pesquisa. Dessa maneira, nosso estudo está norteado pelas seguintes hipóteses que pretendemos confirmar ou retificar ao fim de nosso trabalho:

- (i) *Há variação no grau de difusão do processo de palatalização da fricativa, visto que no Rio de Janeiro-RJ as formas palatais ocorrem com maior intensidade do que em Florianópolis-SC.*

A pronúncia da chiante em final de sílaba no Brasil parece estar relacionada às áreas de antigos portos dos séculos XVIII e XIX e de forte influência portuguesa, a saber: Santos, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém, Manaus e Rio de Janeiro. Comprova-se, assim, a importância da comunicação marítima para a difusão do fenômeno da palatalização da fricativa (cf. FURLAN, 1989).

Pressupondo que a transformação da sibilante para a chiente ocorreu aproximadamente no século XVII, que a pronúncia da palatal iniciou-se na área meridional de Portugal e que a pronúncia da chiente em final de sílaba no Brasil está relacionada aos antigos portos e à comunicação marítima dos séculos XVIII e XIX, podemos considerar, então, que a palatalização da fricativa iniciou-se no século XVII e, por volta dos séculos XVIII e XIX os brasileiros já conheciam tal pronúncia advinda de Portugal.

O contato linguístico entre portugueses e cariocas “[...] deve ter-se originado no Rio de Janeiro, através do contínuo vai-e-vem da elite administrativa, social e intelectual entre a capital federal⁹ e as cidades portuárias” (cf. FURLAN, 1982, p. 228).

(ii) A propagação das variantes palatais nos pontos (áreas) da pesquisa é favorecida pelos fatores sociais – sexo/gênero feminino, faixa etária mais jovem e nível de escolaridade baixa –; e pelos fatores linguísticos – posição medial, segmento tônico, contexto precedente após as vogais coronais, contexto seguinte antes de consoantes dorsais, traço [-voz] e no segmento dissílabo.

Tais hipóteses levam em conta diversas tendências já apontadas por outros estudos sobre a palatalização da fricativa em coda silábica. Assim, a hipótese de que a difusão das formas palatais é favorecida pelas mulheres fundamenta-se na ideia bastante propagada de que elas são mais susceptíveis à inovação linguística do que os homens. Por outro lado, a hipótese dos informantes mais jovens serem os que mais produzem variantes palatais baseia-se na ideia de que eles se identificam mais com essas formas linguísticas, sendo que, as mesmas são vistas pelos jovens como marcas de identidade. Quanto à hipótese referente ao nível de escolaridade, a ideia de que o fenômeno da palatalização da fricativa é mais favorecido por informantes que possuem escolaridade baixa pauta-se na noção de que as variantes palatais são portadoras de um tipo de prestígio local que tem mais relação com os regionalismos da fala e/ou com a comunidade linguística.

Com relação às hipóteses de que a difusão das formas palatais é favorecida pelo segmento tônico e pelo traço [-voz] apóiam-se na ideia de que há maior energia articulatória para a sua realização, portanto, ocorrem nestes referidos contextos. Quanto às hipóteses de que as formas palatais realizam-se mais no contexto medial, precedente após as

⁹A cidade do Rio de Janeiro foi capital da República até a inauguração de Brasília, na década de 1960.

vogais coronais, seguinte antes de consoantes dorsais e no segmento dissílabo fundamentam-se em estudos realizados no território brasileiro sobre o mesmo processo de palatalização da fricativa em análise.

(iii) *A difusão das formas palatais é favorecida pelos estilos mais informais de fala, conversa semidirigida e resposta aos questionários; do que pelo estilo mais formal, leitura de texto, em ambas as localidades estudadas.*

Consideramos que a conversa semidirigida, a resposta aos questionários e a leitura de texto representam um *continuum* que vai de uma forma mais descuidada a uma forma mais cuidada de interação. Desse modo, quanto mais informal for o estilo, menor o grau de atenção e monitoramento da fala, assim, será menor a difusão das variantes alveolares e maior a propagação das formas palatais.

(iv) *Existem semelhanças e diferenças, quanto à ocorrência da semivogal coronal [y] no contexto precedente à fricativa, levando em conta o português falado em Florianópolis-SC e o português falado no Rio de Janeiro-RJ.*

Segundo Teyssier (1984, p. 82), a pronúncia de [s] e [z] em coda silábica parece não mais seguir totalmente as inovações européias, apresentando caráter conservador. Dessa forma, “inova ao provocar o aparecimento de um iode antes da pronúncia chiante de [s] e [z] em final de sílaba, como para atrás[y]s, lu[y]z e pé[y]s”.

Conforme Furlan (1982), a variante palatal implosiva produzida na região litorânea central de Santa Catarina diferencia-se da mesma variante produzida na mesma posição nos estados vizinhos – Rio Grande do Sul e Paraná – e no interior do próprio estado. No entanto, assemelha-se a outros falares brasileiros de forte influência portuguesa, a saber: o carioca e o nordestino.

Se levarmos em consideração que em ambas as localidades há a presença da chiante, temos uma semelhança. Se considerarmos que em uma capital temos ditongação (ex.: mesmo [meyʃmu]) e em outra monotongação (ex.: dois [doʃ]), temos uma diferença.

Furlan (1982), com relação à supressão da semivogal [y]¹⁰ diante da variante palatal em posição implosiva, afirma que esta supressão quase não ocorre na região caracterizada como *falar central*, por aqueles

¹⁰O autor registrou maior incidência em numerais (dois, seis) e advérbios, tanto em final de palavra seguido por consoante quanto em posição final absoluta.

que utilizavam a variante alveolar, e é quase inexistente no *falar do sul* e no *falar do norte*¹¹, regiões em que o esperado é a ditongação. Além do mais, este é justamente o fato, segundo o mesmo, que afasta a palatalização do [s] implosivo catarinense do mesmo fenômeno carioca, no qual ocorre também a ditongação seguida pela palatalização.

Acreditamos, também, que a pronúncia palatal destas duas localidades é advinda do português europeu, considerando que Florianópolis-SC foi colonizada por açorianos e Rio de Janeiro-RJ por lisboetas.

¹¹Furlan (1982) divide o estado de Santa Catarina em: falar do norte, falar do centro e falar do sul.

CAPÍTULO II – APARATO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentamos a abordagem metodológica que o estudo abrange, incluindo a amostra coletada e os programas utilizados para a análise estatística e cartográfica dos dados. Caracterizamos, também, a variável dependente e as variáveis independentes (extralinguísticas e linguísticas) que a pesquisa comporta.

2.1 A AMOSTRA COLETADA

A amostra para esta pesquisa compreende o banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, que tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. O projeto do ALiB iniciou-se em 1996, e hoje é coordenado por um Comitê Nacional presidido por Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Universidade Federal da Bahia), composto pela diretora executiva, Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia) e pelos(as) diretores(as) científicos(as): Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará), Maria do Socorro Silva Aragão (Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba), Ana Paula Antunes Rocha (Universidade Federal de Ouro Preto), Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina), e Cléo Vilson Altenhofen (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

O Atlas Linguístico do Brasil é composto por 250 localidades, distribuídas por todo o território brasileiro e por 1100 informantes. Abrange, também, mais de 500 questões, distribuídas em Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Semântico-Lexical (QSL) e em Questionário Morfossintático (QMS); ambos aplicados a informantes urbanos em cidades de grande e médio porte, inclusive capitais. Além disso, possui questões referentes à pragmática e à prosódia, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos, questões de natureza metalinguística e texto para leitura.

Optamos em trabalhar com o ALiB, pois o mesmo contempla tanto as entrevistas feitas com informantes de Florianópolis quanto do Rio de Janeiro. Já o ALERS se detém em entrevistas feitas somente na

região Sul do Brasil. Neste caso, Rio de Janeiro, que pertence à região Sudeste do Brasil, se encontra fora da amostra desse Atlas.

O presente estudo aborda o questionário fonético-fonológico, o questionário semântico-lexical, o discurso semidirigido e a leitura de texto. O QFF do ALiB contém 159 questões, mas como vamos nos ater somente ao fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica, selecionamos destas somente 22 questões¹² – o que dá um total de 352 dados fonético-fonológicos entre Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ – cujos itens respondidos atendem ao fenômeno que está em análise.

Tal questionário é orientado, principalmente, no sentido de identificar as áreas em que ocorrem fatos fônicos já documentados em pesquisas anteriores, embora algumas questões sejam dirigidas também a fatos mais marcados do ponto de vista diastrático ou diafásico. Dessa forma, o propósito do QFF é coletar variações na pronúncia dos itens pesquisados.

Como ilustração, vejamos as questões 63 (TRÊS) e 69 (DESVIO) retiradas do ALiB (2001) e formuladas com o objetivo de apurar a variação na realização do arquifonema /S/ em coda silábica:

63. O que é que vem depois do dois?

TRÊS.

Resposta e pronúncia de um informante florianopolitano – Três [ˈtɾɛʃ].

Resposta e pronúncia de um informante carioca – O três [uˈtɾɛjʃ].

69. Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

DESVIO.

Resposta e pronúncia de um informante florianopolitano – Um desviu [ũdɛʒˈviw].

Resposta e pronúncia de um informante carioca – Um desvio [ũdʒiʒˈviu].

De acordo com o propósito do QFF, busca-se que o informante dê como resposta o termo específico da questão, embora com as variações de ordem fônica. Assim, se o informante responde “OUTRA ESTRADA” ou “RUA” para a questão 69, tal resposta não atende aos objetivos do QFF. Por esse motivo, os itens contemplados neste questionário são os mais gerais possíveis, com vistas a possibilitar a resposta de informantes de todas as partes do país.

¹²Conforme anexo A.

O QSL do ALiB contém 202 questões, das quais selecionamos apenas 07¹³, que atendem aos objetivos da nossa pesquisa, aplicadas aos 16 informantes (08 florianopolitanos e 08 cariocas) que compõem o *corpus* em análise, totalizando, assim, 112 dados semântico-lexicais. Os itens do QSL se distribuem por 14 áreas semânticas, a saber: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo, Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Ciclos da Vida, Convívio e Comportamento Social, Religião e Crenças, Jogos e Diversões Infantis, Habitação, Alimentação e Cozinha, Vestuário e Acessórios, e Vida Urbana. Destas áreas semânticas abordamos apenas 04, nas quais encontramos a fricativa em coda silábica: Corpo Humano, Ciclos da Vida, Jogos e Diversões Infantis e Vida Urbana.

No QSL, ao contrário do QFF, pretende-se que o informante responda com as palavras que conhece para o conceito pedido. No questionário é apresentada uma ou mais possibilidades de termos, mas essas não restringem as respostas, servem tão somente para guiar os inquiridores na realização dos inquéritos.

A fim de exemplificação, vejamos a questão 200 (ÔNIBUS, ÔNIBUS URBANO) retirada do ALiB (2001), que tem interesse diatópico e objetiva a documentação do registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral na localidade.

200. A condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

Possibilidades de termos: ÔNIBUS, ÔNIBUS URBANO.

Resposta e pronúncia de um informante florianopolitano – Ônibus [ˈõnibus].

Resposta e pronúncia de um informante carioca – Ônibus [ˈõnibus].

Sabemos desse modo que, nesse tipo de questionário, o informante pode alternar de uma resposta para outra e pode pronunciar diferentes itens como resposta. Para não enviesar a análise da pesquisa, buscamos somente as questões em que os informantes responderam o mesmo item lexical em cada questão selecionada, mesmo que nas outras respostas a fricativa em coda silábica fosse contemplada, como no exemplo proferido pelo informante carioca exposto anteriormente.

Com o discurso semidirigido pretende-se apurar as diferenças diafásicas, através de um registro do discurso mais coloquial e/ou

¹³Ver anexo B.

espontâneo do informante. Estes discursos permitem que o informante fale livremente a respeito do que gostaria de se pronunciar, tanto sobre os temas propostos (Relato pessoal, Comentário, Descrição e Relato não pessoal), quanto sobre algo que ele ache relevante. Nessa etapa da entrevista, obtém-se um discurso que fornece numerosos dados para diferentes tipos de pesquisa.

Optamos em pesquisar a conversa semidirigida, abordando o tema proposto que se intitula de Relato Pessoal¹⁴, assim, o inquiridor pede para que o informante conte um acontecimento e/ou um fato marcante em sua vida (casamento, namoro etc.). Pensamos que como neste tipo de discurso, mais espontâneo, o informante estará relatando algo que aconteceu com ele próprio, sua atenção estará mais concentrada no tópico da conversa e menos em sua fala. Para a análise, selecionamos as 10 primeiras ocorrências da fricativa em coda, presentes nos relatos pessoais de cada um dos 16 informantes, totalizando, desse modo, 160 dados de conversa semidirigidas.

A leitura do texto *Parábola dos Sete Vimes*¹⁵ objetiva a análise da variação diafásica, através de um registro mais tenso e cuidado do informante. Selecionamos ao longo da leitura de texto realizada pelos 16 informantes, 10 itens que condizem com o objeto em estudo, totalizando, assim, 160 dados. O texto posto para leitura constitui um material de fácil vocabulário, a fim de facilitar a leitura do informante e não causar nenhum constrangimento para este perante uma palavra de difícil pronúncia e/ou compreensão.

Segundo Margotti (2004, p. 22), a “conversa é um estilo de fala mais descuidado do que resposta ao questionário, e este estilo de fala, por sua vez, é mais descuidado do que leitura, tendo em vista a influência do ensino escolar, pautado pela variedade linguística de prestígio, designado genericamente de português-padrão”.

Para a verificação do comportamento da fricativa em coda silábica nas localidades de Florianópolis-SC (230) e do Rio de Janeiro-RJ (202), utilizamos a amostra do Projeto ALiB, cuja descrição foi especificada anteriormente, na qual selecionamos 352 dados do QFF, 112 do QSL, 160 da conversa semidirigida e 160 da leitura de texto, que totaliza 784 dados que comportam a pesquisa.

Para a análise dos dados fonéticos, primeiramente, fizemos a coleta do *corpus* nas transcrições do ALiB e confirmamos as respostas e as referidas transcrições fonéticas nos áudios do mesmo. No caso do

¹⁴Conforme anexo C.

¹⁵Ver anexo D.

discurso semidirigido e da leitura de texto, fizemos diretamente as transcrições fonéticas, visto que não possuíamos a transcrição desses itens. Após isso, segmentamos os dados fonéticos em tabelas de acordo com o número da pergunta presente no Questionário 2001 do ALiB, os itens lexicais escolhidos e as respectivas transcrições fonéticas. Dividimos, ainda, os dados que abrangem o QFF, o QSL (juntamente com as áreas semânticas abordadas), o Discurso Semidirigido e a Leitura de Texto. Depois, analisamos e codificamos os dados para fazer as rodadas estatísticas. Utilizamos para isto o programa Goldvarb. Em seguida, depois do tratamento estatístico dos dados, apresentamos a representação dos resultados através de tabelas, quadros, gráficos e cartas linguísticas.

Quanto ao detalhamento e/ou perfil dos informantes, para cada capital pesquisada o número de entrevistas coletadas é de 08, distribuídos por duas faixas etárias: os mais jovens de 18 a 30 anos (Faixa1) e os mais velhos de 50 a 65 anos (Faixa 2), e de ambos os sexos. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, possuindo dessa forma até a 7ª série do ensino fundamental (escolaridade baixa), e ter profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que esteja inserida no contexto social daquela determinada localidade. Já para as capitais, o banco de dados também é composto de 04 informantes possuidores de nível universitário (escolaridade alta, ou seja, 3º grau). Em virtude disso, os informantes além de terem nascido na localidade em análise, devem ser, preferencialmente, filhos de pais da mesma região em estudo, com exceção de cidades recentemente construídas. Assim, podemos perceber que o ALiB inova quando incorpora a dimensão diassocial (sexo/gênero), a dimensão diageracional (faixa etária), a dimensão diastrática (escolaridade) e a dimensão diafásica (estilos de fala) no *corpus* da pesquisa, além de entrevistar informantes urbanos.

2.2 OS PROGRAMAS UTILIZADOS

A presente investigação fonológica e geolinguística do fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca constitui uma análise quantitativa, já que utilizamos o conjunto de programas estatísticos do pacote Goldvarb (Robinson *et al.*, 2001), versão 2.0, desenvolvido pela *University of Pennsylvania*. Optamos por

utilizá-lo, pois o mesmo inclui melhorias do pacote Varbrul (Pintzuk, 1988), que foi desenvolvido para ambiente DOS, enquanto o Goldvarb foi construído para ambiente Windows, além de apresentar várias extensões para a interface do usuário. Este pacote estatístico fornece, de acordo com Scherre e Naro (1997, p. 95),

[...] pesos relativos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores ou variáveis independentes consideradas, bem como a seleção destes grupos em função de sua relevância estatística para a variação do fenômeno analisado. Os pesos relativos atribuídos indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes do fenômeno linguístico analisado (a variável dependente) [...].

Salientamos, no entanto, que apesar de o programa fornecer pesos relativos, iremos trabalhar somente com percentuais, pois acreditamos que o fenômeno da palatalização da fricativa seja um processo categórico em ambas as localidades e, assim, teremos inúmeros *Knockouts* que impedirão o programa de gerar os pesos relativos para a análise.

O presente estudo, também, utiliza o programa Excel para a análise dos dados, já que o mesmo permite a obtenção de relatórios diversos e respectivas cartas geolinguísticas com quadros de frequência, para descrição e análise.

2.3 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Estabelecemos como variável dependente em nosso estudo a presença da palatal surda [ʃ] ou sonora [ʒ], a presença da alveolar surda [s] ou sonora [z] e a presença de zero fonético [∅]. Buscando verificar os contextos favorecedores para cada uma das variantes, optamos pelas variáveis independentes especificadas nos próximos parágrafos.

Em relação às variáveis sociais ou extralinguísticas, optamos por: sexo/gênero (feminino e masculino); escolaridade (baixa – até a 7ª série e alta – nível universitário); e idade (faixa 1 – mais jovens – 18 a 30 anos e faixa 2 – mais velhos – 50 a 65 anos). A dimensão diafásica também está contemplada, pois se refere às respostas aos questionários, a conversa semidirigida e a leitura de texto, além do fator geográfico diatopia (localidade), já que pesquisamos dois pontos distintos – Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ.

Dentre as variáveis linguísticas, selecionamos: a posição da fricativa na palavra (em posição medial, antes de pausa seguida de consoante, antes de pausa seguida de vogal, em juntura intervocabular – sândi, em posição final absoluta e ausência da fricativa¹⁶); a tonicidade (pré-tônico,ônico, pós-tônico e ausência da fricativa); o contexto fonológico precedente à fricativa (vogais labiais, vogais coronais, vogal dorsal, semivogal coronal, semivogal labial, nasal e ausência de contexto fonológico precedente); o contexto fonológico seguinte à fricativa (consoantes dorsais, consoantes coronais anteriores, consoantes labiais e ausência de contexto fonológico seguinte); quanto ao traço [voz] (-vozeado [s, ʃ], +vozeado [z, ʒ] e zero [ø]); e quanto ao número de sílabas (monossílabo, dissílabo, trissílabo e ausência da fricativa).

¹⁶ Acrescentamos a variável “ausência da fricativa” em alguns grupos de fatores, pois percebemos que um informante florianopolitano não relatou nenhum item lexical no Discurso Semidirigido e não fez a Leitura de Texto. Então, para que pudéssemos codificar os outros dados desse mesmo participante, tivemos que adicionar mais essa variável à nossa análise.

CAPÍTULO III – APARATO TEÓRICO

Evidenciamos, neste capítulo, algumas noções sobre o Estruturalismo (Círculo de Praga e o Sistema Fonêmico Consonantal e Vocálico da língua portuguesa) e o Gerativismo. Após essas considerações, que julgamos necessárias quando se aborda um fenômeno fonológico como esse que analisamos, apresentamos a Fonologia Autossegmental (cf. SILVA, 2003) e a Geometria dos Traços (cf. CLEMENTS, 1985; 1989; 1991; CLEMENTS & HUME, 1995), que também condizem com a perspectiva fonológica.

Quanto à perspectiva Geolinguística, apresentamos algumas considerações sobre a dialetologia, sobre a geografia linguística, sobre dialeto e sobre língua. Demonstramos, também, o método utilizado, as limitações e as inovações de alguns dos atlas linguísticos elaborados na Europa e na América Latina, além dos atlas que estão em diferentes níveis de produção no território brasileiro. Divulgamos, além disso, as três fases dos estudos dialetais no Brasil e uma possível quarta fase, proposta por Mota & Cardoso (2006). Por fim, mostramos os pressupostos da Dialetologia, interrelacionando a Geografia Monodimensional, a Sociolinguística e a Geografia Pluridimensional (cf. RADTKE & THUN, 1996; THUN, 1998), na qual baseamos nossa pesquisa.

3.1 ESTRUTURALISMO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONSOANTES E VOGAIS

Lepschy (1975) afirma que o Círculo Linguístico de Praga foi fundado em outubro de 1926, por iniciativa de V. Mathesius, e teve significativa participação de três linguistas russos na atividade do círculo: S. Karcevskij, R. Jakobson e N. S. Trubetzkoy.

Trubetzkoy (1958), juntamente com outros linguistas que fazem parte do Círculo Linguístico de Praga, expõe a noção de neutralização, distinguindo as oposições constantes (membros que ocorrem no mesmo ambiente) e as oposições neutralizáveis (em que se encaixa o sistema das sibilantes [s, z]). Essas neutralizações abrangem as oposições isoladas, ou seja, oposições dentro do sistema que ocorrem entre dois membros.

A neutralização pode ser explicada através de um exemplo retirado de Câmara Jr. (1977), o qual afirma que as consoantes ântero-linguais [s, z] e as consoantes pósterio-linguais [ʃ, ʒ] se opõem em língua portuguesa em posição intervocálica e em início de palavra, como é o caso de: a[s]a:a[z]a, a[ʃ]a:a[ʒ]a, [s]inco:[z]inco, [ʃ]a:[ʒ]a. Ainda, de acordo com o autor, não há contraste entre esses quatro fonemas em coda silábica, podendo se realizar como consoante surda ou sonora, a depender da pronúncia do falante, da região e/ou do contexto fonológico seguinte.

Conforme resoluções do Círculo Linguístico de Praga, quanto à oposição de neutralização, a significância está apenas nos traços que são iguais aos dois membros, ou seja, no conjunto de traços compartilhados pelos fonemas correspondentes, excluindo, assim, os traços distintivos que os oporiam. O arquifonema, então, poderia ser realizado como um som foneticamente idêntico a um dos membros opostos ou como um som intermediário entre esses membros¹⁷. No exemplo de neutralização anteriormente exposto, usaríamos o arquifonema /S/ para representar qualquer um dos quatro segmentos em coda silábica¹⁸. O arquifonema, assim, representa a neutralização da oposição de dois ou mais fonemas já estabelecidos em outros contextos.

Segundo Callou e Leite (1990, p. 52-3), a preocupação central dos linguistas do Círculo de Praga foi

estender à parte sonora da linguagem as ideias de Ferdinand de Saussure, mantendo constante a dicotomia língua-fala e estabelecendo uma unidade operacional mínima e discreta, o fonema, que pertenceria a *langue*, suas variações fonéticas, as variantes posicionais, combinatórias e estilísticas, pertencendo a *parole*. Na escola de Praga o fonema é conhecido como um feixe de traços distintivos, cada traço que compõe o feixe operando em oposição a um outro traço componente de outro fonema.

Segundo Câmara Jr. (1985, p. 35), o fonema abrange vários sons vocais elementares, são as variantes ou alofones de um fonema. Há dois tipos de alofones: o da variação social e o alofone posicional. Este

¹⁷Quando o elemento ocorre na oposição de neutralização, ele não é determinado pelo contexto. O arquifonema, então, é representado pelo membro não-marcado da oposição, já que representa as características comuns aos dois membros (FISCHER – JORGENSEN, 1975).

¹⁸As quatro consoantes se neutralizam em proveito de um único traço distintivo permanente – a fricção produzida durante a articulação (cf. CÂMARA JR., 1977).

último dá “o sotaque local da nossa fala, distinguindo, por exemplo, o falar do Rio de Janeiro e o de São Paulo, e, até, de maneira geral, a pronúncia brasileira e a portuguesa”.

Callou & Leite (1990, p. 56) afirmam, quanto aos alofones das fricativas, que há um debordamento parcial e não total dos alofones, uma vez que

há um condicionamento fonético para os sons debordantes: [s], [z] e [ʒ] como alofones respectivamente de /s/, /z/ e /ʒ/ estariam limitados ao ambiente intervocálico e inicial de palavra. Já [z], que seria submembro do fonema /s/, só ocorre diante de consoante sonora, nos dialetos que não palatalizam; nos dialetos que palatalizam, como o carioca por exemplo, o fonema /s/ teria três alofones: [s] ocorrendo em posição intervocálica e inicial de palavra; [ʃ] ocorrendo diante de consoante surda e [ʒ] ocorrendo diante de consoante sonora.

Câmara Jr. (1977), inspirado no estruturalismo de Praga, descreve, segundo as oposições oral/nasal, oclusivas/fricativas, articulação labial, ântero-lingual (consoante não-palatalizada¹⁹) e pósterio-lingual (consoante palatalizada), o sistema fonêmico das consoantes do português do Brasil, geometricamente, inserindo-o em figuras de três membros, ou seja, triângulos, conforme mostra a Figura 2²⁰.

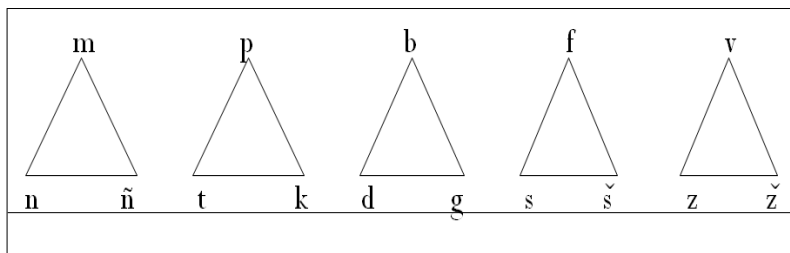


Figura 2 - Sistema fonêmico consonantal do português do Brasil

Fonte: elaborado por nós com base em Câmara Jr. (1977).

¹⁹Também classificada como consoante “dura”.

²⁰As Figuras, Quadros e Gráficos que compõem este trabalho foram elaborados pela autora deste, com base nos autores mencionados nas referidas fontes.

O ápice do triângulo se caracteriza como labial e a base como lingual (anterior X posterior). Para ilustrar, o segundo triângulo é portador dos elementos oclusivos surdos e indica oposição de ponto de articulação. A oposição de sonoridade se realiza entre os elementos do segundo e terceiro triângulos, bem como entre os do quarto e quinto.

A classificação das vogais, segundo Câmara Jr. (1985, p. 41), “tem de partir da posição tônica. Daí se deduzem as vogais distintivas portuguesas”. Elas constituem, também, um sistema triangular, porém, vocálico. Para demonstrar a classificação das vogais, vejamos a Figura 3.

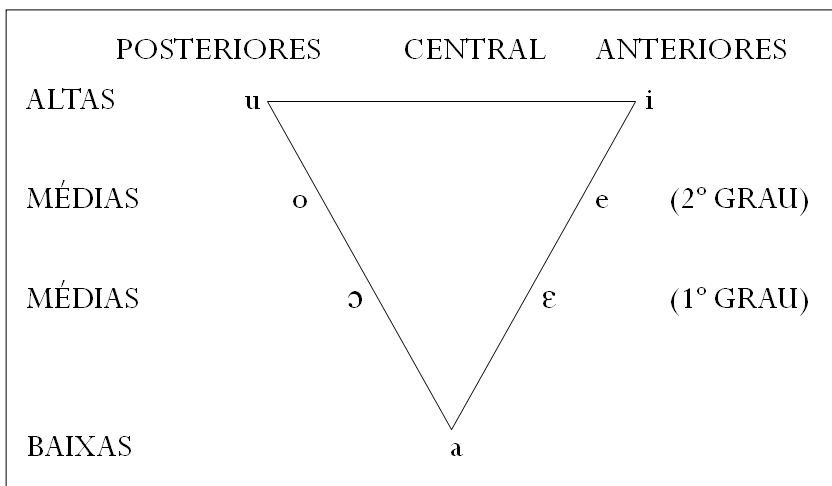


Figura 3 - Sistema fonêmico vocálico do português do Brasil

Fonte: elaborado por nós com base em Câmara Jr. (1985).

De acordo com Câmara Jr. (1985, p. 41), a articulação da parte anterior,

central (ligeiramente anterior) e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais – anteriores, central e posteriores. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas.

Para Câmara Jr. (1985, p.43), é bastante diferente o sistema vocálico, quanto às posições átonas, “do português europeu (na base do dialeto de Lisboa) e o português brasileiro (na base do registro formal do dialeto social culto na base da área do país cujo centro é o Rio de Janeiro)”.

A diferença entre os dois sistemas fonêmicos apresentados por Câmara Jr. (1977; 1985) define-se em considerar uma vogal como um som, em que a corrente de ar passa livremente, e que na produção de uma consoante, há um desvio na passagem de ar, ou uma tremulação da língua, que condiciona uma vibração à corrente de ar.

3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O GERATIVISMO

Partindo para a fonologia gerativa, retomamos a publicação de *The Sound Pattern of English* de Chomsky & Halle (1968), no qual os autores apresentam o sistema de traços fonológicos distintivos utilizados para a descrição dos segmentos que funcionam conjuntamente em regras fonológicas e propiciam um tipo de formalização mais econômica e natural.

Com relação aos traços fonológicos, Mateus (1990) estabelece a seguinte matriz de traços para as consoantes alveolares e palatais:

	s	z	ʃ	ʒ
soante	-	-	-	-
anterior	+	+	-	-
coronal	+	+	+	+
recuado	-	-	+	+
distribuído	-	-	+	+
voz	-	+	-	+
estridente	+	+	+	+
contínuo	+	+	+	+

Quadro 2 - Matriz de traços fonológicos

Fonte: elaborado por nós com base em Mateus (1990).

Se indicarmos apenas os traços que determinam as fricativas alveolares [- soante, + anterior, + coronal, - recuado, - distribuído, + estridente e + contínuo], temos um segmento de traços comuns a [s] e [z].

Cagliari (2002, p. 99) afirma que “as alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos”. Ressaltamos alguns desses processos fonológicos.

Brescancini (1996) diz, quanto ao fenômeno da ressilabificação, que se a fricativa ocorrer antes de uma vogal, o que pode acontecer

também em final de palavra, a sibilante adquire vozeamento, assim como seu traço [+ anterior], passando a [z].

Um exemplo desse fenômeno ocorre quando um falante pronuncia a sequência de palavras sem fronteira “camisas amassadas”, cuja transcrição é [ka.mi.za.za.ma.'sa.dəs], sendo que podemos perceber na sílaba em destaque a juntura intervocabular que ocorreu de acordo com o fenômeno denominado sândi²¹. A Figura 4 mostra as regras do processo de ressilabificação e um exemplo de fronteira de palavra e outro de sândi.

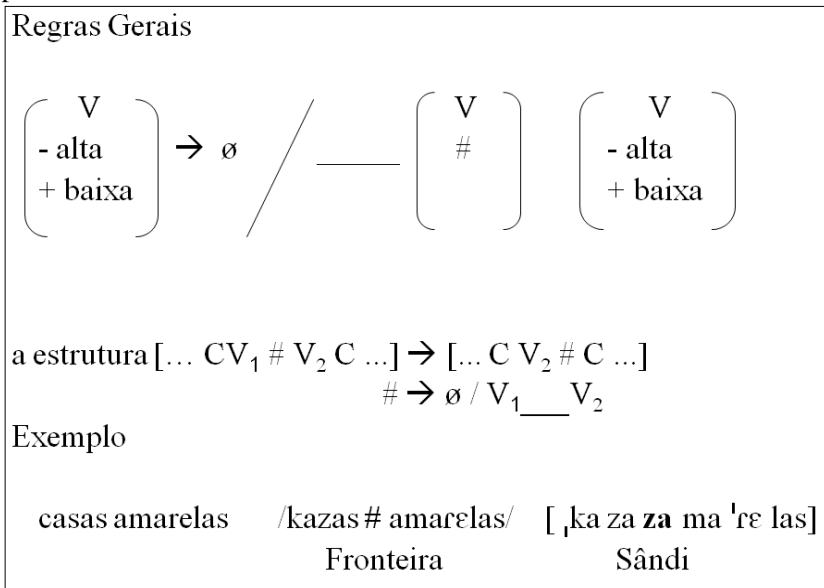


Figura 4 - Regras gerais do fenômeno de ressilabificação e exemplo

Fonte: elaborado por nós com base em Cagliari (2002).

O processo de assimilação ocorre, segundo Mateus (1990), no caso em que o segmento assimila-se em vozeamento à consoante seguinte. Temos desse modo, a assimilação de sonoridade.

Conforme Cagliari (2002, p. 99), “a assimilação ocorre quando um som torna-se mais semelhante a outro, que lhe está próximo, adquirindo uma propriedade fonética que ele não tinha”. As regras

²¹“O Sândi é um fenômeno que ocorre nas fronteiras de palavras (juntura intervocabular). Consiste na transformação de estruturas silábicas nesse contexto, causada, em geral, pela queda de vogais ou pela formação de ditongos ou mesmo pela ocorrência peculiar de certos sons” (cf. CAGLIARI, 2002, p. 105).

gerais e um exemplo do processo de assimilação em que o arquifonema /S/ está envolvido podem ser visualizados na Figura 5.

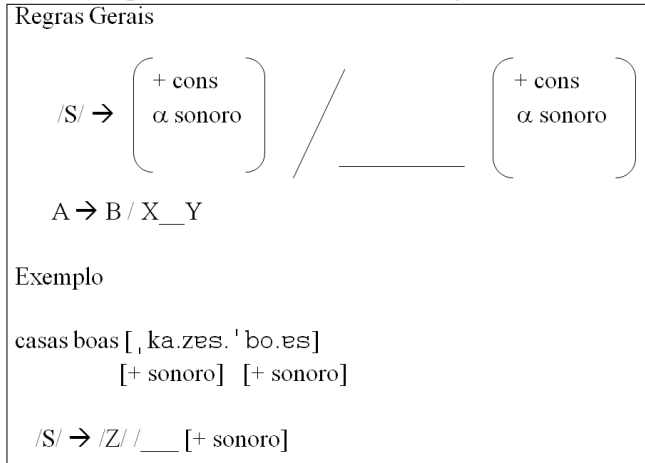


Figura 5 - Regras gerais do processo de assimilação e exemplo

Fonte: elaborado por nós.

O fenômeno de inserção ou epêntese ocorre “quando há o acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema. Uma vogal acentuada seguida de uma fricativa alveolar surda [s], em final de sílaba, torna-se ditongada com o acréscimo de um segmento, que é um [i]” (cf. Cagliari, 2002, p. 100-1). Na Figura 6 apresentamos a regra que condiz com esse fenômeno e um exemplo do mesmo.

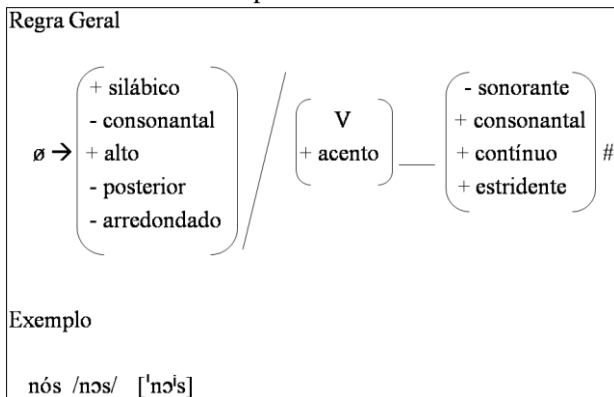


Figura 6 - Regra geral do fenômeno de inserção ou epêntese e exemplo

Fonte: elaborado por nós com base em Cagliari (2002).

Conforme Cagliari (2002, p. 101), o fenômeno de eliminação ou apagamento “ocorre quando há supressão de um segmento da forma básica de um morfema. Na regra a seguir se lê: apaga-se o [i] átono em final de palavras, quando precedido por uma africada palatoalveolar [tʃ]”. Demonstramos, na Figura 7, a regra geral do fenômeno em questão juntamente com um exemplo.

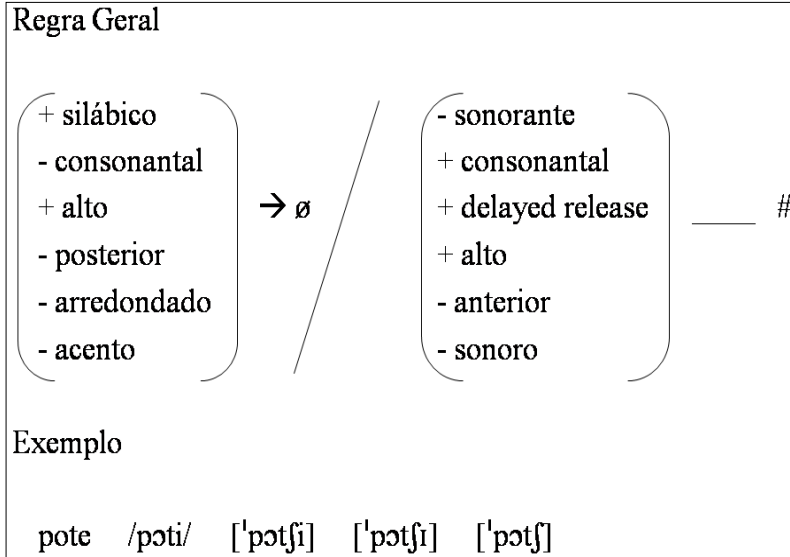


Figura 7 - Regra geral do fenômeno de eliminação ou apagamento e exemplo

Fonte: elaborado por nós com base em Cagliari (2002).

Conforme Mateus (1990), quando o segmento consonântico altera o ponto de articulação para uma articulação palatal, temos o fenômeno chamado de palatalização.

Cagliari (2002, p. 102-3) afirma que um segmento torna-se palatal ao “adquirir uma articulação secundária palatalizada (do tipo [tʃ]), ou africativizada (do tipo [tʃ]) ou um deslocamento articulatorio em direção ao lugar de articulação palatal (como uma velar anteriorizada [k])”. Na Figura 8 podemos visualizar uma oclusiva alveolar [d] que se torna uma africada palatoalveolar [dʒ], quando precede uma vogal anterior fechada [i]. Segue a regra geral do processo de palatalização e exemplo do mesmo fenômeno.

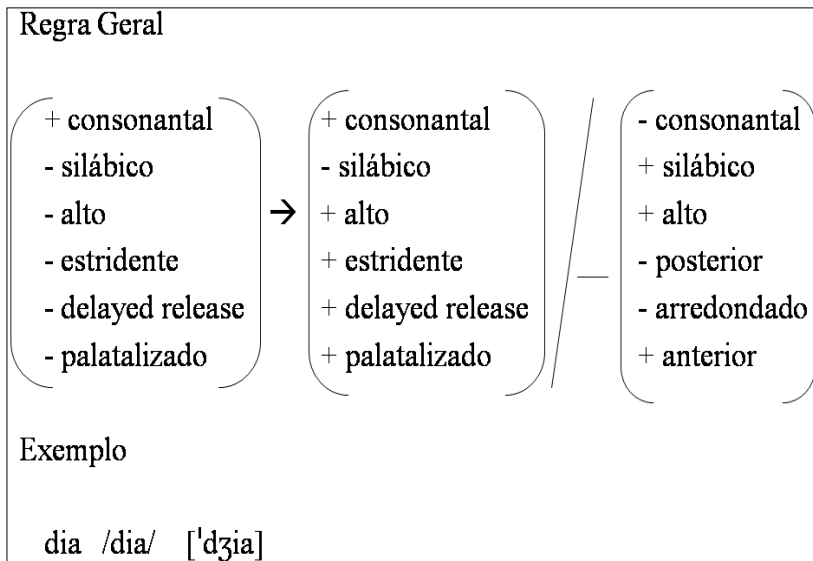


Figura 8 - Regra geral do processo de palatalização e exemplo

Fonte: elaborado por nós com base em Cagliari (2002).

Nessas regras e processos fonológicos podemos notar que a sibilante alveolar, assim como a chiante, são produzidas de acordo com o contexto fonológico precedente ou seguinte, pois estes influenciam a pronúncia de um falante de maneira significante.

3.3 FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL E GEOMETRIA DOS TRAÇOS

Passamos para o estudo da Fonologia Autossegmental, que possibilita a segmentação dos sons da língua, operando com segmentos simples/complexos e matrizes de traços fonológicos.

A Teoria Autossegmental, proposta por Goldsmith (1976), trata do desenvolvimento de estruturas alternativas não lineares, entendida como uma nova versão da fonologia gerativa. Os traços são constituídos de camadas segmentais, sendo assim, autossegmentos. Esses autossegmentos não correspondem ao número de fonemas existentes em uma determinada estrutura.

Conforme Clark & Yallop (1990, p. 344), “os traços estão conectados uns aos outros por ‘linhas de associação’”²². Os traços fonológicos, então, podem se estender além de um segmento e o apagamento de um segmento não implica que todos os traços que o compõem desapareçam.

A representação fonológica não linear é considerada um objeto tridimensional, com camadas de segmentos, sílabas e traços, sendo que estas estão ligadas a uma camada central que consiste de *slots* (camadas abstratas) representadas pelo símbolo X, às quais os segmentos nas outras camadas estão associados.

Os segmentos apresentam uma estrutura interna de traços organizada hierarquicamente. A partir disso, a Fonologia Autossegmental analisa os segmentos em *tiers* - camadas - que dividem as cadeias sonoras (sílabas, segmentos e traços).

Clements (1985; 1991) afirma que os traços que compõem os segmentos são adjacentes e constituem uma representação tridimensional que permite distinguir *tiers*. Desse modo, concebe a sílaba estabelecendo princípios universais e regras específicas que governam a estrutura silábica. A sílaba apresenta, segundo o autor, uma estrutura de três níveis: *syllable tier*, *skeletal tier*; e *segmental tier*, que exhibe a representação fonética dos segmentos.

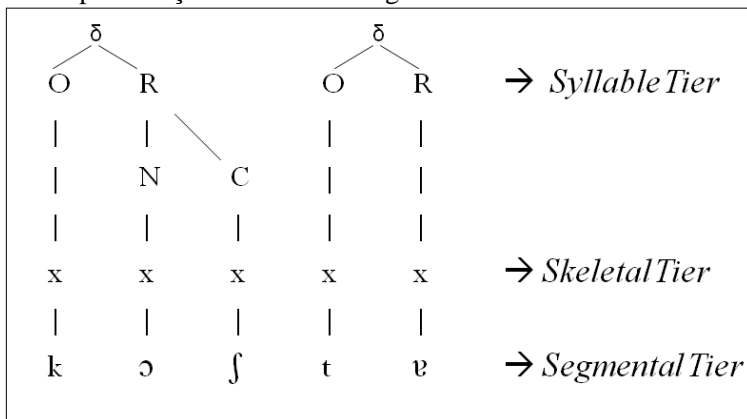


Figura 9 - Three tiers

Fonte: elaborado por nós com base em Silva (2003).

Conforme Silva (2003), a Fonologia Autossegmental estabelece que posições nucleares sejam associadas aos seus segmentos no nível da

²²“The tiers are connected to each other by ‘association lines’” (CLARK & YALLOP, 1990, p. 344).

representação fonológica. Os demais constituintes silábicos – *onset*, rima e coda – são associados aos seus segmentos no processo de silabificação. Cada sequência (*onset* + rima) deve ser associada a uma sílaba que é representada pelo símbolo δ . Sendo assim, a sílaba consiste em um ataque (O) e uma rima (R); a rima por sua vez, consiste em núcleo (N) e coda (C).

Goldsmith (1990) afirma sobre as três subpartes da sílaba: o *onset* (ataque) é ocupado por zero ou mais consoantes; o núcleo é composto por uma vogal; e a coda silábica se constitui de zero ou mais consoantes.

O núcleo, então, representa o elemento indispensável na estrutura, pois carrega o acento, o qual é reposicionado se o núcleo é apagado. O ataque e a rima podem ser vazios e/ou opcionais; assim, a perda do ataque ou da coda, por exemplo, não modifica a sílaba e não reposiciona o acento. O ataque e a rima podem receber, também, vários elementos, ao contrário do núcleo, que possui somente uma posição.

De acordo com Brescancini (1996, p. 137), “o núcleo mais a coda estão mais estreitamente ligados do que o ataque mais o núcleo. Consequentemente, formam um subconstituente adicional chamado rima”.

Na Figura 10 temos a representação fonológica da palavra ‘festa’ e sua respectiva silabificação. Podemos perceber que na representação fonológica as posições nucleares estão associadas a segmentos.

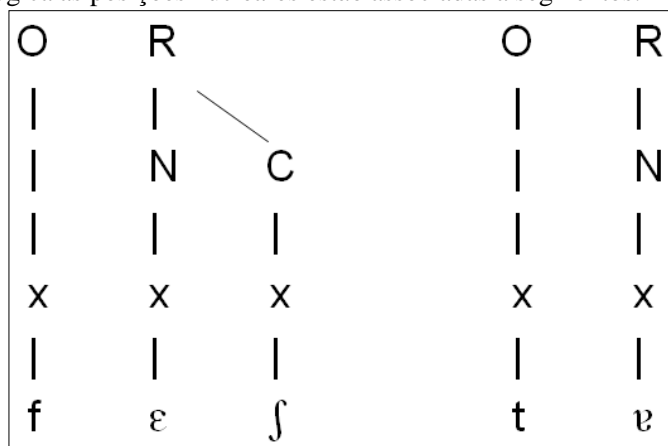


Figura 10 - Representação fonológica

Fonte: elaborado por nós com base em Silva (2003).

Clements (1985) estabelece um modelo geral de organização do traço que envolve estruturas hierárquicas. Este primeiro modelo determina que os traços individuais sejam organizados em nós de classe ordenados hierarquicamente e estes, por sua vez, são dominados por um nó de raiz que está conectado à camada central denominada *CV tier*. As camadas de classe envolvem a camada de raiz, a camada laringal, a camada supralaríngea, a camada de ponto e a camada de modo. Nas camadas de traço e nas camadas de classe localizam-se os conteúdos fonéticos de um segmento.

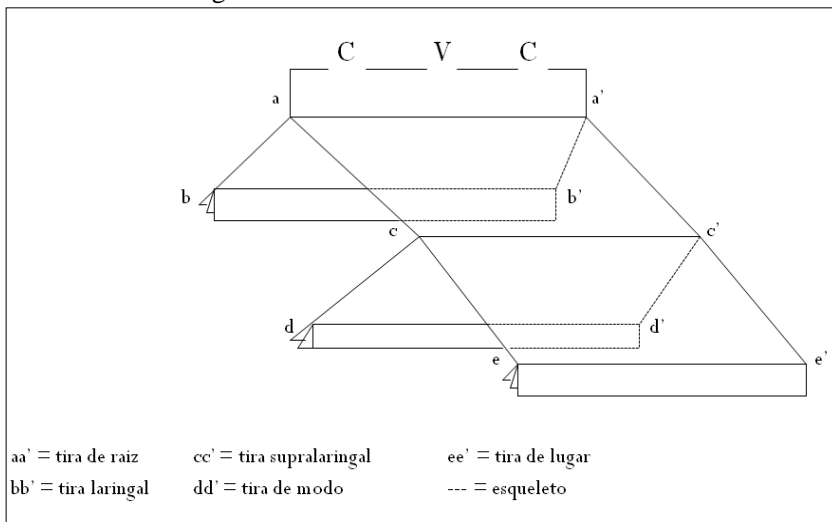


Figura 11 - Modelo geral de organização do traço fonológico

Fonte: elaborado por nós com base em Clements (1985).

Com o objetivo de representar o funcionamento e a hierarquização dos traços fonológicos, Clements (1985, 1989, 1991 apud Hernandorena, 2001) propôs a geometria dos traços. Nela a representação dos segmentos se mostra através de configurações de nós (diagramas arbóreos) hierarquicamente organizados.

Os traços fonológicos reúnem-se em nós de classes, a saber: nó laríngeo, nó supralaríngeo, nó da cavidade oral, nó do ponto de articulação das consoantes, nó vocálico (que domina o nó de abertura) e o nó ponto de articulação das vogais. O nó da raiz, que é o mais alto da estrutura, domina os outros nós, como os nós de classes.

Segundo Clements & Hume (1995), o nó da raiz, que domina todos os traços, representa o segmento como uma unidade fonológica. Este nó, segundo Brescancini (2003), é constituído pelos chamados

traços maiores: [soante], [aproximante] e [vocóide]. O nó da raiz, ainda segundo a autora, identifica a presença desses traços maiores nas grandes classes: obstruintes, nasais, líquidas e vogais.

Podemos observar, na Figura 12, a representação da organização hierárquica das consoantes, conforme Clements & Hume (1995).

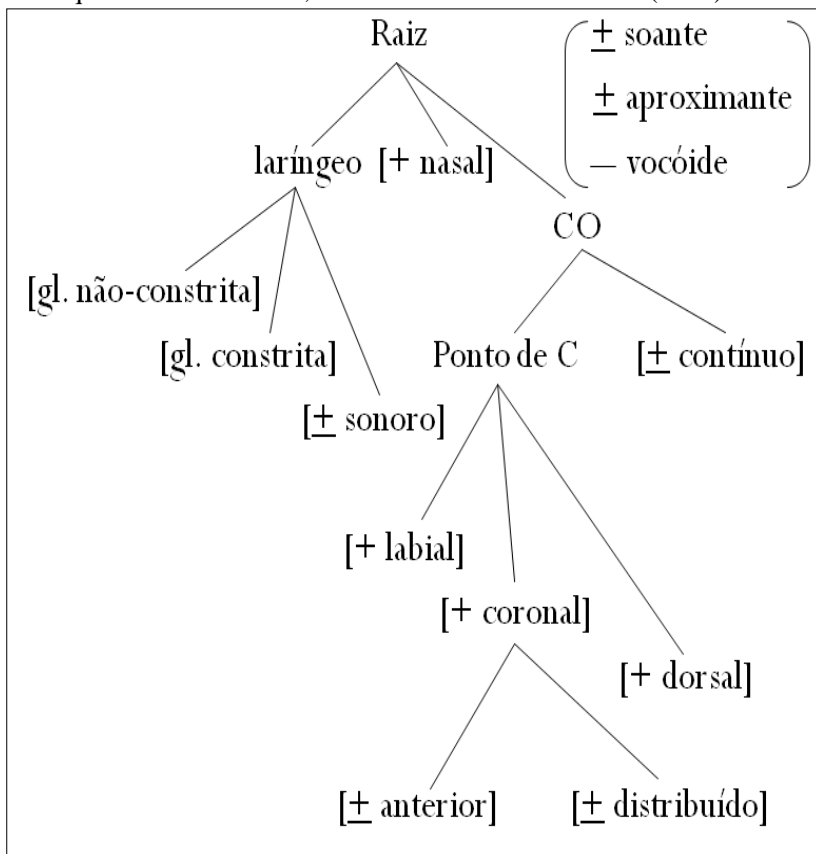


Figura 12 - Representação da organização hierárquica das consoantes

Fonte: elaborado por nós com base em Clements & Hume (1995).

O nó cavidade oral domina o traço [\pm contínuo] e o nó ponto de consoante domina os traços [\pm labial], [\pm dorsal] e [\pm coronal]. Este último domina os traços [\pm anterior] e [\pm distribuído]. Podemos dizer, então, que o traço [\pm coronal] domina o traço [\pm anterior], pois há uma ligação entre ambos, como ocorre com outros traços também, já que sem

nenhuma interferência o traço [+ coronal] está mais próximo do nó da raiz do que o traço [+ anterior]. Desse modo, o traço [+ anterior] caracteriza o traço [+ coronal] e é dependente e/ou constituinte do mesmo. O traço [+ coronal] tem, ainda, como articulador ativo a parte anterior da língua e, em português, envolve os fonemas [t, d, n, l, r, ʃ, ʒ, ʎ, ɲ, i, e, ε].

Podemos visualizar a representação da organização hierárquica das vogais, proposta por Clements & Hume (1995) na Figura 13.

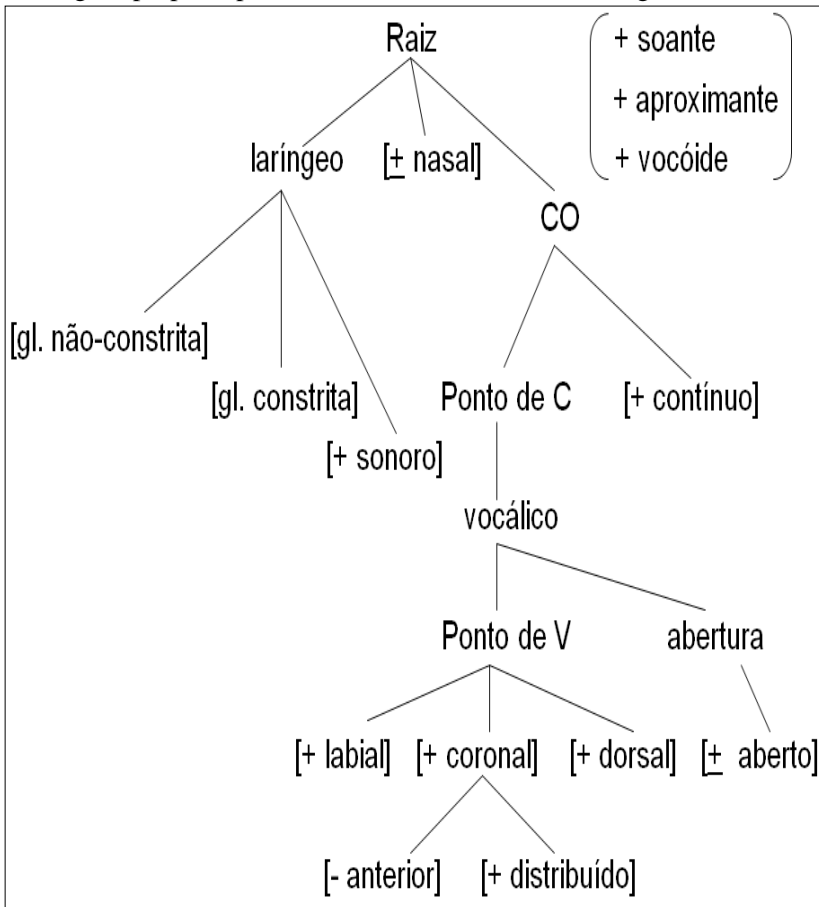


Figura 13 - Representação da organização hierárquica das vogais

Fonte: elaborado por nós com base em Clements & Hume (1995).

Conseguimos depreender, na representação da organização hierárquica das vogais, que o nó ponto de consoante domina o nó

vocálico que, por sua vez, é composto com as mesmas ramificações do nó do ponto de consoante, porém acrescido do nó abertura das vogais.

Podemos afirmar, segundo Clements (1989), que a língua portuguesa possui um sistema composto de três alturas para o traço [aberto] das vogais. O autor estabelece que um único traço [aberto] divide as vogais em dois registros, a saber: mais alto e mais baixo. Essa divisão, no entanto, ainda pode ser subdividida, originando sistemas com duas ou três alturas. As diferentes alturas das vogais fazem parte de uma relação hierárquica, pois ao desligar o traço [aberto 2], o traço seguinte [aberto 3] também será desligado.

Já o nó laríngeo, tanto na representação hierárquica das consoantes quanto das vogais, domina os traços [+ sonoro] e [+ glotalizado], os quais podem desligar-se individualmente ou como uma unidade.

Brescancini (1996, p. 199) afirma, no que se refere ao modelo da geometria dos traços, que

a autonomia dos traços, o agrupamento dos mesmos em classes e a organização hierárquica destas em uma estrutura de camadas, além do estabelecimento de um conjunto restrito de regras elementares de representações bem formadas conferem ao modelo em questão a qualidade de um sistema auto-regulador e natural, que funciona de forma a preservar a forma das representações do começo ao fim das derivações, apesar do efeito causado pelas operações individuais.

Uma consoante é chamada fricativa quando durante sua produção no trato vocal, a passagem do ar ocorre com a aproximação dos articuladores, causando uma fricção, a qual leva a produção de um som sibilante, como é o caso do [s]. Outra característica das fricativas é que elas são consoantes contínuas, já que são produzidas ininterruptamente.

Tanto as fricativas alveolares [s, z], também chamadas de sibilantes, quanto as fricativas palatais [ʃ, ʒ] ou chiantes, possuem diferenciadas representações dentro da teoria da Geometria dos Traços, pois estão constituídas de diferenciadas articulações.

As fricativas alveolares encobrem a atuação dos traços [+ coronal], [+ anterior] e [- distribuído], diferenciando-se com relação ao traço [voz] que caracteriza o nó laríngeo. Na Figura 14 temos a

representação das fricativas alveolares e os seus referidos traços fonológicos distintivos.

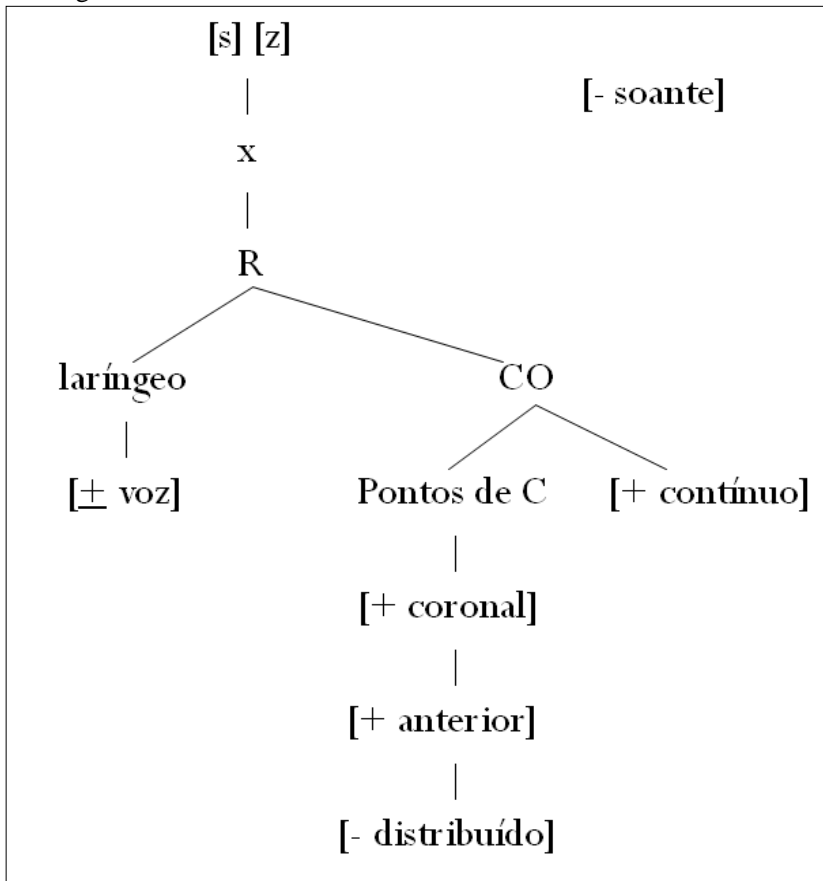


Figura 14 - Representação das fricativas alveolares [+ cor, + ant, - dist]

Fonte: elaborado por nós com base em Clements (1991).

O nó cavidade oral domina o traço [+ contínuo] e o nó ponto de consoante domina os traços [+ coronal], [+ anterior] e [- distribuído]. O nó X, no topo da representação, é uma unidade necessária para explicar estruturas que apresentam duas raízes e apenas um tempo. Quanto ao ponto de articulação, podemos dizer que [s, z] são chamadas de alveolares, pois possuem como articulador ativo a lâmina da língua e passivo os alvéolos.

Já as fricativas palatais possuem duas articulações sobrepostas, uma que envolve o traço [+ coronal] e seus dependentes [- anterior] e [+ anterior]

distribuído]; e outra vocálica que domina o nó ponto de vogal e o nó de abertura, que tem como dependentes os traços [- aberto 1], [- aberto 2] e [- aberto 3], os quais podem caracterizar uma vogal alta, por exemplo. A presença do nó vocálico nas chiantes é o que as caracteriza como tais, sendo que a ausência do mesmo caracterizaria as sibilantes. Podemos perceber que se deslocássemos este nó da representação das fricativas palatais, ficaríamos com o mesmo diagrama arbóreo que o das sibilantes. A Figura 15 demonstra a representação das fricativas palatais.

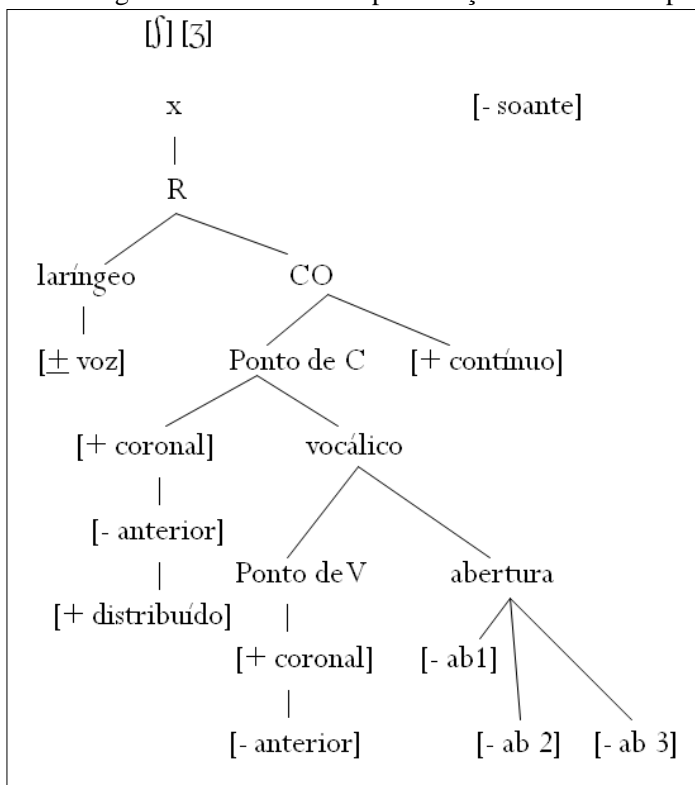


Figura 15 - Representação das fricativas palatais [+ cor, - ant, + dist]

Fonte: elaborado por nós com base em Clements (1991).

As fricativas palatais estão reunidas sob o rótulo [+ coronal], [- anterior] e [+ distribuído].

Estes são, portanto, os principais traços fonológicos distintivos dessas consoantes. O primeiro tem relação com a parte da língua que é

movimentada durante a produção do som, sendo [+ coronal] sempre que a lâmina da língua levantar. O segundo traço refere-se ao local no qual o som é obstruído durante sua produção, por exemplo, diz-se que um fonema é [- anterior] porque em sua produção ocorre uma obstrução na parte posterior à região palato-alveolar. Já o traço [+ distribuído] refere-se à distribuição do som no trato vocal e, também, no momento da pronúncia do mesmo som.

Segundo Hernandorena (1994), todas as consoantes palatais do português são complexas e possuem o traço [- anterior], enquanto que as alveolares são simples e são constituídas pelo traço [+ anterior].

Segundo Clements & Hume (1995), são consideradas consoantes complexas aquelas que têm duas articulações de níveis diferentes e que possuem os mais comuns tipos de articulação, como: labialização, palatalização e velarização. Podemos visualizar, na Figura 16, a representação de uma [+ obstruente, + contínua] palatal e/ou uma consoante complexa.

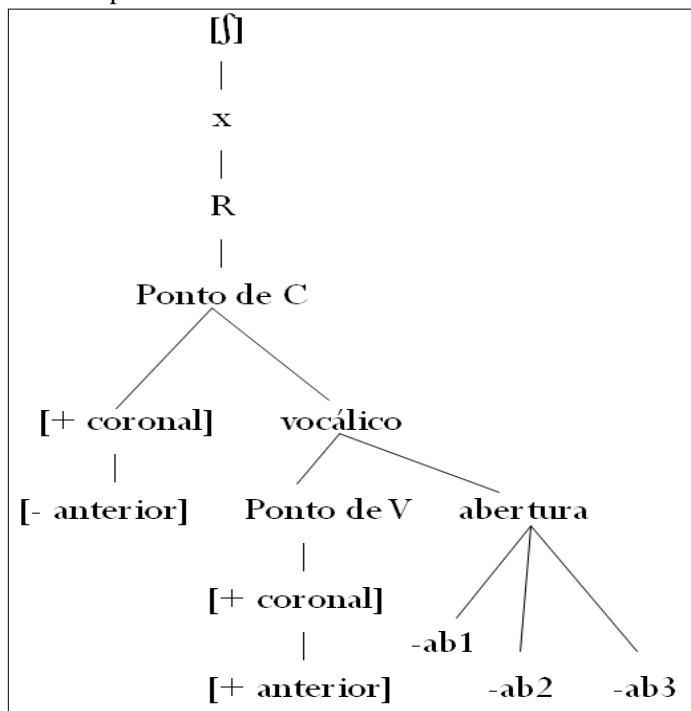


Figura 16 - Representação de uma consoante complexa [ʃ]

Fonte: elaborado por nós.

O nó ponto de consoante domina o nó vocálico, que é composto pelo nó ponto de vogal, o qual domina o traço [+ coronal] e [+ anterior]. Este último traço faz com que o traço [- anterior], que caracteriza o traço [+ coronal] sob o nó ponto de consoante, converta seu valor para [+ anterior] passando, então, de uma consoante palatal complexa [ʃ] para uma consoante sibilante simples [s], por exemplo. Diante disso, temos a seguinte representação para a consoante simples²³.

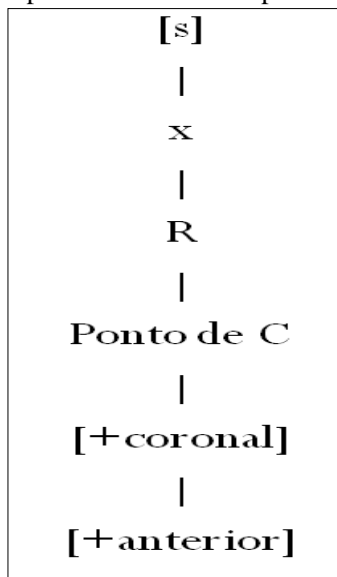


Figura 17 - Representação de uma consoante simples [s]

Fonte: elaborado por nós.

Podemos verificar, então, que o desligamento do nó vocálico e a conversão do valor do traço [- anterior] para [+ anterior] transforma uma consoante complexa em uma consoante simples. Com isso, o desligamento de um nó e a conversão de valor do traço [anterior] explica como é possível a livre variação entre as alveolares e as palatais em coda silábica.

Conforme Clements & Hume (1995), há um processo de assimilação do traço [voz], localizado no nó laríngeo, de uma estrutura

²³Uma consoante se caracteriza simples quando possui somente um nó de raiz e apenas um traço de articulação oral.

[+ voz] em contexto seguinte ao da fricativa alveolar ou palatal, caracterizada pelo traço [- voz] sob o nó laríngeo em sua representação.

Demonstramos, na Figura 18, o processo de assimilação regressiva, com o espriamento do traço [+ voz] do segmento seguinte e o consequente desligamento do traço [- voz] da fricativa.

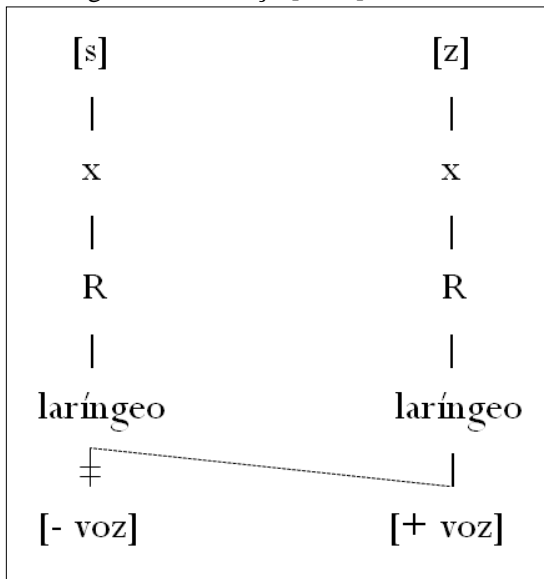


Figura 18 - Representação do processo de assimilação regressiva do traço [voz]
Fonte: elaborado por nós com base em Clements (1991).

Com o espriamento, marcado pela linha diagonal pontilhada, ocorre o desligamento, demonstrado pela linha vertical cortada por outras duas linhas menores horizontais, do traço [- voz] sob o nó laríngeo.

3.4 DIALETOLOGIA E GEOLINGUÍSTICA

No fim do século XIX surge a Dialetoologia, considerada, segundo Ferreira & Cardoso (1994), uma ciência que tem interesse pelos dialetos regionais e rurais, sua distribuição e intercomparação, o que serve para identificá-la como linguística diatópica, ou seja, horizontal. No entanto, não podemos discorrer sobre Dialetoologia sem antes entendermos o conceito de dialeto. Vejamos, então, o que alguns autores afirmam sobre o termo.

Para Brandão (1991, p. 13), dialeto pressupõe um “sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente

com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum”. Para a autora, há uma forte tendência de utilizar o termo “dialeto” em sentido amplo, já que podemos considerá-lo como qualquer variedade linguística de natureza geográfica e/ou social, por exemplo.

Ferreira & Cardoso (1994, p. 16) definem dialeto como um feixe de isoglossas, ou seja, “um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras”. No entanto, as autoras enfatizam que essa homogeneidade demonstra que não há limites entre as línguas, já que toda língua histórica abrange um conjunto de dialetos.

Segundo Coseriu (1982, p. 11-2), há uma diferença de *status* histórico entre dialeto e língua, sendo que

um “dialeto”, sem deixar de ser intrinsecamente uma “língua”, se considera subordinado à outra “língua”, de ordem superior. Ou, dito de outra maneira: o termo *dialeto*, enquanto oposto a *língua*, designa uma língua menor distinguida dentro de (ou incluída em) uma língua maior, que é, justamente, uma *língua histórica* (um “idioma”). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma “família” histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior²⁴.

Para Coseriu (1982), as línguas históricas compreendem a variação diatópica, a variação diastrática e a variação diafásica. Contudo, para o autor, a Dialectologia deveria ater-se somente ao estudo da variação diatópica, enquanto que para a Sociolinguística e para a Estilística cabem, respectivamente, a variação diastrática e diafásica.

²⁴“un ‘dialecto’, sin dejar de ser intrinsecamente una ‘lengua’, se considera como subordinado a otra ‘lengua’, de orden superior. O, dicho de outro modo: el término *dialecto*, en cuanto opuesto a *lengua*, designa una lengua menor distinguida dentro de (o incluida en) una lengua mayor, que es, justamente, una *lengua histórica* (un ‘idioma’). Una lengua histórica – salvo casos especiales – no es un modo de hablar único, sino una ‘familia’ histórica de modos de hablar afines e interdependientes, y los dialectos son miembros de esta familia o constituyen familias menores dentro de la familia mayor” (COSERIU, 1982, p. 11-2).

Chambers & Trudgill (1980, p. 03) afirmam que “todos os falantes são falantes de ao menos um dialeto”²⁵ e que “não faz sentido supor que um dialeto é de algum modo linguisticamente superior a outro”²⁶. Assim, conforme os autores, a ideia de dialeto não deve ser associada como sendo uma forma subpadrão, ligada à classe baixa. Os autores discutem, também, o critério da inteligibilidade mútua, contido no princípio de que “uma língua é uma coleção de dialetos mutuamente inteligíveis”²⁷, sendo que o termo dialeto seria subparte de uma determinada língua. Para os autores, ainda, seria melhor substituir o termo língua por “variedade”, conceito que se aplicaria a qualquer tipo particular de língua e, dessa forma, dialeto passaria a ser compreendido como variedade linguística.

Com base na discussão anterior, a Dialectologia condiz com os **estudos sobre os dialetos**²⁸ particulares e com o **estudo comparativo** de um grupo de dialetos que abrangem determinadas áreas linguísticas. Já o último tipo de estudo, o comparativo, pode ser realizado não somente com base em dados intercomparáveis, mas também com a verificação da ausência dos dados. Desse modo, Rossi (1969, p. 87-8) afirma que

a Dialectologia é uma ciência eminentemente contextual, isto é, o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou em outra área.

Conforme Coseriu (1982, p. 36), devemos levar em conta dois fatos básicos, no que se refere, em particular, ao sentido da Dialectologia: o primeiro é que “a Dialectologia é o estudo da ‘configuração’ espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais”²⁹. Assim, a investigação dialetal deve ater-se às áreas geográficas; e o segundo é que a Dialectologia “é essencialmente

²⁵“all speakers are speakers of at least one dialect” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 03).

²⁶“it not does make any kind of sense to suppose that any one dialect is in any way linguistically superior to any other” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 03).

²⁷“a language is a collection of mutually intelligible dialects” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 03).

²⁸Grifos nosso.

²⁹“la dialectología es estudio de la ‘configuración’ de las lenguas, o sea, de la variedad diatópica y de las relaciones interdialectales” (COSERIU, p. 36).

‘gramática comparada’³⁰, por isso, deve registrar fatos e/ou fenômenos comparáveis no espaço.

A Dialetoлогия é, portanto, segundo Cardoso (2010, p. 15), “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Segundo Ferreira & Cardoso (1994), antes mesmo de a Sociolinguística ter se fixado como um ramo da ciência e da linguagem³¹, a Dialetoлогия já interpretava os fatos linguísticos e extralinguísticos. A Dialetoлогия, então, ocupa-se de recursos interpretativos que passam a ser também utilizados, posteriormente, pela Sociolinguística. Podemos dizer, dessa forma, que ambas têm como objetivo principal o estudo da diversidade da língua.

Silva-Corvalán (1988 apud FERREIRA & CARDOSO, 1994, p. 19) defende a Dialetoлогия afirmando que “ela é uma disciplina com larga tradição, com uma metodologia bem estabelecida e uma rica e valiosa literatura. É indiscutível que a Dialetoлогия trouxe contribuições de importância à Sociolinguística e à Linguística Geral”.

Todavia, é bom não confundir Dialetoлогия e Geolinguística, pois esta é um método utilizado pela Dialetoлогия. Nesse sentido, Jules Gilliéron, considerado o fundador da Geografia Linguística, como método de investigação científica, segundo Brandão (1991), afirma que podemos designar Geografia Linguística como

o método dialectológico e comparativo que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (GILLIÉRON, 1959 apud BRANDÃO, 1991, p. 11-2).

³⁰“es esencialmente ‘gramática comparada’” (COSERIU, p. 36).

³¹“o que aconteceu só na década de sessenta – que tem como interesse central, como o próprio nome sugere, estudar a variação linguística à luz de causas sociais” (FERREIRA & CARDOSO, 1994, p. 18).

Com base nisso, podemos afirmar que o método cartográfico mostra-se de muita utilidade para o conhecimento e/ou reconhecimento das variáveis regionais de uma língua. No entanto, para Alvar (1968), nenhum método será capaz de dar conta totalmente da variabilidade de uma língua, porque nunca conseguiremos obter a realidade de uma língua, pois esta é mutável em cada comunidade e em cada indivíduo. Por outro lado, os preceitos da Geolinguística associados aos da Sociolinguística podem trazer um melhor entendimento dos mecanismos com que uma língua se relaciona e dos fatores que determinam sua mudança.

Para Radtke & Thun (1996), “a geolinguística moderna caminha para tornar-se uma verdadeira ciência da variação. Essa ciência deveria, na realidade, alterar o seu nome e não mais denominar-se ‘geografia linguística’ ou ‘geolinguística’, mas sim chamar-se ‘ciência da variação’”.

De acordo com Ferreira & Cardoso (1994), os trabalhos de Dialetoлогия inserem-se em dois grandes grupos. O primeiro grupo compreende os trabalhos de análise, ou seja, os estudos de caráter monográfico que descrevem fatos e aprofundam a análise do dialeto de uma ou de várias localidades; assim, analisam a realidade e sobre ela conseguem concluir algo, além de torná-la mais conhecida. O segundo grupo abrange os trabalhos de descrição das realidades dialetais, como os Atlas Linguísticos Nacionais ou Regionais, que se tornam instrumentos conclusivos de análises sobre a realidade linguística que determinada pesquisa abrange. Esses dois grupos contribuem, portanto, para que se conheça melhor a diversidade linguística do Brasil.

Rossi (1967, p. 93) afirma que os Atlas Linguísticos “permanecem uma das maiores conquistas da Linguística no século XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método, de suas limitações”. Podemos observar em um atlas linguístico, por exemplo, a distribuição gráfica dos fenômenos linguísticos pesquisados; o caráter conservador, inovador ou inexistente de algumas variantes da língua pertencentes a determinadas localidades analisadas; e as isoglossas, ou seja, fronteiras e/ou limites entre duas regiões em que há diferentes traços linguísticos, sejam itens lexicais distintos, ou, até mesmo, a pronúncia diferenciada de determinada palavra.

Apresentamos, então, o método utilizado, as limitações e as inovações dos atlas linguísticos elaborados na Europa, assim como na América Latina. Divulgamos, também, os atlas linguísticos que estão em fase de elaboração no território brasileiro.

Segundo Cardoso (2001), a Dialetoлогия tem seu início com os trabalhos de Wenker, na Alemanha, que obteve um total de 44.251 respostas coletadas de informantes letrados responsáveis pelo ensino da região. Tal pesquisa abrange uma vasta área territorial, pois conta com 40.736 localidades pesquisadas. O estudo de Wenker, porém, não teve o controle das variáveis sociais – sexo e faixa etária –, sendo que não foram predeterminadas e não podem ser estabelecidas posteriormente.

O *corpus* desse trabalho elaborado na Alemanha foi coletado em forma de correspondência, o que significa dizer que o pesquisador não obteve profundas implicações, ou seja, observações *in loco*, no tratamento das informações. De forma contrária, esse trabalho tem o mérito de documentar fatos em regiões distintas com a possibilidade de interrelacionar os dados obtidos nas diferentes localidades. Os primeiros resultados dessa pesquisa foram publicados em 1881, em Strassburg, sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reichs*, e conta com um conjunto de 06 cartas (02 fonéticas e 04 morfológicas).

Jules Gilliéron, em 1887, com o apoio de Gaston Paris, inicia a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), baseando-se na documentação *in loco*, ou seja, no contato documentador/informante, recolhida por um único inquiridor, Edmond, um comerciante que tinha algum conhecimento sobre o léxico e em fazer transcrições fonéticas³². Edmond percorreu 639 localidades durante quatro anos, aplicando para cada informante um questionário que continha palavras isoladas e frases, o qual contava com 1920 perguntas ao final da pesquisa (cf. BRANDÃO, 1991).

As variáveis extralinguísticas do ALF não eram registradas nas cartas linguísticas, sendo que, podemos dizer, também, que estas não foram bem definidas, pois compreendem informantes de 15 a 85 anos, além de constar, ainda, com um número maior de informantes do sexo masculino. O nível de escolaridade, por sua vez, é identificado por dedução. Assim, os informantes que têm uma profissão pertencem ao nível secundário e aqueles que não a têm somam-se ao nível primário. Em 1902, foram publicados os três primeiros cadernos do ALF, de um total de 35, sendo que o último foi editado em 1910. A obra de Gilliéron, apesar de ter recebido algumas críticas da parte de alguns

³²Brandão (1991, p. 10) relata que “Gilliéron partia, portanto, do princípio de que só um leigo poderia fornecer um retrato fiel da realidade fonética, não se deixando trair por conhecimentos, expectativas ou preconceitos linguísticos”.

linguistas, marca o início da aplicação do método da geografia linguística com rigor científico (cf. CARDOSO, 2001).

O Atlas Ítalo-Suíço, de Jud & Jaberg, sob o título *Sprach – und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (AIS), teve sua publicação iniciada em 1928 e contempla um volume de introdução, um volume de cartas com oito tomos e um volume etnográfico. Quanto às variáveis extralinguísticas, no que se refere ao grupo de fator idade, abrange informantes de 15 a 85 anos; quanto ao estrato sociocultural, se constitui de camponeses com instrução secundária e de intelectuais; e considera, ainda, ambos os sexos. Segundo Cardoso (2001), este atlas inova quando explora a relação entre a palavra e a coisa denominada, adicionando um cunho etnográfico à obra.

O *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI) inova, conforme Cardoso (2001), pois traz um aperfeiçoamento na recolha dos dados, já que a investigação passa a ser realizada por especialistas da área. Os inquéritos no ALPI tiveram a duração de seis anos (1931-1936) e foram dirigidos por Tomás Navarro. Portugal, sob a direção de Luís F. Lindley Cintra e com a participação de Anibal Otero, passa a ser incorporado na elaboração do Atlas da Península Ibérica. Os inquéritos em Portugal ocorreram entre 1953 a 1956 e contaram com 156 pontos para o domínio do galego-português, de um total de 528 que configura a rede geral do atlas. Em 1961, o primeiro volume do ALPI foi publicado, constituindo-se de 75 cartas e fornecendo dados linguísticos sobre o galego-português, o espanhol e o catalão. Esse atlas procura estabelecer relações com outros atlas já publicados e extrapola os limites político-geográficos, pois analisa línguas pertencentes da mesma família.

Quanto aos atlas desenvolvidos e outros que estão em fase de elaboração, na América Latina, citamos primeiramente o *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), dirigido por A. Elizaincín e H. Thun, que inclui uma parte do folclore uruguaio, do leste da Argentina e do extremo sul do Brasil, sendo um projeto uruguaio-alemão. Além disso, esse atlas expõe uma pluralidade de dimensões de fatos etnográficos. O atlas compreende, então, o território do Uruguai, alguns pontos externos da Argentina e também do Brasil. Segundo Thun (1999), as 304 entrevistas do ADDU foram realizadas entre 1989-1992 e tinham o propósito de obter, nos 93 pontos pesquisados, dados fonéticos, léxicos, morfossintáticos, pragmáticos e etnográficos.

Os quatro volumes prontos foram publicados em forma de fascículos. Além disso, mais de 300 mapas foram desenhados e encontram-se integrados nos volumes em séries temáticas. Os mapas

que constituem esse atlas são do tipo ponto-simbólico, pois se inscrevem em forma de cruz que corresponde aos quatro grupos padrão (CaGII, CaGI, CbGII, CbGI) ou em formato de estrela que equivalem à divisão dos três estilos (leitura de texto, conversa livre e resposta do questionário).

O ADDU contém, ainda, duas partes complementares: o atlas do Uruguai hispânico, que é o próprio ADDU, e que compreende 968 perguntas e 3662 sugestões presentes na terceira edição de 1992; e o atlas do Uruguai lusófono, intitulado de ADDU – Norte, que consiste, na versão de 1992, de 1107 perguntas e 4202 sugestões. O que se propõe com essas sugestões³³, de acordo com Thun (1999), é obter um máximo de formas e comentários por parte dos informantes. O ADDU oferece, também, uma seleção de etnotextos, como suplemento dos mapas, gráficos e como amostra da base empírica.

O atlas em questão consiste em um método pluridimensional, pois abrange várias dimensões, a saber: a dimensão dialingual (espanhol – português); a dimensão diatópica (parâmetro topostático); a dimensão diatópico-cinética (parâmetros topostático – topodinâmico); a dimensão diastrática (classe alta – classe baixa); dimensão diageracional (geração I³⁴ – geração II³⁵); a dimensão diasexual (homens – mulheres); a dimensão diafásica (conversa livre, leitura de texto e resposta do questionário); e a dimensão diarreferencial (fala objetiva e fala metalinguística).

Com relação às pesquisas realizadas no Brasil, podemos dizer que se deve a Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, o início dos estudos sobre o português do Brasil em 1826, com a produção de um capítulo para o livro *Introduction à l' Atlas ethnographique du globe*, no qual relatava as diferentes características existentes da língua. A partir de então, podemos dividir a história dos estudos dialetais no Brasil em três fases.

A primeira delas, segundo Ferreira & Cardoso (1994), vai de 1826 a 1920 e é caracterizada com a elaboração de trabalhos voltados para o estudo do léxico que resultaram em dicionários, vocabulários e

³³“Com as ‘sugestões’ procura-se registrar também os dados que, momentaneamente na situação da entrevista ou com permanência na mente do entrevistado, pertencem a estratos não espontaneamente ativados ou de disponibilidade só passiva” (cf. THUN, 1999, p. 483).

³⁴Abrange a faixa etária entre 18 e 36 anos.

³⁵Consiste na faixa etária de mais de 60 anos.

léxicos regionais. Encontra-se, ainda, um primeiro estudo de natureza gramatical, sob o título *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, publicado em 1879 e escrito por José Jorge Paranhos da Silva.

A segunda fase ocorre de 1920 a 1952 e é constituída por trabalhos voltados para os estudos de natureza gramatical, lexicográfica, além de estudos de caráter regional e outros que relatam a contribuição da língua africana na formação do português do Brasil. Nesta fase, usava-se uma metodologia voltada para o exame da realidade nos seus diferentes aspectos. Dois trabalhos merecem destaque: *O dialeto caipira*, 1920, de Amadeu Amaral e *O linguajar carioca*, 1922, de Antenor Nascentes. A primeira obra, de acordo com Ferreira & Cardoso (1994), divulgava o processo de dialetação do português no Brasil, cujo método de abordagem das questões chamava a atenção para a necessidade da pesquisa *in loco* que eliminaria, no caso, as conclusões distanciadas da realidade linguística. A segunda obra apresenta, de uma forma geral, o entendimento sobre o falar brasileiro (língua do povo) e procura situar o linguajar carioca no conjunto desses falares. A proposta de Nascentes estabelece uma grande divisão linguística no Brasil: falares do Norte e falares do Sul, tomando como base “a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente” (NASCENTES, 1953, p. 25). Podemos observar, na Figura 19, que cada uma dessas duas grandes regiões compreende subfalares.



Figura 19 - Demarcação dialetal do Brasil

Fonte: elaborado por Nascentes (1953, p. 18).

A terceira fase acontece em 1952 e tem como característica a produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática. É marcada, ainda, pelo início das preocupações com a implementação dos estudos de geografia linguística no Brasil. Nesta fase, ocorre a intenção de elaborar o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que toma forma de lei através do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952.

Segundo Ferreira & Cardoso (1994), quatro nomes merecem destaque nesta terceira fase: Antenor Nascentes, que publica em 1958 as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, no qual discute as questões ligadas ao informante, à escolha da localidade, ao questionário e às vantagens de um atlas nacional, porém, reconhece a dificuldade de sua realização; Serafim da Silva Neto, que apresenta na sua obra *Guia para estudos dialetológicos*, publicada em 1957, a metodologia para a elaboração dos estudos dialetais no Brasil; Celso Cunha, que reconhece que a realização de um atlas nacional indicava o

caminho para a construção de atlas regionais; e Nelson Rossi, que levanta pontos relativos à realização de atlas nacionais (de grandes domínios) ou regionais (de pequenos domínios), colocando a questão de limites linguísticos e político-administrativos.

Serafim da Silva Neto e Celso Cunha reconheciam, assim como Antenor Nascentes, as dificuldades em elaborar um atlas nacional pela amplitude territorial do país. Desse modo, segundo Ferreira & Cardoso (1994), optam pela realização de atlas linguísticos regionais. Com base nesse entendimento, divulgaremos, a seguir, os atlas linguísticos estaduais e regionais elaborados até o presente momento, bem como as inovações trazidas por alguns desses trabalhos realizados em território brasileiro.

Tendo como autor Nelson Rossi e como co-autoras Carlota Ferreira e Dinah Callou, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), 1960-1963, constitui-se no primeiro atlas linguístico do Brasil. O APFB é composto de 100 informantes (57 mulheres e 43 homens), que compreendem a faixa etária de 25 a 60 anos, sendo analfabetos ou semi-analfabetos; de 9 inquiridoras; de um extrato de questionário com 182 perguntas; de 50 localidades que constituem os pontos linguísticos; de 198 cartas linguísticas; de 44 cartas-resumo; de 11 cartas introdutórias; e de 3 cartas transparentes referentes aos inquiridores por localidade, nomes dos pontos e regiões fisiográficas em que se situam. Esse atlas apresenta como inovação a aplicação de um teste de reconhecimento após o inquérito, no qual se pergunta ao informante sobre determinadas expressões obtidas em uma conversa inicial. O objetivo desse atlas é o mapeamento da área composta pelos falares baianos, segundo a classificação de Antenor Nascentes. Nesse atlas, encontram-se, também, informações sobre a distribuição geográfica dos pontos, sobre os seus nomes oficiais, sobre a situação administrativa, sobre as atividades econômicas, sendo que, sem ter no seu título a indicação de ser um trabalho de cunho etnográfico, o APFB fornece abundantes dados desta natureza (cf. FERREIRA & CARDOSO, 1994).

Realizado por José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio, o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) foi concebido em quatro volumes, dos quais se editou o primeiro em 1977. A metodologia seguida caracteriza-se pela utilização de inquéritos aplicados diretamente nos pontos selecionados (184 municípios) e pela realização de inquéritos por correspondência (302 localidades). O grupo de fator escolaridade dos informantes que compõem o atlas é composto de analfabetos e informantes que possuem nível superior. O primeiro volume do EALMG é constituído de 73 cartas, das quais 45 são cartas

onomasiológicas, com dados exclusivamente lexicais ou lexical/fonéticos, e as demais fornecem isófonas ou isoléxicas de fenômenos destacados. De acordo com Ferreira & Cardoso (1994), o EALMG tem não só uma abordagem horizontal, mas também vertical, pois concilia métodos tradicionais da pesquisa geolinguística com outros da sociolinguística norte-americana, não se restringindo, assim, mais ao informante do tipo "HARAS" (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), mas abrindo a possibilidade de análise de outros níveis de variação linguística.

Com autoria de Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) está concebido em 03 volumes, dos quais foram editados, em 1984, os 02 primeiros. O ALPB faz parte de um projeto mais amplo, pois busca o levantamento paradigma-sintagmático do léxico paraibano. Segundo Ferreira & Cardoso (1994), o volume I apresenta 149 cartas lexicais e/ou fonéticas; já o volume II contém a análise de formas e estruturas linguísticas, versando sobre aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos. O ALPB é composto de 25 municípios; de 03 municípios-satélites, os quais serviram como instrumentos de controle dos dados registrados; de 3 a 10 informantes por localidade, todos eles compreendidos na faixa etária de 30 a 75 anos; de um questionário geral com 289 perguntas; e de um questionário específico com 588 questões,

De autoria de Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg, o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS I), publicado em 1987, dá continuidade à investigação dialetal na área a que Antenor Nascentes denominou de "falares baianos" (podemos verificar essa divisão na Figura 19). O ALS I abrange 15 localidades, em que foram inquiridos 02 informantes por ponto linguístico, de ambos os sexos, analfabetos e alfabetizados, cuja faixa etária compreende de 35 a 53 anos. Este atlas é composto, ainda, de 686 perguntas e de 180 cartas, das quais 11 são introdutórias e as demais linguísticas. Os dados cartográficos do ALS I, conforme Ferreira & Cardoso (1994), permitem a identificação de cada informante (sexo, faixa etária, grau de escolaridade e grau de deslocamento espacial).

Tendo como autora Vanderci de Andrade Aguilera, o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), publicado em 1994, foi realizado como Tese de Doutorado, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). O ALPR conta com 325 perguntas; com 65 pontos linguísticos; com 02

informantes por localidade, um do sexo masculino (♂)³⁶ e outro do sexo feminino (♀), com a faixa etária de 27 a 62 anos, com nível de escolaridade primário completo e com informantes analfabetos; com 91 cartas lexicais mistas; com 70 cartas fonéticas analíticas ou mistas; e com 29 cartas sintéticas sobre fatos fonéticos ou lexicais. Contém também, segundo Isquerdo (2006), notas explicativas e o contexto frasal das variantes pesquisadas.

Coordenado inicialmente por Walter Koch e depois por Cléo Altenhofen, o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul* (ALERS) não abrange apenas um Estado, mas a região Sul do país. Esse atlas regional, conforme Isquerdo (2006) documenta dados de natureza lexical, fonético-fonológicos e morfossintáticos em 294 localidades (100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul), além de uma sondagem sociolinguística em 19 cidades da região pesquisada. Cerca de 610 perguntas constituem o questionário semântico-lexical, sendo que destas 12 são específicas para o Paraná, 25 para Santa Catarina e 40 para o Rio Grande do Sul. Já o questionário morfossintático é composto de 75 perguntas e o questionário fonético-fonológico é constituído de 50 perguntas (26 para todos os pontos e 24 para regiões de colonização não-portuguesa). O ALERS abrange, assim, de acordo com Isquerdo (2006), a situação de bilinguismo, pois o questionário considera as áreas de colonização não-portuguesa. Este atlas contempla, ainda, outras inovações que estão na utilização de um programa de cartografia digital e a apresentação de um glossário dos termos levantados no QSL. O primeiro volume desse atlas contempla a introdução e o segundo volume é constituído de 54 cartas fonéticas e de 93 cartas morfossintáticas, ambos lançados em 2002. Em 2011, os volumes 1 e 2 foram republicados em um único volume. Neste mesmo ano, também, foi publicado o volume que contém as cartas semântico-lexicais do ALERS.

Realizado por Abdelhak Razky, o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA), publicado em 2004 e em forma de CD-ROM, é um projeto integrado ao *Atlas Linguístico do Pará* (ALIPA) e constitui o primeiro atlas sonoro do português brasileiro. O ALISPA conta com 10 cidades correspondentes à área urbana do ALIPA e com o questionário fonético-fonológico do projeto ALiB; porém, consta de algumas adaptações, totalizando 159 questões. Quanto à cartografia, há uma carta

³⁶“Como inovação em relação aos demais atlas, identifica nas cartas analítico-sintéticas, os informantes do sexo masculino e feminino pelos símbolos ♂ e ♀, respectivamente” (ISQUERDO, 2006, p. 71).

para cada pergunta do QFF, distribuídas em indivíduos masculinos da primeira e da segunda faixa etária, e em indivíduos femininos da primeira e da segunda faixa etária; assim, desmembradas em quatro grupos que aglutinam as realizações fonéticas documentadas pela pesquisa. Conforme Isquierdo (2006), as dimensões diassexual (sexo/gênero) e diageracional (idade), representadas em forma de cruz, são fornecidas pelas 795 cartas que compõem o ALISPA.

Resultado da tese de doutoramento de Maria Luíza de Carvalho Cruz, defendida em 2004, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), abrange 09 localidades; 329 perguntas pertencentes ao questionário semântico-lexical (organizadas em 02 áreas semânticas); 162 questões que fazem parte do questionário fonético-fonológico; e 54 informantes, sendo que são 06 por cada ponto linguístico (03 mulheres e 03 homens), que se enquadram em 03 faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 56 anos) e todos possuem até a 4ª série do ensino fundamental. O atlas é constituído, ainda, de 02 volumes, o primeiro, refere-se à introdução e a fundamentação teórico-metodológica; e o segundo apresenta 107 cartas fonéticas (que são contempladas por notas explicativas e por gráficos que apontam os índices percentuais do fenômeno abordado) e 150 cartas semântico-lexicais (que são monocromáticas e contempladas por notas explicativas), sendo que algumas dessas cartas contêm ilustração do objeto nomeado (cf. ISQUERDO, 2006).

Elaborado como tese de doutorado por Suzana Alice Marcelino Cardoso, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2002 e publicado em 2005, o segundo volume do *Atlas Linguístico do Sergipe* (ALS II), contém 108 cartas, das quais 105 são semântico-lexicais e 03 introdutórias; 15 localidades, contando, cada ponto, com 02 informantes (identificados com A-mulheres e B-homens), sendo estes não-alfabetizados ou semi-alfabetizados. O ALS II inova, pois traz na cartografia dados sobre mapas fisiográficos, com escala e com a representação das redes fluvial, rodoviária e ferroviária. Segundo Isquierdo (2006), o ALS II tem um caráter etnográfico, pois ilustra objetos rurais, além de possibilitar estudos sociolinguísticos, já que sintetiza informações em gráficos, distingue os informantes quanto ao sexo/gênero e explora a variável diagenérica. Apresenta, também, comentários nas cartas, abordando uma perspectiva sócio-antropológico-linguística.

O *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS), organizado por Dercir Pedro de Oliveira, Aparecida Negri Isquierdo, Maria José Gomes e Albana Xavier Nogueira, publicado em 2007 pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, constitui-se de 33 localidades e 132 informantes, sendo que foram entrevistados 04 informantes por ponto (02 mulheres e 02 homens), com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental e pertencentes a duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 45 a 70 anos). O questionário é composto de 557 perguntas, sendo 47 referentes ao questionário fonético-fonológico. O ALMS abrange, também, 207 cartas linguísticas, sendo 47 são fonéticas, 153 são semântico-lexicais e 07 são morfossintáticas.

Por fim, apresentamos o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE) que se trata de uma obra coordenada, na sua origem, por Alexandre F. Caskey, José Carlos Gonçalves, Mário Roberto Lobuglio Zágari e por José Rogério Fontenele Bessa que é o coordenador geral e coordenador da publicação. O ALECE, publicado em 2010, possui dois volumes. O primeiro volume, Introdução, trata dos antecedentes históricos, da orientação teórica e da metodologia seguida. O segundo volume, Cartogramas, traz 256 cartas lexicais e um glossário, a que se seguem a bibliografia geral e as fontes lexicográficas consultadas. A pesquisa abrange, também, 70 localidades, sendo quatro informantes por ponto da rede; igual número de homens e mulheres que se distribuem entre analfabetos e pessoas com o ensino fundamental completo e, ainda, com idade entre 30 e 60 anos.

Estão em diferentes fases de finalização, desenvolvimento e/ou implantação, conforme o *site*³⁷ do ALiB (2010), os projetos: Atlas Linguístico do Acre (ALAC), Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN), Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALIPA), Atlas Linguístico do Mato Grosso (ALiMAT), Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES), Atlas Linguístico da Rondônia (ALiRO), Atlas Linguístico e etnográfico da Região Oeste do Paraná (Tese), Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo (Dissertação), Atlas Linguístico do Oeste Potiguar (Tese), Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP), Atlas Linguístico do Estado do Rio de Janeiro, Atlas Linguístico Sonoro do Rio de Janeiro, Atlas Linguístico do Piauí, Atlas Linguístico do Pernambuco (ALiPE) e

³⁷Ver <http://www.alib.ufba.br/comitenacional.asp>

Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: (ALMA-H): Hunsrückisch.

Vale ressaltar que o ALMA-H é um projeto desenvolvido sob a coordenação de Harald Thun e Cléo V. Altenhofen. Os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a elaboração do ALMA-H orientam-se, segundo Radtke & Thun (1996), pela dialetologia pluridimensional e relacional. A fase atual do macroprojeto ocupa-se com o Hunsrückisch – definido como uma coíné de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida ao Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do século XIX (cf. ALTENHOFEN, 2004).

Como se trata de um atlas que aborda a metodologia pluridimensional, o ALMA-H abrange várias dimensões, a saber: a dimensão diatópica (parâmetro topostático³⁸); a dimensão diatópico-cinética (parâmetro topodinâmico³⁹); a dimensão diastrática (classe socioculturalmente alta – informantes com formação universitária parcial ou completa e classe socioculturalmente baixa – informantes com ensino médio e com profissão que não exija o uso da escrita); a dimensão diageracional (geração mais velha – acima de 55 anos e geração mais jovem – de 18 a 36 anos); a dimensão diassexual (homens e mulheres); a dimensão dialingual (Hunsrückisch, Português e Alemão-Padrão); a dimensão diafásica (respostas ao questionário, a leitura e a conversa livre); a dimensão diarreferencial (língua-objeto, metalíngua e língua apresentada); e a dimensão diarreligiosa (católico, evangélico e luterano).

Com isso, podemos perceber que a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de muitos estudos dialetais, pois são documentos indiscutíveis de uma realidade linguística e diversificada em vários níveis e/ou estratos.

Conforme Mota & Cardoso (2006), poderíamos dizer que há, ainda, no Brasil, uma quarta fase, que inicia em 1996, composta pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), mesmo sendo este iniciado meio século depois da resolução do decreto que estabelecia a sua execução. Do ponto de vista metodológico, segundo as autoras, essa nova fase

³⁸ Grupos demograficamente estáveis.

³⁹ Grupos móveis.

abrange os princípios da Sociolinguística, já que abandona a visão monodimensional (monoestrática, monogeracional e monofásica) que predominava na geolinguística até então.

Na geolinguística monodimensional, de acordo com Mota & Cardoso (2006), soma-se ao parâmetro diatópico um único representante legítimo de determinada localidade, sendo **homem adulto, rurícola, analfabeto e sedentário**, identificado como “HARAS”, falante do dialeto local, principalmente quanto ao léxico e a marcas fonéticas.

A Sociolinguística correlaciona aspectos linguísticos e sociais, além de analisar a relevância das variáveis sociais no estudo da língua. Assim, quando pesquisamos a fala de um indivíduo ou de um grupo de fala, fatores como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e classe social não podem ser esquecidos, já que comportam as variáveis extralinguísticas, objeto de estudo desta área da linguística.

Contudo, a geolinguística pluridimensional comporta informantes com diferentes perfis em cada um dos pontos linguísticos selecionados, pois visa à investigação da variação da língua na dimensão diatópica (geográfica) e também na dimensão diastrática (social). Conforme Thun (1998), a geolinguística pluridimensional é formada pelo eixo horizontal da Dialetoлогия e pelo eixo vertical da Sociolinguística. No primeiro encontramos a diatopia, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço geográfico, e no segundo eixo a diastratia, que se relaciona com a organização sociocultural de uma comunidade de fala. Tal fato é visualizado através do esquema de Thun (1998).

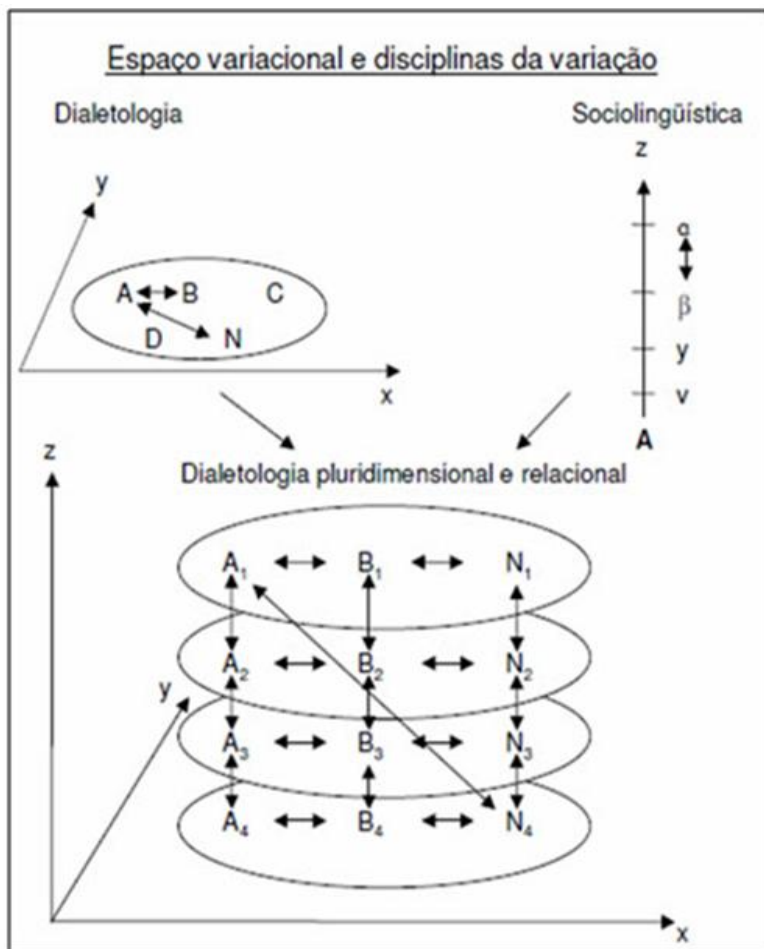


Figura 20 - Espaço variacional e disciplinas da variação

Fonte: elaborado por Thun (1998, p.705).

Desse modo, novas áreas de interesse são integradas, pois o espaço variacional da dialetologia pluridimensional não compreende apenas os dialetos 'puros' preferidos pela dialetologia tradicional ou os socioletos da sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato

linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e de maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (THUN, 1998, p. 704).

Assim, de acordo com Margotti (2004), a dimensão diatópica da geolinguística tradicional passa a incorporar outras dimensões, tais como a dimensão diageracional (idade), a dimensão diassexual (sexo), a dimensão diastrática (escolaridade), a dimensão diafásica (estilo de fala), a dimensão diagrupal (grupo social), a dimensão dialingual (língua de contato), a dimensão diarreferencial (identidade social), entre outras.

A dialetologia pluridimensional, então, objetiva descrever a variação dos traços de uma língua no espaço geográfico (plano horizontal – arealidade), e a variação desses mesmos traços numa rede de pontos (plano vertical – socialidade). Consiste, portanto em “um modelo variacional de maior alcance metodológico e que considera novas possibilidades de levantamento de dados” (RADTKE & THUN, 1996, p. 48).

Conforme Mota & Cardoso (2006), a geolinguística pluridimensional se faz notar pela ampliação do campo de estudo, pois incorpora dados morfossintáticos, pragmático-discursivos e metalinguísticos; pela apresentação dos dados nos atlas, que são acompanhados de comentários linguísticos e de CDs que reproduzem a voz do informante, na situação e na localidade em que ela foi registrada; além de relacionar-se com as outras ciências como a etnografia, por exemplo.

Chambers & Trudgill (1994, p. 45) defendem que “o futuro da geografia linguística depende da capacidade de seus seguidores para abarcar e incorporar os interesses e talvez a metodologia da dialetologia urbana”⁴⁰.

De acordo com Blanch (apud FERREIRA & CARDOSO, 1994, p. 17), “se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto

⁴⁰“el futuro de la geografía lingüística depende de la capacidad de sus seguidores para abarcar e incorporar los intereses y quizás la metodología de la dialectología urbana” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1994, p. 45).

do eixo horizontal como do vertical”. O autor afirma, também, que o fato de a Dialectologia ter se dedicado amplamente a estudos que comportassem mais o falar regional/rural do que os outros, não deve ser interpretado como um critério definidor e sim transitório. Para a Dialectologia, então, não interessa somente a variedade rural, mas também a urbana. Desse modo, podemos falar em dialectologia rural, a qual abrange o projeto ALERS⁴¹, e em dialectologia urbana, na qual se insere o projeto ALiB.

Segundo Radtke & Thun (1996, p. 38), a dialectologia urbana “precisa ser aperfeiçoada com a sociolinguística em sua área de trabalho predileta, ampliando os aspectos verticais pontuais para uma análise horizontal-espacial e vertical”.

De acordo com Margotti (2004, p. 102), no lugar do tratamento monodimensional, que

restringe a análise ao recorte horizontal da variação diatópica, coloca-se a perspectiva da dialectologia pluridimensional, a qual reúne no mesmo enfoque a análise das dimensões horizontal e vertical (social) da variação linguística. Como se sabe, a língua não é somente um complexo de variedades regionais, mas também uma superposição de variedades sociais.

Assim, a dialectologia pluridimensional é constituída levando em consideração tanto o eixo da arealidade, quanto o da socialidade. Desse modo, há uma união da Sociolinguística (que é composta de uma abordagem micro, ou seja, no nível do indivíduo e/ou de uma visão mais restrita das localidades) com a Dialectologia (que comporta uma abordagem macro, pois abrange vários pontos e mostra os resultados através de uma perspectiva mais ampla). Dessa forma, podemos dizer que a Dialectologia e a Sociolinguística são complementares e de forma alguma incompatíveis.

⁴¹Podemos dizer que o projeto ALERS abrange a dialectologia rural, já que este reproduz, conforme Altenhofen (2002, p. 118), “o português rural falado pela classe menos escolarizada (analfabeto ou semi-analfabeto até a 4ª série), com idade entre 28 e 58 anos”.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, evidenciamos os resultados obtidos na análise dos dados pelo Programa Goldvarb (2001). Apresentamos, também, a análise e discussão dos resultados referentes às variáveis extralinguísticas e linguísticas levando em conta a revisão da literatura apresentada no capítulo I e a caracterização feita dos processos fonológicos demonstrada no capítulo III.

Conforme salientamos no capítulo II foram analisados todos os dados em que obtivemos a ocorrência da fricativa, extraídos de cada uma das dezesseis entrevistas que constituem nossa amostra.

A partir dessa amostra, atingimos um total de 784 dados de realizações da fricativa, sendo que destes, selecionamos 352 dados do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), 112 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), 160 da Conversa Semidirigida e 160 da Leitura de Texto.

Vamos agora aos resultados e à discussão das variáveis dependentes.

4.1 VARIÁVEL DEPENDENTE

Dentre as variantes controladas, observamos, com base na totalidade dos dados, que as variantes palatais são as mais recorrentes, já que se fazem presentes em 76,5% das ocorrências. Destas, a variante palatal surda [ʃ] ocorre em 67,5% e a variante palatal sonora [ʒ] ocorre em 9,1% das realizações da forma palatal.

Quanto às variantes alveolares, podemos verificar que elas ocorrem em 23,5% dos dados. Destes, a variante alveolar surda [s] realiza-se em 13,6% das ocorrências e a variante alveolar sonora [z] ocorre em apenas 2,3% dos dados. Podemos observar, também, ao analisarmos a variante alveolar sonora e o zero fonético que este último foi mais significativo, pois ocorreu em 7,5% dos dados. Assim, em maior número do que a alveolar sonora.

Podemos evidenciar melhor, de uma forma um pouco mais detalhada, a estratificação dos dados na Tabela 1. Ressaltamos que a Tabela 1 apresenta os resultados gerais, tendo em vista a totalidade dos dados, visto que a segmentação dos fatores por ponto geográfico será realizada na análise da dimensão diatópica.

VARIÁVEL DEPENDENTE				
FATORES	NÚMERO (N) - PERCENTAGEM (%)	PRESENÇA DA PALATAL	AUSÊNCIA DA PALATAL ⁴²	TOTAL - %
j	N	529	0	529
	%	100	0	67,5
S	N	0	107	107
	%	0	100	13,6
3	N	71	0	71
	%	100	0	9,1
Z	N	0	18	18
	%	0	100	2,3
ø	N	0	59	59
	%	0	100	7,5
TOTAL	N	600	184	784
	%	76,5	23,5	100

Tabela 1 - Variável dependente

Fonte: elaborado por nós.

A supremacia da variante palatal sobre a variante alveolar também é o resultado apresentado por Brescancini (1996; 2003) e por Furlan (1982) para Florianópolis-SC; por Callou & Moraes (1996) e por Scherre & Macedo (2000) para o Rio de Janeiro-RJ; por Gryner & Macedo (2000) para a comunidade rural de Cordeiro, situada na divisa do estado do Rio de Janeiro-RJ e de Minas Gerais-MG e; por Callou & Moraes (1996) para o Recife-PE.

Passemos, então, para a apresentação dos resultados e para a análise das variáveis independentes.

4.2 VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Como variáveis independentes optamos pelas variáveis extralinguísticas e linguísticas. Vamos agora aos resultados e à discussão das variáveis extralinguísticas.

4.2.1 Variáveis Extralinguísticas

⁴²A “Ausência da Palatal” compreende a realização das variantes alveolares [s, z] e do zero fonético [ø].

As seguintes variáveis extralinguísticas foram controladas na presente pesquisa: a dimensão diatópica, a dimensão diafásica, a dimensão diasexual, a dimensão diageracional e a dimensão diastrática.

4.2.1.1 Dimensão diatópica

Optamos por apresentar e destacar os pontos geográficos em análise, conforme Figura 21, a fim de dar ênfase às localidades em estudo, divulgando a análise e os resultados da variação diatópica apresentados em cada localidade.

Podemos verificar os pontos geográficos destacados e em análise na Figura 21.



Figura 21 - Pontos geográficos em análise⁴³

Fonte: elaborado por nós.

⁴³Os mapas presentes nas Figuras 21 e 22 foram adaptados do Google Imagens (acesso em setembro de 2011).

A variável diatopia, apresentada no Gráfico 7, mostra como resultados para a presença das variantes palatais o percentual de 87,8% para o Rio de Janeiro-RJ e de 65,3% para Florianópolis-SC. Desse modo, a representatividade maior de difusão das formas palatais ocorre na localidade do Rio de Janeiro-RJ. Ressaltamos que o Gráfico 7 divulga a representatividade das variantes na totalidade dos dados, ou seja, o quanto representa as formas se comparadas à totalidade dos dados da amostra.

Quanto às variantes alveolares e zero fonético, representadas pela ausência da palatal no Gráfico 7, para a localidade de Florianópolis-SC o percentual de representatividade destas formas é de 34,7%, já para o Rio de Janeiro-RJ a frequência é de 12,2%. Com relação a estes resultados, podemos observar que as variantes palatais têm maior representatividade no Rio de Janeiro-RJ, diferentemente das formas alveolares que possuem maior representatividade em Florianópolis-SC. No entanto, as variantes palatais ocorrem com certa supremacia nos dois pontos geográficos, se comparadas com as formas alveolares e zero fonético de igual modo distribuídas nas duas localidades.

Verificamos estes resultados no Gráfico 7.

Dimensão diatópica - presença e ausência da palatal

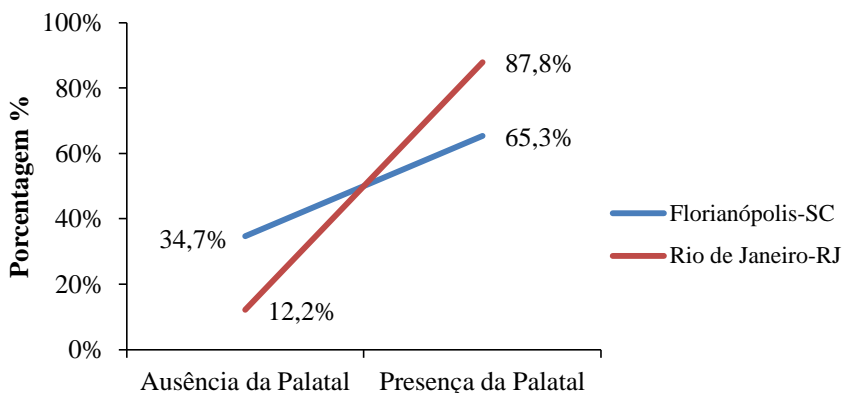


Gráfico 7 - Dimensão diatópica - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Com relação ao número de ocorrência das variantes palatais, quanto à dimensão diatópica, relatamos que a variante palatal surda [ʃ] obteve maior número no Rio de Janeiro-RJ, com 304 realizações. Já em

Florianópolis-SC esta variante atinge número menor, mas não menos significativo, visto que ocorre em 225 dados.

Já a variante palatal sonora [ʒ] realiza-se, também, em maior número no Rio de Janeiro-RJ, com 40 ocorrências. Em Florianópolis-SC esta variante ocorre com 31 realizações, assim, um pouco menos relevante do que no Rio de Janeiro-RJ. Podemos verificar, com base nestes resultados, que a palatalização da fricativa ocorre em maior número no Rio de Janeiro-RJ, pois apresenta 43,8% de realizações da forma palatal, enquanto que Florianópolis-SC divulga um percentual de 32,6% de propagação das formas.

Dentre as variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] obteve maior número de ocorrências em Florianópolis-SC, com 95 realizações. Já no Rio de Janeiro-RJ esta variante realiza-se em apenas 12 ocorrências, portanto menos significativa para esta localidade.

A variante alveolar sonora [z] concretiza-se, também, mais em Florianópolis-SC, com 17 ocorrências, sendo assim, mais relevante do que o Rio de Janeiro-RJ, já que este ponto apresenta somente 01 realização desta variante. Desse modo, podemos dizer que as variantes alveolares ocorrem em maior número em Florianópolis-SC, visto que apresentam 14,2% de realizações das formas alveolares, enquanto que para o Rio de Janeiro-RJ o percentual não é maior do que 1,6%.

Por outro lado o zero fonético ocorre em maior número no Rio de Janeiro-RJ, com 35 ocorrências. Já em Florianópolis-SC este fator apresenta 24 realizações. Observamos, assim, que o zero fonético apresenta 4,4% de realizações no Rio de Janeiro-RJ e 3% em Florianópolis-SC. Com isto, podemos inferir que os informantes florianopolitanos produziram mais a variante em estudo do que os cariocas, pois o percentual do zero fonético ocorre em maior número no Rio de Janeiro-RJ do que em Florianópolis-SC.

Verificamos a Tabela 2 que aponta os resultados.

DIMENSÃO DIATÓPICA - VARIANTES							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Florianópolis-SC	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	50
Rio de Janeiro-RJ	N	12	1	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	50

Continua...

TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 2 - Dimensão diatópica - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As consoantes surdas [ʃ, s] obtiveram maiores percentuais em Florianópolis-SC, já que a palatal atinge 57,4% de realizações e a alveolar alcança 24,2% de ocorrências. A palatal sonora [ʒ] ocorre em 7,9% dos dados; o zero fonético realiza-se em 6,1% e a alveolar sonora [z] concretiza-se em apenas 4,3%, portanto esta última variante distingue-se como a menos significativa em Florianópolis-SC, enquanto que a variante palatal surda ocorre com superioridade dentre às formas em estudo.

Podemos observar os resultados no Gráfico 8.

Dimensão diatópica - Florianópolis-SC

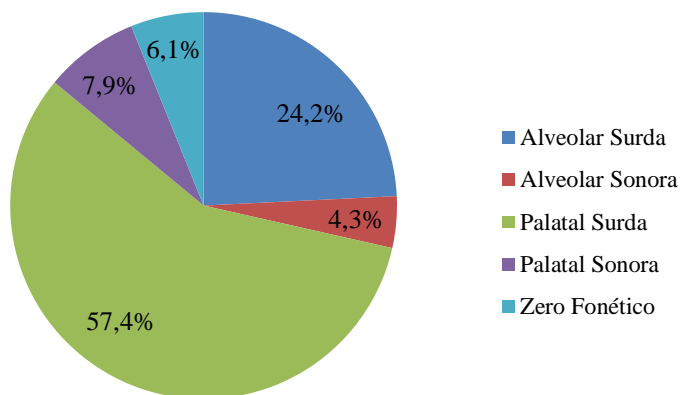


Gráfico 8 - Dimensão diatópica - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados do nosso estudo confirmam os resultados apontados por Brescancini (1996; 2003) e por Furlan (1982)⁴⁴ para a localidade de Florianópolis-SC. A autora relata uma ocorrência de 61% para a forma palatal, em pesquisa apresentada em 1996, e um percentual de 83% para

⁴⁴Ver os resultados divulgados pelos autores para a realização da palato-alveolar em Florianópolis-SC no Gráfico 2.

a palato-alveolar, em estudo realizado em 2003. Furlan (1982) divulga, também, um percentual superior para a palato-alveolar, de 78% de realizações para a forma. Desse modo, nosso estudo, assim como as pesquisas dos autores citados, confirmam que há em Florianópolis-SC o favorecimento para a difusão da palatalização da fricativa em coda silábica.

Com relação ao Gráfico 9, quanto à localidade do Rio de Janeiro-RJ, verificamos que as variantes palatais [ʃ, ʒ] alcançaram percentuais maiores que as formas alveolares [s, z]. A palatal surda [ʃ] atinge o maior percentual divulgado pelas quatro variantes, já que apresenta 77,6% de realizações, enquanto que a palatal sonora [ʒ] ocorre em apenas 10,2% dos dados. O zero fonético realiza-se em 8,9%, um tanto quanto significativo se compararmos este resultado com os percentuais obtidos pelas variantes alveolares. A forma alveolar surda [s] alcança um percentual de 3,1%, pouco relevante, mas com maior significância se comparada à forma alveolar sonora [z] que se concretiza em apenas 0,3%, sendo, então, a variante menos relevante no Rio de Janeiro-RJ.

O Gráfico 9 apresenta estes resultados.

Dimensão diatópica - Rio de Janeiro-RJ

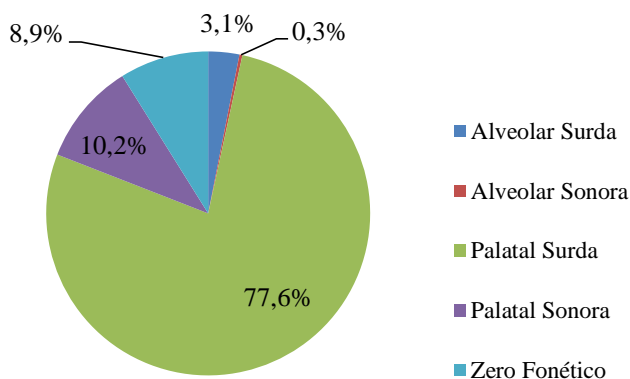


Gráfico 9 - Dimensão diatópica - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados da nossa pesquisa corroboram os resultados mostrados por Callou & Moraes (1996)⁴⁵ e por Scherre & Macedo (2000)⁴⁶ para o ponto Rio de Janeiro-RJ. A pesquisa de Callou & Moraes (1996) relata que no Rio de Janeiro-RJ a variante palatal predomina em 82% dos dados da amostra. Já o estudo de Scherre & Macedo (2000) aponta um favorecimento das formas palatais em 62% dos dados analisados. Desse modo, nosso estudo, assim como as pesquisas supracitadas, confirmam que há, também, no Rio de Janeiro-RJ a propagação da palatalização da fricativa em coda silábica.

Salientamos, então, com base nos dados registrados para a dimensão diatópica, que a variante palatal surda [ʃ] é o fator que mais representa o fenômeno da palatalização em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ. Entretanto, não podemos deixar de mencionar neste último ponto geográfico que a variante palatal sonora [ʒ] teve, também, certa relevância no processo de palatalização da fricativa.

4.2.1.2 Dimensão diafásica

Podemos verificar na Tabela 3, quanto ao número de ocorrências das variantes palatais, com relação à dimensão diafásica estratificada em Resposta aos questionários, conversa semidirigida e leitura de texto, que a variante palatal surda [ʃ] ocorre com 296 realizações nas respostas aos questionários; com 129 ocorrências na conversa semidirigida; e com 104 realizações na leitura de texto. A variante palatal sonora [ʒ] apresenta, também, maior número de ocorrências nas respostas aos questionários, com 61 realizações da referida forma.

Dentre as variantes alveolares, a variante alveolar surda [s], assim como as variantes palatais, realizam-se mais nas respostas aos questionários, com 76 ocorrências; na leitura de texto, com 18 realizações; e na conversa semidirigida, com 13 ocorrências. A variante alveolar sonora [z] ocorre, também, em maior número nas respostas aos questionários, com 11 realizações.

Em relação ao zero fonético, este ocorre em maior número na leitura de texto, com 28 realizações; nas respostas aos questionários, com 20 ocorrências; e na conversa semidirigida, com 11 realizações. Então, podemos verificar que o zero fonético, diferentemente das

⁴⁵Ver dados referentes à realização da variante palatal para a localidade do Rio de Janeiro-RJ no Gráfico 3.

⁴⁶Ver a variação da fricativa no Rio de Janeiro-RJ no Gráfico 4.

variantes palatais e alveolares, apresenta maior número na leitura de texto.

Salientamos, entretanto, que há maior ocorrência das formas palatais e alveolares nas respostas aos questionários devido ao número de dados, já que há 464 dados nesse estilo de fala em comparação com os outros estilos que possuem 160 dados⁴⁷.

DIMENSÃO DIAFÁSICA - VARIANTES							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Resposta aos Questionários	N	76	11	296	61	20	464
	%	16,4	2,4	63,8	13,1	4,3	59,2
Conversa Semidirigida	N	13	4	129	3	11	160
	%	8,1	2,5	80,6	1,9	6,9	20,4
Leitura de Texto	N	18	3	104	7	28	160
	%	11,2	1,9	65	4,4	17,5	20,4
TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 3 - Dimensão diafásica - variantes

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados relatados no Gráfico 10 demonstram o maior percentual de realizações (82,5%) das formas palatais na conversa semidirigida. Nas respostas aos questionários há, também, certa significância, visto que ocorre um percentual de 76,9% de ocorrências para as palatais. Quanto à leitura de texto, estilo de fala menos relevante para este grupo de fatores, as variantes palatais alcançam 69,4% de realizações. Estes resultados apontam para a maior incidência da palatalização da fricativa na conversa semidirigida um estilo de fala menos tenso, ou seja, um estilo de interação mais casual (descuidado).

Podemos observar, também, a partir dos resultados apontados no Gráfico 10, que o maior percentual de realizações (18,8%) das formas alveolares ocorre nas respostas aos questionários. A leitura de texto apresenta um percentual de 13,1% de ocorrências para as formas

⁴⁷ Assim, se analisarmos a totalidade das ocorrências teremos maiores realizações das variantes nas respostas aos questionários, como mostra o Gráfico 11. Então, para não enviesar a nossa pesquisa vamos comparar o número de ocorrências das formas com o número de dados obtidos em cada contexto e não ao número total de dados do estudo, conforme Gráfico 10.

alveolares, portanto, menos relevante que as respostas aos questionários. Quanto à conversa semidirigida, estilo de fala menos significativo para este grupo de fatores, ocorre um percentual de 10,6% de realização para as variantes alveolares. Com base nestes resultados, verificamos que o índice mais elevado de incidência das formas alveolares ocorre nas respostas aos questionários, que é um estilo de fala mais ou menos tenso, ou seja, um estilo de interação mais ou menos formal (cuidado). Este resultado indica que este último estilo de fala demonstra uma tendência um pouco maior a inibir o fenômeno da palatalização.

Com relação ao zero fonético, o mesmo ocorre com mais relevância na leitura de texto, fenômeno que atinge um percentual de 17,5%. Alcança, entretanto, um percentual um pouco menos significativo, de 6,8% de ocorrências, na conversa semidirigida. Quanto às respostas aos questionários, o percentual apresentado pelo zero fonético é o menos relevante neste estilo de fala, já que representa apenas 4,3% de realizações. Então, podemos observar que o zero fonético, diferentemente das variantes palatais e alveolares, apresenta frequência maior na leitura de texto.

Observamos, também, ao controlar a dimensão diafásica, que o estilo menos tenso (conversa semidirigida) favorece mais a propagação da palatalização da fricativa em coda silábica do que o estilo mais tenso (leitura de texto). Já o estilo respostas aos questionários favorece mais a realização das palatais do que a leitura de texto e menos do que a conversa semidirigida, por isso, consideramos oportuno denominar respostas aos questionários como estilo mais ou menos tenso.

Podemos verificar estes resultados no Gráfico 10.

Dimensão diafásica

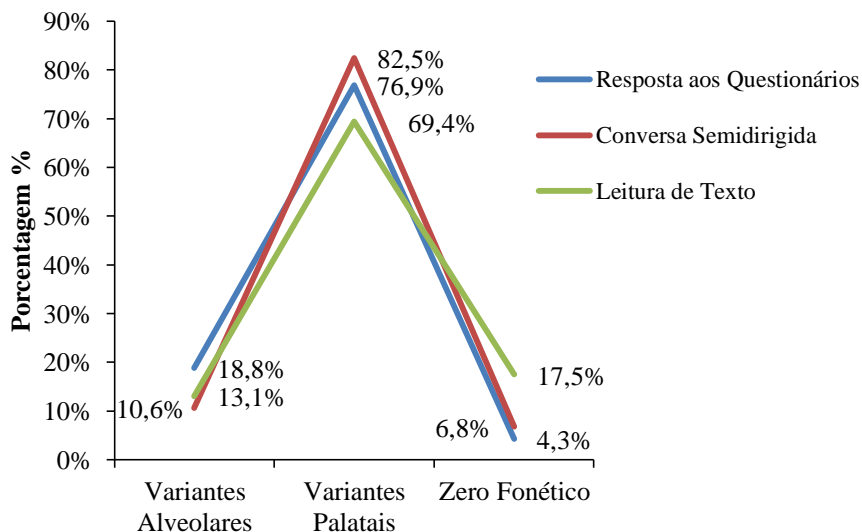


Gráfico 10 - Dimensão diafásica

Fonte: elaborado por nós.

As variantes alveolares, palatais e zero fonético, se comparadas ao número total de dados, atingem maior difusão nas respostas aos questionários, com 59,2%. Já na conversa semidirigida e na leitura de texto, realizam-se em número igual, visto que apresentam um percentual de 20,4%.

Cabe relatar, ainda, que se considerarmos a ideia de um *continuun*, a resposta aos questionários fica entre a forma menos tensa (conversa semidirigida) e a forma mais tensa (leitura de texto). Podemos dizer, assim, que as respostas aos questionários pode ser categorizada em um contexto [+tenso].

Podemos observar estes resultados no Gráfico 11.

Dimensão diafásica - variantes alveolares, palatais e zero fonético

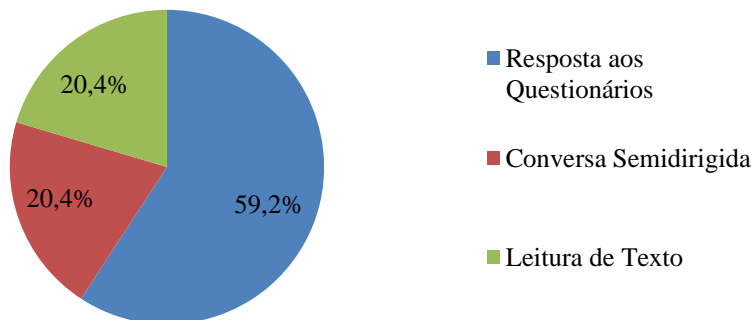


Gráfico 11 - Dimensão diafásica - variantes alveolares, palatais e zero fonético

Fonte: elaborado por nós.

Dentre as pesquisas que divulgamos na seção 1.1 do capítulo I, nenhuma delas aborda o grupo de fatores diafásia⁴⁸. Dessa maneira, não podemos comparar nossos resultados com os resultados alcançados por estes estudos.

Demonstramos na Figura 22, a difusão diafásica das variantes palatais em cada uma das localidades investigadas. Observamos com relação ao Rio de Janeiro-RJ, que o contexto resposta aos questionários foi o que mais favoreceu a ocorrência das formas palatais, já que apresenta um percentual de 92,6% de realizações das referidas variantes. O fator conversa semidirigida foi, também, bastante relevante para este ponto geográfico, visto que atinge uma frequência de 83,7%. O contexto leitura de texto foi o menos relevante para esta localidade, pois apresenta um percentual de 77,5%.

Quanto à Florianópolis-SC, verificamos que o contexto conversa semidirigida obteve maior frequência, já que alcança 81,2% de ocorrência das formas palatais. Já os contextos resposta aos questionários e leitura de texto realizaram-se de forma semelhante, visto que em ambos os fatores o percentual é de 61,2%. Conclui-se, portanto,

⁴⁸Por este motivo decidimos aprofundar um pouco mais a análise diafásica do fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica. Apresentamos, também, cartas linguísticas pluridimensionais que contemplam esta dimensão.

que resposta aos questionários e leitura de texto são os estilos de fala menos significativos para o ponto geográfico em questão.

Com base nestes resultados, podemos inferir que há no Rio de Janeiro-RJ uma maior propagação das variantes palatais, uma vez que em todos os três estilos de fala há maiores percentuais para este ponto em comparação com as frequências obtidas para a localidade de Florianópolis-SC.

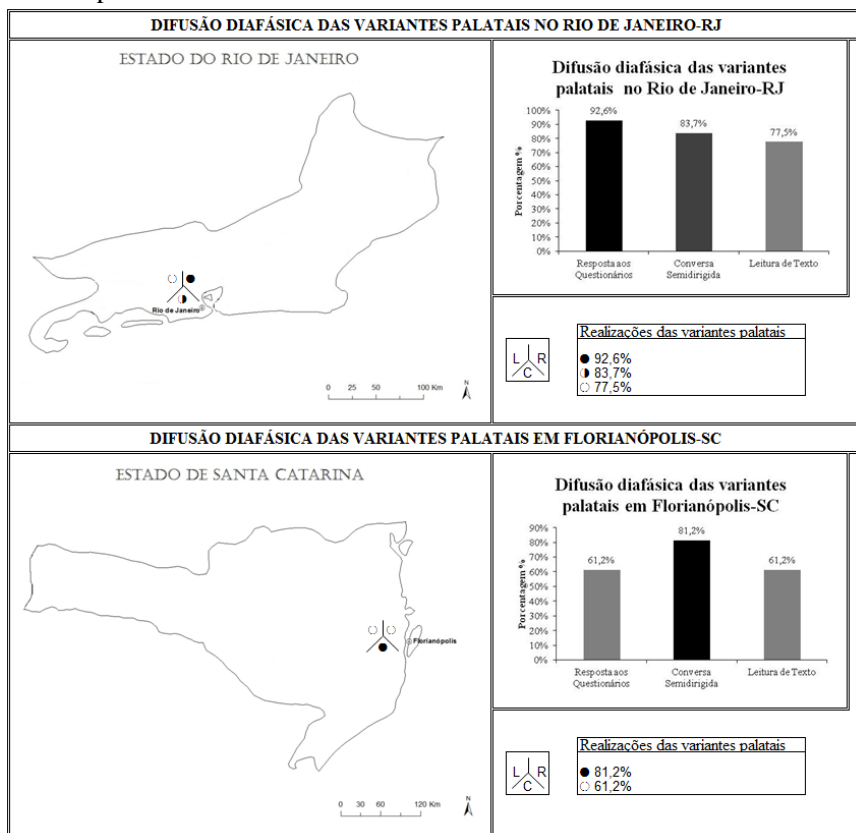


Figura 22 - Difusão diafásica das variantes palatais no RJ e em Florianópolis-SC

Fonte: elaborado com base nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Verificamos, assim, que no Rio de Janeiro-RJ o estilo mais ou menos tenso (resposta aos questionários) favorece mais a palatalização da fricativa do que o estilo mais tenso (leitura de texto). Já o estilo menos tenso (conversa semidirigida) favorece mais do que o estilo mais tenso e menos do que o estilo mais ou menos tenso. Quanto a Florianópolis-SC, o estilo menos tenso (conversa semidirigida) representa mais o processo de palatalização da fricativa do que os estilos mais ou menos tenso (resposta aos questionários) e mais tenso (leitura de texto).

4.2.1.3 Dimensão diasexual

A variável diasexual, evidenciada no Gráfico 12, mostra como resultados para a presença das variantes palatais o percentual de 77% para o sexo/gênero masculino e de 76% para o sexo/gênero feminino. Assim, a representatividade maior de difusão das formas palatais ocorre, com pequena diferença, no sexo/gênero masculino. Salientamos, ainda, que o Gráfico 24 expõe a representatividade das variantes em meio à totalidade dos dados que compõem a pesquisa.

Quanto às variantes alveolares e zero fonético, representadas pela ausência da palatal no Gráfico 24, para o sexo/gênero feminino o percentual de representatividade destas formas é de 24%, já para o sexo/gênero masculino a frequência é de 23%. Desse modo, podemos observar que as variantes palatais possuem um pouco mais de representatividade no sexo/gênero masculino, diferentemente das formas alveolares que são um pouco mais significativas no sexo/gênero feminino.

No entanto, com base nos resultados supracitados, não podemos deixar de avaliar quanto significativa uma forma é da outra. Assim, analisamos, visto que os percentuais atribuídos para os fatores são de uma quase equivalência havendo, então, pouca variação, que as variantes palatais ocorrem de forma relevante tanto no sexo/gênero masculino, quanto no sexo/gênero feminino.

Podemos verificar os resultados no Gráfico 12.

Dimensão diasexual - presença e ausência da palatal

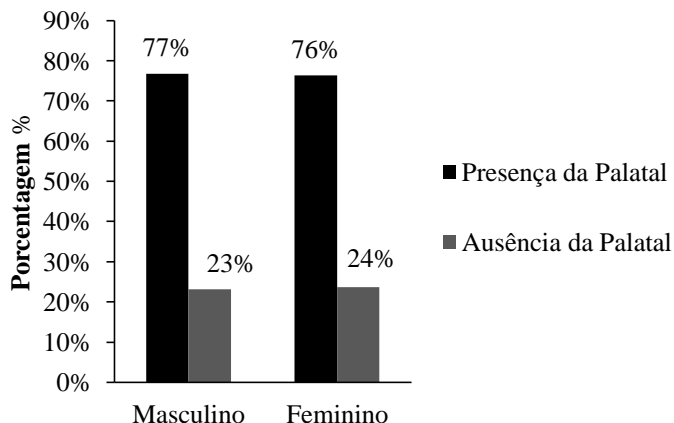


Gráfico 12 - Dimensão diasexual - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Quanto ao número de ocorrência das variantes palatais, com relação à dimensão diasexual, divulgamos que a variante palatal surda [ʃ] realiza-se em maior número no sexo/gênero feminino, com 267 ocorrências. No sexo/gênero masculino esta variante, também, atinge maior número, sendo de igual modo significativa, visto que ocorre em 262 dados.

A variante palatal sonora [ʒ] obteve maior número no sexo/gênero masculino, com 39 realizações. No sexo/gênero feminino esta variante ocorre com 32 ocorrências, assim, um pouco menos relevante do que o sexo/gênero masculino. Observamos, com base nestes resultados, que a palatalização da fricativa ocorre em número equivalente tanto no sexo/gênero masculino, com 38,3%, quanto no sexo/gênero feminino, que apresenta um percentual de 38,1% de propagação das formas palatais.

Dentre as variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] obteve maior número de ocorrências no sexo/gênero masculino, com 57 realizações. No sexo/gênero feminino esta variante obteve 50

ocorrências, portanto um pouco menos significativa do que o fator sexo/gênero masculino.

A variante alveolar sonora [z] apresenta número igual de realizações desta variante, de 09 para cada fator. Podemos dizer, então, que as variantes alveolares ocorrem em maior número no sexo/gênero masculino, já que apresentam 8,4% de ocorrências das formas, enquanto que para o sexo/gênero feminino o percentual não é maior do que 7,5%.

O zero fonético ocorre em maior número no sexo/gênero feminino, com 34 realizações. Quanto ao sexo/gênero masculino este fator divulga 25 ocorrências. Assim, o zero fonético apresenta 4,3% de realizações no sexo/gênero feminino e 3,1% no sexo/gênero masculino. Podemos inferir, com isto, que os informantes masculinos difundiram mais as variantes em estudo do que os informantes femininos.

Podemos observar a Tabela 4 que aponta os resultados.

DIMENSÃO DIASEXUAL - VARIANTES							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Masculino	N	57	9	262	39	25	392
	%	14,5	2,3	66,8	9,9	6,4	50
Feminino	N	50	9	267	32	34	392
	%	12,8	2,3	68,1	8,2	8,7	50
TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 4 - Dimensão diasexual - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As consoantes surdas [ʃ, s] alcançaram maiores percentuais no sexo/gênero masculino, visto que a palatal obteve 66,8% de realizações e a alveolar atinge 14,5% de ocorrências. A palatal sonora [ʒ] ocorre em 9,9% dos dados; o zero fonético realiza-se em 6,4% e a alveolar sonora [z] concretiza-se em apenas 2,3%, portanto esta última variante distingue-se como a menos significativa no sexo/gênero masculino, enquanto que a variante palatal surda ocorre com superioridade dentre às formas em estudo.

Verificamos os resultados no Gráfico 13.

Dimensão diasexual - sexo/gênero masculino

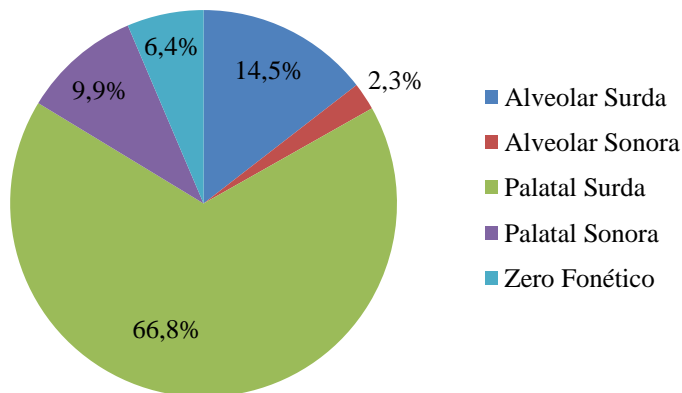


Gráfico 13 - Dimensão diasexual - sexo/gênero masculino

Fonte: elaborado por nós.

Com relação ao Gráfico 14, quanto ao sexo/gênero feminino, verificamos, também, que as consoantes surdas [ʃ, s] alcançaram percentuais maiores que as consoantes sonoras [z, ʒ]. A palatal surda [ʃ] atinge o maior percentual divulgado pelas quatro variantes, já que apresenta 68,1% de realizações, enquanto que a palatal sonora [ʒ] ocorre em apenas 8,2% dos dados. O zero fonético realiza-se em 8,7% dos dados, um tanto quanto significativo se compararmos este resultado com os percentuais obtidos pelas consoantes sonoras. A forma alveolar surda [s] alcança um percentual de 12,8%, sendo, então, a segunda forma mais relevante. A variante alveolar sonora [z] atinge 2,3%, sendo, então, a variante menos relevante no sexo/gênero feminino, assim como no sexo/gênero masculino.

Observamos os resultados divulgados no Gráfico 14.

Dimensão diasexual - sexo/gênero feminino

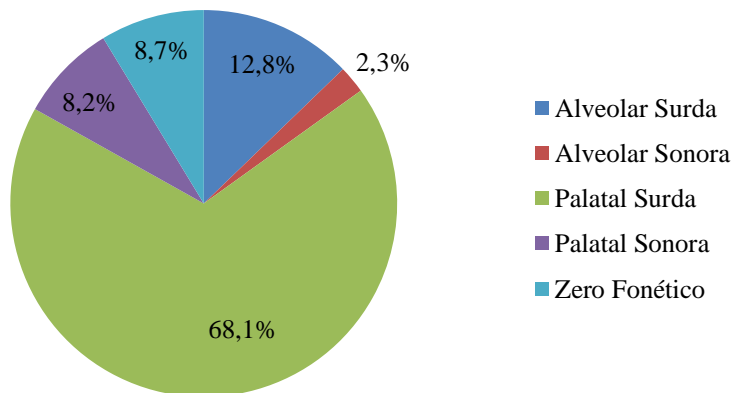


Gráfico 14 - Dimensão diasexual - sexo/gênero feminino

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados apresentados pelo presente estudo não corroboram os resultados mostrados pelas pesquisas divulgadas no capítulo I, visto que, Brescancini (1996) e Scherre & Macedo (2000) apontam para um maior favorecimento das formas palatais no sexo/gênero feminino.

Relatamos, com base nos dados registrados para a dimensão diasexual, que a palatalização da fricativa ocorre com superioridade tanto no sexo/gênero masculino quanto no sexo/gênero feminino, já que apresenta percentuais de 76,7% e de 76,3%, respectivamente, conforme a Tabela 4.

Com relação aos resultados alcançados na pesquisa em questão, podemos inferir que há uma aceitação maior das variantes palatais tanto por parte do sexo/gênero masculino quanto por parte do sexo/gênero feminino.

Salientamos que os resultados apresentados até este momento, que contemplam a dimensão diasexual, foram obtidos levando em consideração a totalidade de ocorrências dos dados para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes à dimensão diasexual para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 5 e 6, respectivamente.

Observamos na Tabela 5, que as variantes palatais em Florianópolis-SC, representam frequências maiores do que as formas alveolares, já que apresentam um percentual de 29,8%, para o sexo/gênero masculino, e de 35,4%, para o sexo/gênero feminino. Já as formas alveolares, apresentam percentuais de 15,5%, para o sexo/gênero masculino, e de 13%, para o sexo/gênero feminino. Com relação ao zero fonético, este apresenta percentual maior para o sexo/gênero masculino, de 4,6%, enquanto que para o sexo/gênero feminino o percentual é de apenas 1,5% de ocorrências.

Com base nesses resultados, podemos verificar que em Florianópolis-SC os informantes do sexo/gênero feminino difundem mais as variantes palatais que os informantes do sexo/gênero masculino. No entanto estes últimos propagam mais as variantes alveolares e o zero fonético.

Inferimos com base nisto, que os informantes florianopolitanos do sexo/gênero masculino prezam mais pela utilização das variantes alveolares por considerar estas com mais prestígio que as formas palatais, sendo assim, utilizam-nas com maior intensidade.

Podemos observar a Tabela 5 que apresenta os resultados referentes à dimensão diasexual em Florianópolis-SC.

DIMENSÃO DIASEXUAL - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Masculino	N	53	08	101	16	18	196
	%	27,0	4,1	51,5	8,2	9,2	50
Feminino	N	42	09	124	15	06	196
	%	21,4	4,6	63,3	7,7	3,1	50
TOTAL	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 5 - Dimensão diasexual - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Verificamos na Tabela 6, que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, alcançam percentuais maiores do que as formas alveolares, já que representam um percentual de 46,9%, para o sexo/gênero masculino, e de 40,8%, para o sexo/gênero feminino. Quanto às formas alveolares, os percentuais são de 1,2%, para o sexo/gênero masculino, e de 2,0%, para o sexo/gênero

feminino. O zero fonético apresenta um percentual de 1,7%, para o sexo/gênero masculino, e de 7,1%, para o sexo/gênero feminino.

Podemos verificar, assim, que no Rio de Janeiro-RJ os informantes do sexo/gênero masculino propagam mais as variantes palatais do que os informantes do sexo/gênero feminino. No entanto, estes últimos propagam mais as variantes alveolares e o zero fonético.

Inferimos com base nestes resultados, que os informantes cariocas do sexo/gênero feminino utilizam mais as variantes alveolares por considerar estas com mais prestígio que as formas palatais, sendo assim, empregam-nas com maior intensidade.

Podemos observar a Tabela 6 que mostra os resultados referentes à dimensão diasexual no Rio de Janeiro-RJ.

DIMENSÃO DIASEXUAL - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Masculino	N	04	01	161	23	07	196
	%	2,0	0,5	82,1	11,7	3,6	50
Feminino	N	08	0	143	17	28	196
	%	4,1	0	73,0	8,7	14,3	50
TOTAL	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100

Tabela 6 - Dimensão diasexual - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Observamos com relação à análise da dimensão diasexual, que há diferenças na propagação das formas palatais, visto que estas foram mais difundidas pelo sexo/gênero feminino, em Florianópolis-SC, e pelo sexo/gênero masculino, no Rio de Janeiro-RJ. Quanto à realização das variantes alveolares há, também, certa distinção, visto que estas foram mais propagadas por informantes florianopolitanos do sexo/gênero masculino e por informantes cariocas do sexo/gênero feminino. Já o zero fonético foi mais difundido pelo sexo/gênero masculino, em Florianópolis-SC, e pelo sexo/gênero feminino, no Rio de Janeiro-RJ.

4.2.1.4 Dimensão diageracional

A dimensão diageracional, demonstrada no Gráfico 15, apresenta como resultados para a presença das variantes palatais o percentual de 78% para a geração jovem⁴⁹ e de 76% para a geração mais velha⁵⁰. A

⁴⁹Faixa 1 – de 18 a 30 anos.

representatividade de produção das formas palatais demonstra incidência um pouco maior na geração jovem. Ressaltamos, ainda, que o Gráfico 15 apresenta a representatividade das formas em análise se comparadas à totalidade dos dados da pesquisa. Quanto à ausência da palatal, para a geração jovem o percentual de representatividade das formas alveolares e zero fonético é de 22%. Entretanto, esta frequência aumenta para 25% na geração mais velha. Podemos notar, com relação a esses resultados, que as variantes palatais têm uma representatividade um pouco maior na geração jovem, diferentemente das formas alveolares e zero fonético que possuem maior representatividade na geração mais velha. No entanto, as variantes palatais ocorrem com certa supremacia nas duas gerações, se comparadas com as formas alveolares e zero fonético distribuídas, também, nas duas faixas etárias.

Podemos verificar os resultados no Gráfico 15.

Dimensão diageracional - presença e ausência a palatal

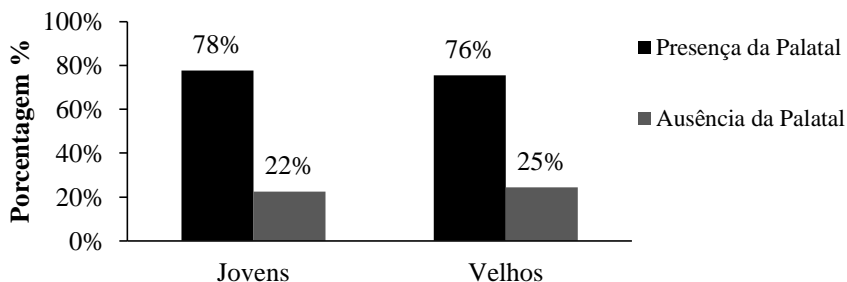


Gráfico 15 - Dimensão diageracional - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Com relação ao número de ocorrência das variantes palatais, quanto à dimensão diageracional, relatamos que a variante palatal surda [ʃ] obteve proporcionalmente maior número de realizações na geração jovem e mais velha, apresentando 272 e 257 realizações, respectivamente. Entretanto, podemos apontar a geração jovem como um pouco mais significativa que a geração mais velha, conforme os dados supracitados.

⁵⁰Faixa 2 – de 50 a 65 anos.

Já a variante palatal sonora [ʒ] realiza-se em maior número na geração mais velha, com 39 ocorrências. Na geração jovem esta variante ocorre com 32 realizações, assim, um pouco menos relevante do que na geração mais velha. Observamos, com base nestes resultados, que a palatalização da fricativa ocorre de forma um pouco mais significativa na geração jovem, visto que apresenta 38,7% de realizações da forma palatal nesta faixa etária e 37,7% de ocorrências na geração mais velha.

A análise das variantes alveolares mostra que a variante alveolar surda [s] concretiza-se com um maior número na geração jovem, com 72 realizações. Já na geração mais velha realiza-se em 35 ocorrências, portanto menos significativa para esta última geração em confronto com a primeira geração mencionada.

A variante alveolar sonora [z] obteve, também, maior relevância na geração jovem, com 11 ocorrências, sendo assim, mais significativa que a geração mais velha, já que esta geração apresenta somente 07 realizações da referida variante. Podemos dizer, assim, que as variantes alveolares ocorrem em maior número na geração jovem, visto que apresentam 10,5% de realizações das formas alveolares, enquanto que para a geração mais velha o percentual não é maior do que 5,3%.

Por outro lado o zero fonético ocorre em maior número na geração mais velha, com 54 ocorrências. Já na geração jovem este fator apresenta apenas 05 realizações. Notamos, então, que o zero fonético apresenta 6,8% de realizações na geração mais velha e não mais do que 0,6% na geração jovem. Podemos inferir, a partir destes dados, que os informantes jovens produzem mais as variantes em estudo do que os participantes mais velhos, pois o percentual do zero fonético ocorre em maior número na geração mais velha do que na geração jovem. Podemos dizer, também, que os informantes mais jovens se arriscam mais em pronunciar uma ou outra variante, já os falantes mais velhos, na dúvida pelo uso de uma ou de outra, preferem fazer o apagamento das variantes em estudo.

Podemos observar a Tabela 7 que apresenta estes resultados.

DIMENSÃO DIAGERACIONAL - VARIANTES							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Jovens	N	72	11	272	32	5	392
	%	18,4	2,8	69,4	8,2	1,3	50
Velhos	N	35	7	257	39	54	392
	%	8,9	1,8	65,6	9,9	13,8	50

Continua...

TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 7 - Dimensão diageracional - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As consoantes surdas [ʃ, s] atingiram maiores percentuais na geração jovem, visto que a palatal obteve 69,4% de realizações e a alveolar alcança 18,2% de ocorrências. A palatal sonora [ʒ] ocorre em 8,2% dos dados; a alveolar sonora [z] concretiza-se em 2,8% e o zero fonético realiza-se em apenas 1,3%, sendo, portanto, esta última variante, a menos significativa para a geração jovem, enquanto que a variante palatal surda ocorre com superioridade dentre às formas em análise.

Verificamos os resultados no Gráfico 16.

Dimensão diageracional - jovens

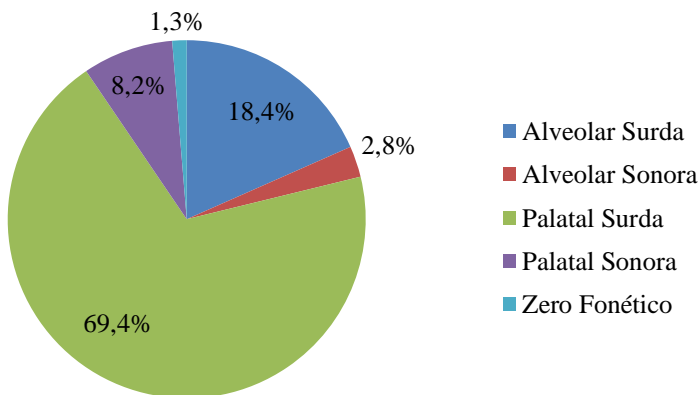


Gráfico 16 - Dimensão diageracional - jovens

Fonte: elaborado por nós.

Com relação ao Gráfico 17, quanto à geração mais velha, demonstramos que a variante palatal surda [ʃ] alcança o percentual de 65,6% de ocorrências, portanto, a maior frequência registrada para este fator. O zero fonético atinge, também, um percentual relevante, já que apresenta 13,8% de realizações. Em relação às outras variantes, a palatal

sonora [ʒ] ocorre em apenas 9,9% dos dados; a alveolar surda [s] alcança um percentual ainda menor de 8,9%, pouco relevante, mas com maior significância se comparada à forma alveolar sonora [z] que se concretiza somente em 1,8%, sendo, então, a variante menos relevante para a geração mais velha.

Observamos o Gráfico 17 que apresenta estes resultados.

Dimensão diageracional - velhos

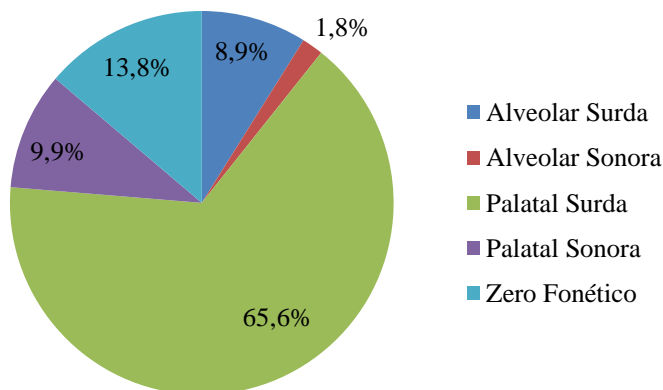


Gráfico 17 - Dimensão diageracional - velhos

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados divulgados pela presente pesquisa corroboram os resultados apresentados pelos estudos divulgados na seção 1.1 do capítulo I, já que, Brescancini (1996), Scherre & Macedo (2000) e Hora (2000) apontam um favorecimento um pouco maior das formas palatais nos informantes pertencentes à geração mais jovem.

Analisamos, com base nos dados registrados na Tabela 7 para a dimensão diageracional, que a palatalização da fricativa ocorre com 77,6% na geração jovem e com 75,5% na geração mais velha. Assim, há entre os informantes jovens uma maior propagação das formas palatais do que entre os participantes mais velhos. Parece, então, que o processo de palatalização da fricativa se trata de uma regra conservadora para as localidades em estudo, sendo que os resultados revelam que os falantes jovens se identificam com essas variantes linguísticas, ou seja, são marcas de identidade entre os jovens, já que são vistas pelos mesmos como regra de prestígio.

Relatamos que os resultados apresentados até este momento, que condizem com a dimensão diageracional, foram analisados levando em consideração a totalidade de ocorrências dos dados para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes à dimensão diageracional para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 8 e 9, respectivamente.

Verificamos na Tabela 8, que as variantes palatais em Florianópolis-SC, apresentam percentuais maiores do que as formas alveolares, já que representam uma frequência de 29,5%, para a geração mais jovem, e de 35,7%, para a geração mais velha. Já as formas alveolares, alcançam percentuais de 19,8%, para a geração mais jovem, e de 8,6%, para a geração mais velha. Quanto ao zero fonético, o percentual para a geração mais jovem é de 0,5%, enquanto que para a geração mais velha a frequência é de 5,6% de realizações.

Podemos verificar, com base nesses dados, que em Florianópolis-SC os informantes mais velhos propagam mais as variantes palatais e o zero fonético, enquanto que os informantes mais jovens difundem mais as variantes alveolares.

Inferimos com base nisto, que os informantes florianopolitanos mais velhos prezam mais pela utilização das variantes palatais, pois as utilizando com maior intensidade marcam mais a sua identidade linguística.

Podemos observar a Tabela 8 que apresenta os resultados referentes à dimensão diageracional em Florianópolis-SC.

DIMENSÃO DIAGERACIONAL - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Jovens	N	67	11	104	12	02	196
	%	34,2	5,6	53,1	6,1	1,0	50
Velhos	N	28	06	121	19	22	196
	%	14,3	3,1	61,7	9,7	11,2	50
TOTAL	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 8 - Dimensão diageracional - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Observamos na Tabela 9, que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, mostram frequências maiores do que as formas alveolares, já que apresentam um percentual de 47,9%, para a geração mais jovem, e de 39,7%, para a geração mais velha. Com relação às formas alveolares, os percentuais são de 1,2%, para a geração mais jovem, e de 2,0%, para a geração mais velha. O zero fonético apresenta uma frequência de 0,7%, para os mais jovens, e de 8,1%, para os mais velhos.

Podemos verificar, então, que no Rio de Janeiro-RJ os informantes mais jovens realizam mais as variantes palatais do que os informantes mais velhos. No entanto, estes últimos propagam mais as variantes alveolares e o zero fonético.

Inferimos com base nestes resultados, que os informantes cariocas mais jovens empregam com maior intensidade as variantes palatais, pois se identificam mais com estas variantes.

Verificamos a Tabela 9 que mostra os resultados referentes à dimensão diageracional no Rio de Janeiro-RJ.

DIMENSÃO DIAGERACIONAL - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Jovens	N	05	0	168	20	03	196
	%	2,6	0	85,7	10,2	1,5	50
Velhos	N	07	01	136	20	32	196
	%	3,6	0,5	69,4	10,2	16,3	50
TOTAL	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100

Tabela 9 - Dimensão diageracional - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Examinamos com relação à análise da dimensão diageracional, que há diferenças na difusão das formas palatais, já que estas foram mais propagadas pela geração mais velha, em Florianópolis-SC, e pela geração mais jovem, no Rio de Janeiro-RJ. Quanto à ocorrência das variantes alveolares há, também, certa distinção, visto que estas foram mais realizadas por informantes florianopolitanos mais jovens e por informantes cariocas mais velhos. Já o zero fonético foi difundido em maior número pela geração mais velha, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ.

4.2.1.5 Dimensão diastrática

A variável diastrática, representada em nossa pesquisa pelos níveis de escolaridade baixa (até a 7^a série) e alta (superior), apresentada no Gráfico 18, apresenta como resultados para a presença das variantes palatais o percentual de 82,1% para a escolaridade baixa (até a 7^a série do ensino fundamental) e de 70,9% para a escolaridade alta (nível universitário). Desse modo, a representatividade maior de difusão das formas palatais ocorre na escolaridade baixa. Ressaltamos que o Gráfico 18 divulga a representatividade das variantes na totalidade dos dados presentes no estudo.

Quanto às variantes alveolares e zero fonético, representadas pela ausência da palatal no Gráfico 18, para a escolaridade baixa o percentual de representatividade destas formas é de 17,9%, já para a escolaridade alta a frequência é de 29,1%. Com relação a estes resultados, notamos que as variantes palatais têm maior representatividade na escolaridade baixa, diferentemente das formas alveolares que possuem maior representatividade na escolaridade alta. Podemos perceber, ainda, que mesmo com um percentual maior na escolaridade baixa, as variantes palatais ocorrem com certa supremacia nas duas escolaridades, se comparadas com as formas alveolares.

Podemos verificar estes resultados no Gráfico 18.

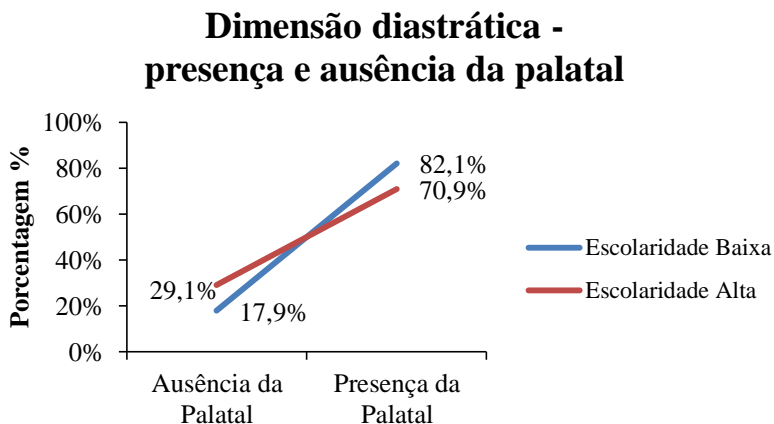


Gráfico 18 - Dimensão diastrática - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Quanto ao número de ocorrência das variantes palatais, com relação à dimensão diastrática, analisamos que a variante palatal surda [ʃ] realiza-se em maior número na escolaridade baixa, com 286 ocorrências. Na escolaridade alta esta variante, também, atinge maior número, sendo de igual modo significativa, visto que ocorre em 243 dados.

A variante palatal sonora [ʒ] obteve um número um pouco maior na escolaridade baixa, com 36 realizações. Na escolaridade alta esta variante ocorre com 35 ocorrências, assim, um pouco menos relevante do que na escolaridade baixa. Constatamos, com base nestes resultados, que a palatalização da fricativa ocorre com maior número na escolaridade baixa, com 41%, visto que na escolaridade alta, o fenômeno em análise ocorre com um percentual de 35,4%, sendo assim, menos significativa que a escolaridade baixa.

Dentre as variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] alcança maior número de ocorrências na escolaridade alta, com 70 realizações. Na escolaridade baixa esta variante obteve 37 ocorrências, portanto menos relevante do que o fator escolaridade alta.

A variante alveolar sonora [z] apresenta um número um pouco maior de incidência na escolaridade baixa, de 10 realizações. Quanto à escolaridade alta, este número diminui para 08 ocorrências, dessa maneira, menos significativa. Entretanto, podemos dizer que as variantes alveolares ocorrem em maior número na escolaridade alta, já que apresentam 10% de ocorrências das formas, enquanto que para a escolaridade baixa o percentual não é maior do que 6%.

O zero fonético ocorre em maior número na escolaridade alta, com 36 realizações. Já na escolaridade baixa este fator apresenta 23 ocorrências. Assim, o zero fonético apresenta 4,5% de realizações na escolaridade alta e 3% na escolaridade baixa. De acordo com estes resultados, podemos inferir que os informantes de baixa escolaridade propagaram mais as variantes em estudo do que os informantes com nível universitário. Evidenciamos, também, que os falantes com escolaridade superior procuram mostrar fluência na leitura de texto que em muitas vezes acabam apagando as variantes em análise.

Podemos observar os resultados na Tabela 10.

DIMENSÃO DIASTRÁTICA - VARIANTES							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Escolaridade	N	37	10	286	36	23	392
Baixa	%	9,4	2,6	73	9,2	5,9	50

Continua...

Escolaridade Alta	N	70	8	243	35	36	392
	%	17,9	2	62	8,9	9,2	50
TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 10 - Dimensão diastrática - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As consoantes surdas [ʃ, s] apresentaram maiores percentuais no fator escolaridade baixa, visto que a palatal obteve 73% de realizações e a alveolar atinge 9,4% de ocorrências. A palatal sonora [ʒ] ocorre em 9,2% dos dados; o zero fonético realiza-se em 5,9%; a alveolar sonora [z] concretiza-se em apenas 2,6%, sendo, portanto, esta última variante, a menos significativa para a escolaridade baixa, enquanto que a variante palatal surda ocorre com superioridade dentre às formas.

Verificamos os resultados no Gráfico 19.

Dimensão diastrática - escolaridade baixa

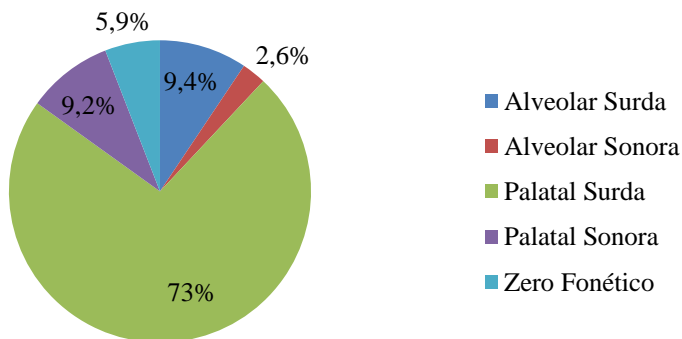


Gráfico 19 - Dimensão diastrática - escolaridade baixa

Fonte: elaborado por nós.

No fator escolaridade alta, as consoantes surdas [ʃ, s], também, apresentaram maiores percentuais, já que a palatal alcança 62% de realizações e a alveolar obteve 17,9% de ocorrências. Dentre as consoantes sonoras [ʒ, z] e o zero fonético, este último mostra maior

relevância, pois se realiza em 9,2% dos dados, enquanto que a palatal sonora [ʒ] ocorre em 8,9% e a alveolar sonora [z] concretiza-se em apenas 2%, desse modo, a variante menos significativa para a escolaridade alta, assim como, para a escolaridade baixa.

Observamos os resultados constatados neste fator no Gráfico 20.

Dimensão diastrática - escolaridade alta

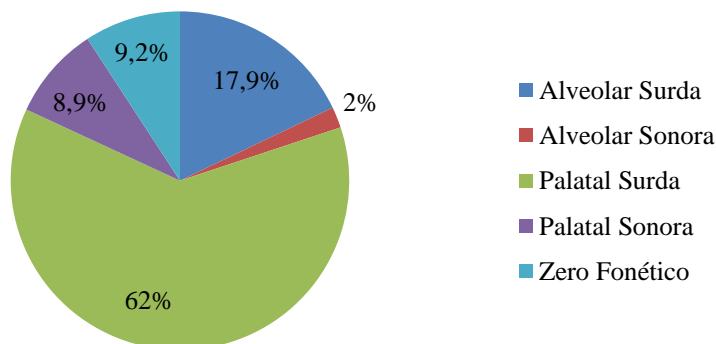


Gráfico 20 - Dimensão diastrática - escolaridade alta

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados obtidos pelo presente estudo corroboram os resultados apresentados por Brescancini (1996), Scherre & Macedo (2000), Pessoa (1986) e Hora (2000), visto que para estes autores e para nós há uma incidência maior das formas palatais nos informantes com menor nível de instrução. No entanto, os resultados alcançados nesta pesquisa não confirmam os resultados divulgados por Callou & Marques (1975), já que para o referido estudo os informantes com nível superior demonstraram um maior favorecimento à proliferação do processo de palatalização da fricativa.

Conforme nossa análise, com base nos dados registrados na Tabela 10 para a dimensão diastrática, divulgamos que a palatalização da fricativa ocorre com 82,2% na escolaridade baixa e com 70,9% na escolaridade alta, assim, há entre os informantes menos escolarizados uma maior propagação das formas palatais do que entre os participantes mais escolarizados.

Parece, então, que as variantes palatais não são portadoras de prestígio e/ou apontam para outro tipo de prestígio, um prestígio local ou encoberto, mais relacionado aos regionalismos da fala. Salientamos que a noção de prestígio encoberto, conforme Labov (1972), está associada às marcas de identidade social, ao orgulho linguístico e a aceitação a uma dada classe social ou comunidade de fala. E, nesse domínio, parece haver uma diferença no comportamento de falantes com nível de escolaridade baixa e com nível de escolaridade alta. Assim, os primeiros realizaram mais as variantes palatais que os segundos, portanto, demonstraram mais sua identidade linguística que os informantes de escolaridade alta.

Divulgamos que os resultados relatados até este momento, que abrangem a dimensão diastrática, foram analisados levando em consideração a totalidade de ocorrências dos dados para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes à dimensão diastrática para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 11 e 12, respectivamente.

Na Tabela 11, as variantes palatais em Florianópolis-SC, apresentam frequências maiores do que as formas alveolares, já que representam um percentual de 35,9%, para a escolaridade baixa, e de 29,3%, para a escolaridade alta. As formas alveolares, no entanto, apresentam uma frequência de 11,2%, para a escolaridade baixa, e de 17,3%, para a escolaridade alta. Quanto ao zero fonético, o percentual para a escolaridade baixa é de 2,8%, enquanto que para a escolaridade alta a frequência é de 3,3% de ocorrências.

Podemos verificar, com base nesses dados, que em Florianópolis-SC os informantes com nível de escolaridade baixa difundem mais as variantes palatais do que os informantes com nível de escolaridade alta. No entanto estes últimos propagam mais as variantes alveolares e o zero fonético.

Inferimos com base nisto, que os informantes florianopolitanos com escolaridade baixa utilizam mais as variantes palatais, pois para os mesmos tais variantes são portadoras de prestígio.

Observamos a Tabela 11 que apresenta os resultados referentes à dimensão diastrática em Florianópolis-SC.

DIMENSÃO DIASTRÁTICA - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N – %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL – %
Escolaridade Baixa	N	34	10	126	15	11	196
	%	17,3	5,1	64,3	7,7	5,6	50
Escolaridade Alta	N	61	07	99	16	13	196
	%	31,1	3,6	50,5	8,2	6,6	50
TOTAL	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 11 - Dimensão diastrática - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Verificamos na Tabela 12, que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, apresentam percentuais maiores do que as formas alveolares, já que representam uma frequência de 46,1%, para a escolaridade baixa, e de 41,5%, para a escolaridade alta. Quanto às formas alveolares, os percentuais são de 0,7%, para a escolaridade baixa, e de 2,5%, para a escolaridade alta. O zero fonético apresenta uma frequência de 3,0%, para a escolaridade baixa, e de 5,8%, para a escolaridade alta.

Podemos observar, assim, que no Rio de Janeiro-RJ os informantes com menor nível de escolaridade realizam mais as variantes palatais do que os informantes com maior nível de escolaridade. No entanto, estes últimos difundem mais as variantes alveolares e o zero fonético.

Inferimos com base nestes resultados, que os informantes cariocas com nível de escolaridade baixa empregam com maior intensidade as variantes palatais, pois se identificam mais com estas variantes, sendo que, para os mesmos tais variantes possuem certo prestígio.

A Tabela 12 mostra os resultados referentes à dimensão diastrática no Rio de Janeiro-RJ.

DIMENSÃO DIASTRÁTICA - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N – %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL – %
Escolaridade Baixa	N	03	0	160	21	12	196
	%	1,5	0	81,6	10,7	6,1	50
Escolaridade Alta	N	09	01	144	19	23	196
	%	4,6	0,5	73,5	9,7	11,7	50

Continua...

TOTAL	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100

Tabela 12 - Dimensão diastrática - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Analisamos, com relação à dimensão diastrática, que o comportamento linguístico dos informantes florianopolitanos e cariocas quanto à difusão das formas palatais é semelhante, já que em ambas as localidades os informantes com menor nível de escolaridade propagaram mais as variantes palatais do que os informantes com maior nível de escolaridade. Uma possível explicação para este fato é de que tais variantes estejam mais relacionadas com um tipo de prestígio encoberto, ou seja, mais associado às marcas de identidade social da comunidade de fala.

Salientamos, entretanto, que no Rio de Janeiro-RJ há pouca diferença percentual na utilização da variante palatal pela escolaridade baixa e pela escolaridade alta, visto que a primeira apresenta uma frequência de 46,1% e a segunda de 41,5%, ou seja, uma diferença percentual de apenas 4,6%. No entanto, consideramos para o Rio de Janeiro-RJ a escolaridade baixa como a mais propagadora das formas palatais, apesar da pequena diferença de porcentagem.

Quanto à ocorrência das variantes alveolares e do zero fonético há, também, certa semelhança, já que ambas as formas foram mais reproduzidas por informantes florianopolitanos e cariocas com maior nível de escolaridade.

4.2.2 Variáveis Linguísticas

As seguintes variáveis linguísticas foram selecionadas para o presente estudo: a posição da fricativa na palavra; a tonicidade; o contexto fonológico precedente à fricativa; o contexto fonológico seguinte à fricativa; o traço [voz] e o número de sílabas.

4.2.2.1 Posição da fricativa na palavra

Ressaltamos, antes mesmo de iniciar a análise deste grupo de fatores, que consideramos como posição final absoluta a fricativa que ocorre no final da palavra sem possuir contextos posteriores, como é o caso da palavra “ônibus”, em que o informante respondeu o questionário

utilizando somente o item lexical requerido [ˈõnibõʃ]. Quanto à posição medial, selecionamos a fricativa que ocorre no meio da palavra, como exemplo podemos citar o item lexical “vesgo”, em que o informante pronunciou [ˈveʃɡõ].

Na posição em que a fricativa ocorre antes de pausa seguida de consoante, consideramos os dados que terminam com a fricativa, seguidos de pausa, sendo que a próxima palavra inicia-se por consoante. Podemos citar como exemplo os itens lexicais “estamos vivendo”, em que o informante pronunciou [eʃˈtamõʃ]. Em relação à posição em que a fricativa ocorre antes de pausa seguida de vogal, prezamos pelos dados que terminam com a fricativa, seguidos de pausa, sendo que a próxima palavra inicia-se por vogal. Citamos os itens lexicais “feliz é todo”, como exemplo, em que o informante pronunciou [fɛˈliz].

Quanto ao sândi, consideramos os dados que terminam com uma fricativa e que a próxima palavra inicia-se por vogal, sendo que quando o informante pronuncia os dois itens lexicais ocorre o processo fonológico denominado de ressilabificação e/ou juntura intervocabular. Podemos mencionar como exemplo os itens lexicais “rapazes apareceram”, em que o informante pronunciou [ra.pazizapareˈserẽ].

Em relação ao zero fonético, consideramos os itens lexicais que possuem a fricativa em coda silábica, porém sem a realização da mesma. Este fenômeno é denominado por Cagliari (2002) de eliminação ou apagamento⁵¹, já que ocorre a supressão de um segmento. Citamos como exemplo o item lexical “rapazes”, em que o informante pronunciou [raˈpazi]. Neste caso, podemos notar que ocorre o apagamento da fricativa em coda silábica na posição final absoluta.

Com relação ao grupo de fatores posição da fricativa na palavra, conforme o Gráfico 7, a presença das variantes palatais ocorre com um percentual de 81% na posição em que a fricativa aparece antes de pausa seguida de consoante. O percentual para as formas alveolares e zero fonético é de apenas 19%. Assim, para esta variante, as palatais foram mais significativas que as formas alveolares.

Quanto às posições medial e final absoluta ocorre uma semelhança entre suas frequências que são de 78% e 77% para a presença das palatais. Desse modo, apresentam, também, para estas variantes, percentuais semelhantes para a ausência das palatais que são

⁵¹Ver Figura 7.

de 22% e 23%, respectivamente. Assim, também, as variantes palatais foram mais relevantes que as variantes alveolares.

Para a posição em que a fricativa ocorre antes de pausa seguida de vogal a presença das palatais, também, tem uma maior proporção neste fator, já que evidencia uma frequência de 74% para as formas palatais.

Com relação ao sândi, podemos perceber que ocorre o contrário, pois não há a presença das formas palatais. Desse modo, todas as ocorrências em que há juntura intervocabular, ocorre a ausência das formas palatais.

Com base nesses dados, podemos observar que a maior representatividade das formas palatais, segmentadas por fatores, ocorre na posição em que a fricativa realiza-se antes de pausa seguida de consoante. No entanto, isto não significa que é neste fator que a palatalização ocorre com maior intensidade se comparado com a totalidade dos dados analisados.

Apresentamos estes resultados no Gráfico 21⁵².

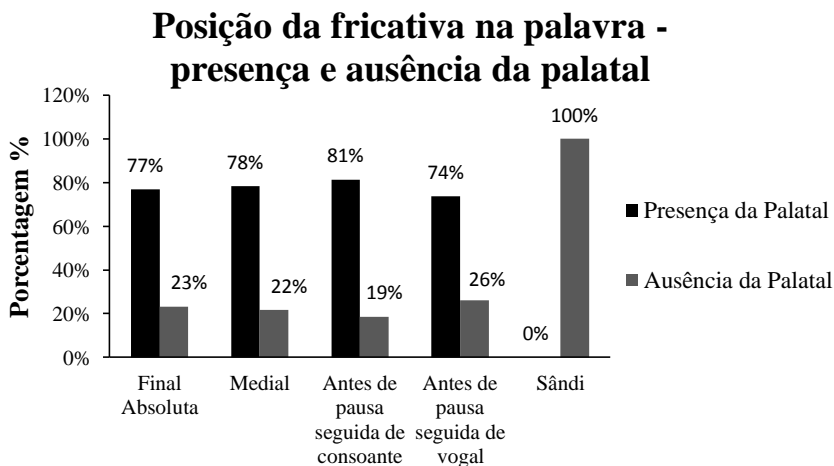


Gráfico 21 - Posição da fricativa na palavra - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

⁵²Vale salientar que consideramos como presença da palatal a variante palatal surda [ʃ] e a variante palatal sonora [ʒ]. Assim, como ausência da palatal consideramos a variante alveolar surda [s], a variante alveolar sonora [z] e o zero fonético [∅].

Quanto ao número de ocorrência das variantes palatais, com relação à posição da fricativa na palavra, podemos relatar que a variante palatal surda [ʃ] realiza-se em maior número na posição medial, com 270 realizações; na posição final absoluta, com 136 ocorrências; na posição em que a fricativa ocorre antes de pausa seguida de consoante, com 76 realizações; e na posição em que a fricativa ocorre antes de pausa seguida de vogal, com 47 ocorrências.

A variante palatal sonora [ʒ] ocorre, também, em maior número na posição em que a fricativa encontra-se no meio da palavra, com 57 realizações. Desse modo, podemos inferir que a palatalização da fricativa ocorre em maior número na posição medial, visto que apresenta 327 ocorrências, ou seja, 41,7% de realizações da forma palatal ocorrem na posição em que a fricativa está no meio da palavra.

Dentre as variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] realiza-se mais em posição medial, com 60 ocorrências; em posição final absoluta, com 30 realizações; e em posição em que a fricativa ocorre antes de pausa seguida de consoante, com 10 ocorrências.

A variante alveolar sonora [z], também, concretiza-se mais em posição medial, com 11 realizações. No entanto, não podemos deixar de mencionar que esta variante ocorre, ainda, em posição de juntura intervocabular – sândi, com 05 ocorrências. Esse fato comprova a regra do fenômeno de ressilabificação⁵³ apontado por Cagliari (2002), quando afirma que se a fricativa ocorrer antes de uma vogal em posição final, esta sibilante adquire vozeamento, tornando-se [z]. Desse modo, podemos dizer que as variantes alveolares ocorrem em maior número em posição medial, pois apresentam 71 ocorrências na referida posição, ou seja, 9% de realizações das formas alveolares.

Quanto ao zero fonético, este, também, ocorre em maior número na posição medial, com 19 realizações; e na posição final absoluta, com 13 ocorrências. Então, podemos verificar que o zero fonético representa 2,4% de realizações na posição medial.

Observamos a Tabela 13 que expõe os resultados.

POSIÇÃO DA FRICATIVA NA PALAVRA - VARIANTES							
FATORES	N – %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL – %
Final Absoluta	N	30	0	136	6	13	185
	%	16,2	0	73,5	3,2	7	23,6
Medial	N	60	11	270	57	19	417

Continua...

⁵³Ver Figura 4.

	%	14,4	2,6	64,7	13,7	4,6	53,2
Antes de pausa seguida de consoante	N	10	1	76	7	8	102
	%	9,8	1	74,5	6,9	7,8	13
Antes de pausa seguida de vogal	N	7	1	47	1	9	65
	%	10,8	1,5	72,3	1,5	13,8	8,3
Sândi	N	0	5	0	0	0	5
	%	0	100	0	0	0	0,6
Ausência da Fricativa ⁵⁴	N	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	100	1,3
TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 13 - Posição da fricativa na palavra - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As variantes alveolares, palatais e zero fonético ocorrem com maior proporção na posição medial, apresentando um percentual de 53,2%; seguidas pela posição final absoluta, com 23,6%; pela posição antes de pausa seguida de consoante, com 13%; pela posição antes de pausa seguida de vogal, com 8,3%; e pelo sândi, apresentando um percentual de 0,6% de difusão das formas.

Verificamos estes resultados no Gráfico 22.

⁵⁴O fator ausência da fricativa refere-se aos dados em que o informante deveria ter pronunciado itens lexicais utilizando a fricativa, sendo que, isto não ocorreu. Para exemplificar, relatamos o caso dos informantes que não realizaram nenhuma palavra com a fricativa no discurso semidirigido ou na leitura do texto, ou seja, não leram o texto e/ou não relataram nenhum fato no discurso semidirigido.

Posição da fricativa na palavra - difusão das variantes alveolares, palatais e zero fonético

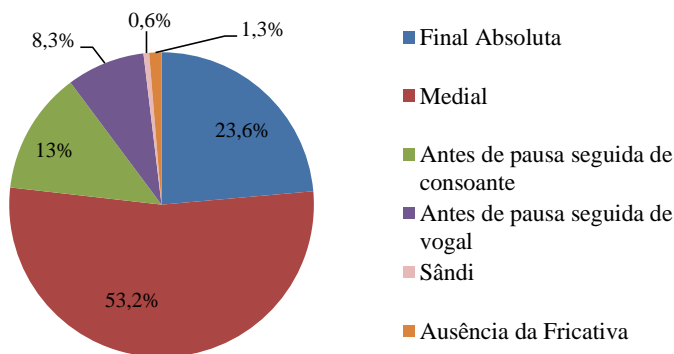


Gráfico 22 - Posição da fricativa na palavra - difusão das variantes alveolares, palatais e zero fonético

Fonte: elaborado por nós.

Nossos resultados vêm corroborar os resultados de outros estudos que haviam controlado esse grupo de fatores (BRESCANCINI, 1996; CALLOU & MORAES, 1996; SCHERRE & MACEDO, 2000; PESSOA, 1986; MOTA, 2002), nos quais a posição medial favoreceu mais o fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica.

Os resultados apresentados até este momento, que abrangem o grupo de fatores posição da fricativa na palavra, foram pesquisados levando em consideração a totalidade de ocorrências dos dados para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes ao grupo de fatores posição da fricativa na palavra para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 14 e 15, respectivamente.

Observamos na Tabela 14, que as variantes palatais em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de realizações na posição medial, com 148 ocorrências. Desse modo, as formas palatais representam uma frequência de 37,7% na posição medial. Salientamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade de Florianópolis-SC.

Seguindo esta mesma linha de cálculo, as variantes alveolares ocorrem, também, com números maiores de ocorrências na posição medial, com 61 realizações. Assim, apresentam um percentual de 15,5% de ocorrências nesta posição. Com relação ao zero fonético, este se realiza com maiores números de ocorrências na posição final absoluta, com 09 realizações, ou seja, com 2,2% de ocorrências neste contexto.

Podemos verificar, com base nesses dados, que em Florianópolis-SC as variantes palatais, assim como as formas alveolares, realizam-se mais na posição medial. Entretanto, o zero fonético ocorre com maior intensidade na posição final absoluta.

Inferimos com base nisto, que os informantes florianopolitanos palatalizam mais na posição medial e apagam mais as variantes em estudo na posição final absoluta.

Observamos a Tabela 14 que apresenta os resultados referentes ao grupo de fatores posição da fricativa na palavra em Florianópolis-SC.

POSIÇÃO DA FRICATIVA NA PALAVRA - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Final Absoluta	N	29	0	49	01	09	88
	%	33	0	55,7	1,1	10,2	22,4
Medial	N	50	11	121	27	08	217
	%	23	5,1	55,8	12,4	3,7	55,4
Antes de pausa seguida de consoante	N	10	01	33	02	03	49
	%	20,4	2,0	67,3	4,1	6,1	12,5
Antes de pausa seguida de vogal	N	06	01	22	01	04	34
	%	17,6	2,9	64,7	2,9	11,8	8,7
Sândi	N	0	04	0	0	0	04
	%	0	100	0	0	0	1,0
TOTAL	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 14 - Posição da fricativa na palavra - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Examinamos na Tabela 15, que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de realizações na posição medial, com 179 ocorrências. Desse modo, as formas palatais representam uma frequência de 45,6% na posição medial. Relatamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ.

Nesta mesma linha de cálculo, as variantes alveolares e o zero fonético ocorrem, também, com números maiores de ocorrências na

posição medial com 10 e 11 realizações, respectivamente. Assim, apresentam um percentual de 2,5% e de 2,8% de ocorrências nesta mesma posição.

Verificamos, então, com base nesses dados, que no Rio de Janeiro-RJ as variantes palatais, assim como as formas alveolares e o zero fonético, realizam-se com maior proporção na posição medial.

Inferimos com base nisto, que os informantes cariocas realizam mais as formas palatais do que as alveolares, entretanto, executam mais o apagamento do que as variantes alveolares.

Podemos observar a Tabela 15 que apresenta os resultados referentes ao grupo de fatores posição da fricativa na palavra no Rio de Janeiro-RJ.

POSIÇÃO DA FRICATIVA NA PALAVRA - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Final	N	01	0	87	05	04	97
	%	1,0	0	89,7	5,2	4,1	24,7
Absoluta	N	10	0	149	30	11	200
	%	5,0	0	74,5	15	5,5	51
Medial	N	0	0	43	05	05	53
	%	0	0	81,1	9,4	9,4	13,5
Antes de pausa seguida de consoante	N	01	0	25	0	05	31
	%	3,2	0	80,6	0	16,1	7,9
Antes de pausa seguida de vogal	N	0	01	0	0	0	01
	%	0	100	0	0	0	0,3
Sândi	N	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	100	2,6
Ausência da Fricativa	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100
TOTAL							

Tabela 15 - Posição da fricativa na palavra - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Podemos verificar, com relação à posição da fricativa na palavra, que a realização das formas palatais e alveolares é semelhante, já que em ambas as localidades estes fatores foram difundidos em maiores proporções na posição medial. No entanto, as variantes palatais obtiveram maiores ocorrências que as formas alveolares neste mesmo contexto.

Salientamos, também, que tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, a posição de sândi (juntura intervocabular) é marcada somente com ocorrências de variantes alveolares, sendo assim, não há nenhuma realização das variantes palatais neste contexto.

Quanto à ocorrência do zero fonético há certa diferença dentre as localidades, já que este ocorre mais na posição final absoluta em Florianópolis-SC e na posição medial no Rio de Janeiro-RJ.

4.2.2.2 Tonicidade

Os resultados do Gráfico 23 apontam para uma maior representatividade da presença da palatal em contextos pré-tônicos e tônicos. Consideramos os dois contextos, visto que seus percentuais são semelhantes 79% e 78% de realizações das formas palatais. Assim, para a ausência dessas formas as frequências, também, são equivalentes de 21% e 22%, respectivamente. Estes resultados parecem apontar para a preferência da consoante palatal em posições mais salientes, que exigem maior esforço articulatório.

Verificamos, também, a partir dos resultados apontados no Gráfico 23, quanto ao contexto pós-tônico, que o mesmo apresenta um percentual de 74%, portanto, um pouco menos representativo da presença da palatal. Salientamos que este resultado, apesar de não ser muito distante dos resultados apresentados pelos contextos pré-tônicos e tônicos, demonstra uma propensão a inibir o fenômeno da palatalização em um contexto menos saliente, com menor esforço articulatório. Esta afirmação pode ser comprovada se observarmos a representatividade que tem o percentual do contexto pós-tônico atribuído para a ausência da palatal, já que essa frequência é a maior divulgada pelos três contextos.

Tonicidade - presença e ausência da palatal

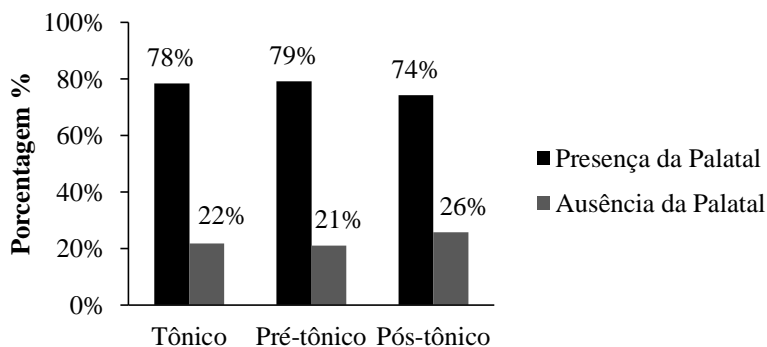


Gráfico 23 - Tonicidade - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Podemos verificar na Tabela 16, quanto ao número de ocorrências das variantes palatais, com relação à tonicidade, que a variante palatal surda [ʃ] obteve 240 realizações no contexto tônico; 149 ocorrências no contexto pré-tônico; e 140 realizações no contexto pós-tônico.

A variante palatal sonora [ʒ] apresenta 35 ocorrências no contexto tônico e igual número no contexto pré-tônico. Desse modo, podemos inferir que a palatalização da fricativa ocorre em maior número no contexto tônico, pois apresenta 275 realizações, ou seja, evidencia 35% das ocorrências das formas palatais.

Dentre as variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] realiza-se mais no contexto tônico, com 55 ocorrências; no contexto pré-tônico, com 31 realizações; e no contexto pós-tônico, com 21 ocorrências.

A variante alveolar sonora [z] ocorre em maior número no contexto tônico, com 09 realizações; e no contexto pré-tônico, com 08 ocorrências. Assim, verificamos que as variantes alveolares obtiveram maiores realizações no contexto tônico, já que o número de ocorrências é de 64, ou seja, 8,1% das formas alveolares concretizam-se neste contexto.

Em relação ao zero fonético, este ocorre em maior número no contexto pós-tônico, com 27 realizações; no contexto tônico, com 12 ocorrências; e no contexto pré-tônico, com 10 realizações. Então, podemos verificar que o zero fonético, diferentemente das variantes

palatais e alveolares, representa maior número no contexto pós-tônico, visto que divulga um percentual de 3,4% neste contexto.

TONICIDADE - VARIANTES							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Tônico	N	55	9	240	35	12	351
	%	15,7	2,6	68,4	10	3,4	44,8
Pré-tônico	N	31	8	149	35	10	233
	%	13,3	3,4	63,9	15	4,3	29,7
Pós-Tônico	N	21	1	140	1	27	190
	%	11,1	0,5	73,7	0,5	14,2	24,2
Ausência da Fricativa	N	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	100	1,3
TOTAL	N	107	18	529	71	71	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	9,1	100

Tabela 16 - Tonicidade - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As variantes alveolares, palatais e zero fonético ocorrem com maior proporção no contexto tônico, com 44,8%; seguidas pelo contexto pré-tônico, com 29,7%; pelo contexto pós-tônico, com 24,2% e; pelo zero fonético que apresenta um percentual de 1,3%, desse modo, o menos significativo.

Podemos observar estes resultados no Gráfico 24.

Tonicidade - variantes alveolares, . palatais e zero fonético

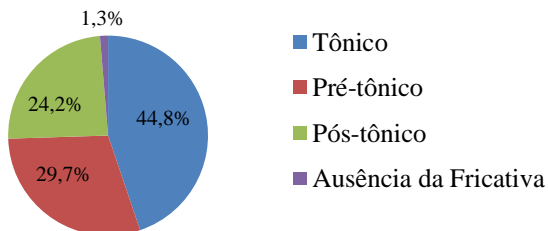


Gráfico 24 - Tonicidade - variantes alveolares, palatais e zero fonético

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados referentes ao grupo de fatores tonicidade confirmam em parte os resultados apresentados por Brescancini (1996, p.127) em sua dissertação de mestrado, na qual a autora afirma que “a maior incidência do fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva ocorre em contextos tônicos e pré-tônicos”. Nossos resultados, então, corroboram parcialmente os resultados divulgados por Brescancini (1996), visto que em nosso estudo a palatalização da fricativa obteve maiores ocorrências somente no contexto tônico e não no contexto tônico e pré-tônico, como afirma a autora supracitada.

Os resultados relatados até este momento, que abrangem o grupo de fatores tonicidade, foram analisados levando em consideração a totalidade de ocorrências dos dados, de 784, para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes ao grupo de fatores tonicidade para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 17 e 18, respectivamente.

Podemos observar na Tabela 17, que as variantes palatais em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de ocorrências no contexto tônico, com 112 realizações. Desse modo, as formas palatais representam uma frequência de 28,5% neste contexto. Ressaltamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade de Florianópolis-SC.

Seguindo esta mesma linha de cálculo, as variantes alveolares ocorrem, também, com números maiores de realizações no contexto tônico, com 60 ocorrências. Assim, apresentam um percentual de 15,3% de realizações neste contexto. Com relação ao zero fonético, este se realiza com maiores números de ocorrências no contexto pós-tônico, com 13 realizações, ou seja, com 3,3% de ocorrências no referido contexto.

Verificamos, com base nesses dados, que em Florianópolis-SC as variantes palatais, assim como as formas alveolares, realizam-se mais no contexto tônico. No entanto, o zero fonético ocorre com maior intensidade no contexto pós-tônico.

Inferimos com base nisto, que os informantes florianopolitanos palatalizam mais no contexto tônico e apagam mais as variantes em estudo no contexto pós-tônico.

A Tabela 17 apresenta os resultados referentes ao grupo de fatores tonicidade em Florianópolis-SC.

TONICIDADE - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N – %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL – %
Tônico	N	51	09	97	15	06	178
	%	28,7	5,1	54,5	8,4	3,4	45,4
Pré-tônico	N	24	08	74	16	05	127
	%	18,9	6,3	58,3	12,6	3,9	32,4
Pós-Tônico	N	20	0	54	0	13	87
	%	23	0	62,1	0	14,9	22,2
TOTAL	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 17 - Tonicidade - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Analisamos na Tabela 18, que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de realizações no contexto tônico, com 163 ocorrências. Desse modo, as formas palatais representam uma frequência de 41,5% no contexto tônico. Salientamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ.

Nesta mesma linha de cálculo, observamos que as variantes alveolares ocorrem com números maiores de ocorrências no contexto pré-tônico com 07 realizações. Assim, apresentam um percentual de 1,7% de ocorrências neste mesmo contexto. Examinamos, quanto ao zero fonético, que este ocorre com maior proporção no contexto pós-tônico com 14 realizações. Apresenta, então, uma frequência de 3,5% de ocorrências no referido contexto.

Verificamos com base nesses dados, que no Rio de Janeiro-RJ as variantes palatais, as formas alveolares e o zero fonético realizam-se em contextos distintos, visto que as palatais ocorrem mais no contexto tônico, as alveolares no contexto pré-tônico e o zero fonético no contexto pós-tônico.

Inferimos com base nisto, que os informantes cariocas, assim como os florianopolitanos, palatalizam mais quando a fricativa ocorre no contexto tônico e apagam mais as variantes em estudo no contexto pós-tônico.

A Tabela 18 apresenta os resultados referentes ao grupo de fatores tonicidade no Rio de Janeiro-RJ.

TONICIDADE - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Tônico	N	04	0	143	20	06	173
	%	2,3	0	82,7	11,6	3,5	44,1
Pré-tônico	N	07	0	75	19	05	106
	%	6,6	0	70,8	17,9	4,7	27
Pós-Tônico	N	01	01	86	01	14	103
	%	1,0	1,0	83,5	1,0	13,6	26,3
Ausência da Fricativa	N	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	100	2,6
TOTAL	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100

Tabela 18 - Tonicidade - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Observamos, com relação à tonicidade, que a realização das formas palatais é semelhante, já que em ambas as localidades estas variantes foram propagadas em maiores proporções no contexto tônico. Já as variantes alveolares obtiveram maiores ocorrências no contexto tônico em Florianópolis-SC e no contexto pré-tônico no Rio de Janeiro-RJ, realizam-se, então, de forma distinta nas localidades em análise. Quanto à ocorrência do zero fonético há semelhança dentre as localidades, já que este ocorre mais no contexto pós-tônico, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ.

4.2.2.3 Contexto fonológico precedente à fricativa

A presença das variantes palatais ocorre com um percentual de 100% de representatividade do fator nasal⁵⁵, de 90% na semivogal coronal⁵⁶, de 89% na semivogal labial⁵⁷, de 77% nas vogais coronais⁵⁸ e labiais⁵⁹, e de 71% na vogal dorsal⁶⁰. Salientamos que estes resultados

⁵⁵Vogais que sofrem o processo de nasalização, quando estão condicionadas por um contexto consonantal seguinte nasal.

⁵⁶Consideramos como semivogal coronal o [y].

⁵⁷Prezamos pela semivogal labial [w].

⁵⁸Consideramos as vogais coronais [e, i, ε].

⁵⁹Prezamos pelas vogais labiais [o, u, o].

devem ser comparados com os resultados obtidos para a ausência da palatal dentro de cada fator, pois são resultados que evidenciam somente a representação que tem a palatal dentro destes fatores.

A ausência das variantes palatais ocorre em maior proporção e/ou representatividade com um percentual de 100% na ausência de contexto fonológico precedente, de 29% na vogal dorsal, de 23% nas vogais coronais e labiais, de 11% na semivogal labial e de 10% na semivogal coronal⁶¹.

Com base nos resultados apresentados pelo Gráfico 25, podemos inferir que a maior representatividade da palatal está na nasal, visto que, sempre que ocorre este fator, a palatal também se realiza. Já a ausência da palatal demonstra maior proporção na ausência de contexto fonológico precedente. Desse modo, sempre que ocorre a falta de contexto precedente à fricativa ocorre, também, a ausência da palatal, já que não há nenhum contexto condicionante que possa favorecer a realização da palatal.

⁶⁰Consideramos a vogal dorsal [a].

⁶¹Consideramos como semivogal coronal, o acréscimo do segmento [i] seguinte a uma vogal acentuada e precedente a uma fricativa alveolar surda [s] em final de sílaba. Ver Figura 6 que demonstra este fenômeno denominado de inserção ou epêntese.

Contexto fonológico precedente à fricativa - presença e ausência da palatal

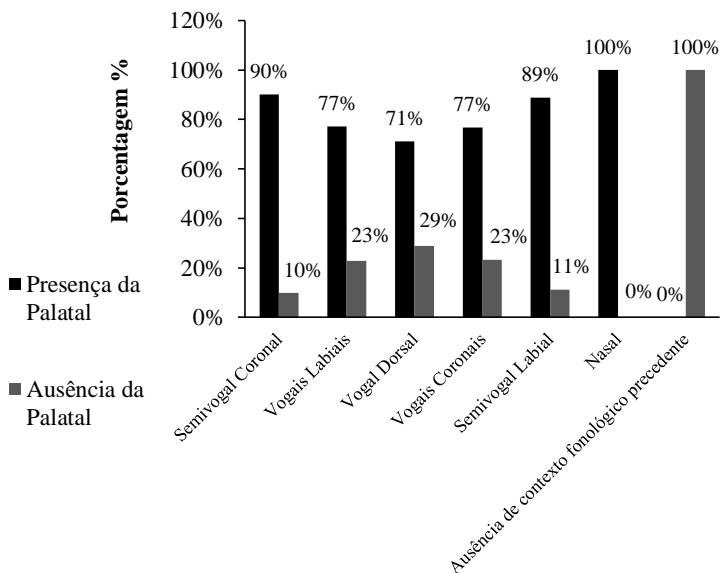


Gráfico 25 - Contexto fonológico precedente à fricativa - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Podemos observar na Tabela 19, quanto ao número de ocorrências das variantes palatais, com relação ao contexto fonológico precedente, que a variante palatal surda [ʃ] obteve 197 realizações após as vogais coronais; 142 ocorrências após as vogais labiais; 100 realizações após a vogal dorsal; e 78 ocorrências após a semivogal coronal⁶².

A variante palatal sonora [ʒ] realiza-se em maior número após as vogais coronais, com 53 ocorrências; e após a vogal dorsal, com 13 realizações. Assim, com base nestes dados, podemos verificar que o fenômeno da palatalização ocorre em maior número após as vogais coronais, sendo que, apresenta 250 ocorrências, ou seja, 31,8% de realizações da forma palatal ocorrem neste contexto.

⁶²Ressaltamos que não nos detivemos em analisar as variantes que atingiram menos de 10 ocorrências, visto que se analisássemos todas as realizações, até as menos significativas, nossa análise ficaria muito extensa.

Dentre as variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] propaga-se em maior número após as vogais coronais, com 42 ocorrências; após as vogais labiais, com 33 realizações; e após a vogal dorsal, com 23 ocorrências.

A variante alveolar sonora [z] ocorre, também, em maior relevância após as vogais coronais, com 11 realizações. Desse modo, observamos que as variantes alveolares, assim como as variantes palatais, ocorrem em maior número após as vogais coronais, com 53 ocorrências, ou seja, 6,7% de realizações das formas alveolares propagam-se neste contexto.

Com relação ao zero fonético o resultado não é diferente, visto que se realiza em maior relevância após as vogais coronais, com 23 ocorrências; e após a vogal dorsal, com 17 realizações. Assim, verificamos que esta variante ocorre com maior efeito após as vogais coronais, corroborando com os resultados relatados pelas outras variantes, já que apresenta um percentual de 3% de realizações neste contexto.

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE À FRICATIVA - VARIANTES							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Semivogal Coronal	N	8	1	78	5	0	92
	%	8,7	1,1	84,8	5,4	0	11,7
Vogais Labiais	N	33	0	142	0	9	184
	%	17,9	0	77,2	0	4,9	23,5
Vogal Dorsal	N	23	6	100	13	17	159
	%	14,5	3,8	62,9	8,2	10,7	20,3
Vogais Coronais	N	42	11	197	53	23	326
	%	12,9	3,4	60,4	16,3	7,1	41,6
Semivogal Labial	N	1	0	8	0	0	9
	%	11,1	0	88,9	0	0	1,1
Nasal	N	0	0	4	0	0	4
	%	0	0	100	0	0	0,5
Ausência de contexto fonológico precedente	N	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	100	1,3

Continua...

TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 19 - Contexto fonológico precedente à fricativa - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As variantes alveolares, palatais e zero fonético ocorrem com uma maior difusão após as vogais coronais, com 41,6%; após as vogais labiais, com 23,5%; após a vogal dorsal, com 20,3%; e após a semivogal coronal, com 11,7%. Os contextos após a semivogal labial, após a nasal e após a ausência de contexto fonológico precedente foram menos significativos, visto que apresentam percentuais abaixo de 1,5%, desse modo, irrelevantes para o estudo.

Verificamos estes resultados no Gráfico 26.

Contexto fonológico precedente à fricativa - variantes alveolares, palatais e zero fonético

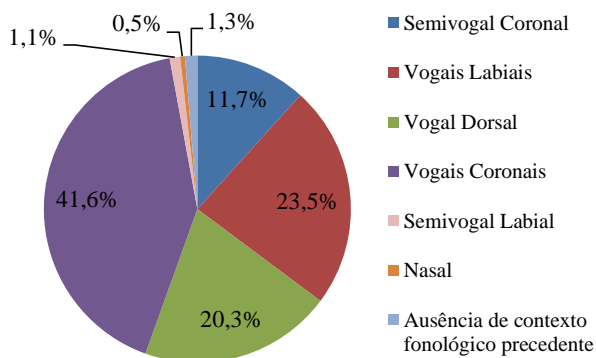


Gráfico 26 - Contexto fonológico precedente à fricativa - variantes alveolares, palatais e zero fonético

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados da nossa pesquisa confirmam os resultados apresentados por Brescancini (1996), tendo registrado os maiores percentuais para as vogais labiais (84%), para as vogais coronais (80%) e para a vogal dorsal (77%). Assim, a autora divulga percentuais mais elevados para as vogais labiais do que para as vogais coronais, diferentemente do que os resultados evidenciam em nosso estudo. No entanto, o que queremos comparar e mostrar é que são estes três contextos que mais favorecem o processo de palatalização da fricativa, tanto em nossa pesquisa quanto na da referida autora.

Os resultados apresentados até este momento, que abrangem o grupo de fatores contexto fonológico precedente à fricativa, foram analisados levando em consideração a totalidade de ocorrências dos dados, de 784, para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes ao grupo de fatores contexto fonológico precedente à fricativa para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 20 e 21, respectivamente.

Observamos na Tabela 20, que as variantes palatais em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de ocorrências após as vogais coronais, com 122 realizações. Assim, as formas palatais representam um percentual de 31% neste contexto. Salientamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade de Florianópolis-SC.

Seguindo esta mesma linha de cálculo, as variantes alveolares, assim como o zero fonético realizam-se, também, com números maiores de ocorrências após as vogais coronais, com 43 e 09 realizações, respectivamente. Desse modo, apresentam uma frequência de 10% e de 2,2%. Ressaltamos que o zero fonético ocorre com o mesmo número de ocorrências após as vogais coronais e após a vogal dorsal, com 09 realizações, ou seja, com um percentual de 2,2%.

O fator vogal nasal obteve 03 ocorrências antes das variantes palatais, já as formas alveolares e o zero fonético não se realizam após a vogal nasal. Verificamos, também, que o fator semivogal coronal obteve um percentual de 5,1%, com 20 ocorrências, antes de variantes palatais e uma frequência de 2,2%, com 09 realizações, antes das formas alveolares.

Podemos verificar, com base nesses dados, que em Florianópolis-SC as variantes palatais, assim como as formas alveolares, realizam-se mais após as vogais coronais. Entretanto, o zero fonético ocorre com maior intensidade após as vogais coronais e dorsal.

Inferimos com base nisto, que os informantes florianopolitanos palatalizam mais após as vogais coronais e apagam mais as variantes em estudo após as vogais coronais e dorsal.

Examinamos a Tabela 20 que apresenta os resultados referentes ao grupo de fatores contexto fonológico precedente à fricativa em Florianópolis-SC.

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE À FRICATIVA - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N – %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL – %
Semivogal Coronal	N	08	01	20	0	0	29
	%	27,6	3,4	69	0	0	7,4
Vogais Labiais	N	32	0	61	0	06	99
	%	32,3	0	61,6	0	6,1	25,3
Vogal Dorsal	N	21	06	43	05	09	84
	%	25	7,1	51,2	6,0	10,7	21,4
Vogais Coronais	N	33	10	96	26	09	174
	%	19	5,7	55,2	14,9	5,2	44,4
Semivogal Labial	N	01	0	02	0	0	03
	%	33,3	0	66,7	0	0	0,8
Nasal	N	0	0	03	0	0	03
	%	0	0	100	0	0	0,8
TOTAL	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 20 - Contexto fonológico precedente à fricativa - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

A Tabela 21 mostra que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de realizações após as vogais coronais, com 128 ocorrências. Desse modo, as formas palatais representam uma frequência de 32,6% após as vogais coronais. Ressaltamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ.

Nesta mesma linha de cálculo, observamos que as variantes alveolares e o zero fonético ocorrem, também, com números maiores de ocorrências após as vogais coronais com 10 e 14 realizações, respectivamente. Assim, apresentam um percentual de 2,5% e de 3,5% de ocorrências neste mesmo contexto.

Observamos que nos fatores semivogal coronal, semivogal labial e vogal nasal há realizações somente de variantes palatais. No primeiro fator ocorrem 63 realizações, assim, 16%; no segundo fator ocorrem 06 realizações, portanto, 1,5%; e no terceiro fator ocorre apenas 01 realização, assim, 0,2% de ocorrência no referido contexto.

Podemos verificar com base nesses dados, que no Rio de Janeiro-RJ as variantes palatais, as formas alveolares e o zero fonético realizam-se em maiores proporções no mesmo contexto, visto que ambas as variantes ocorrem com uma intensidade maior após as vogais coronais.

Inferimos com base nisto, que os informantes cariocas realizam mais as formas palatais do que as alveolares, no entanto, produzem mais o apagamento do que as variantes alveolares.

Apresentamos a Tabela 21 que mostra os resultados referentes ao grupo de fatores contexto fonológico precedente à fricativa no Rio de Janeiro-RJ.

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE À FRICATIVA - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Semivogal Coronal	N	0	0	58	05	0	63
	%	0	0	92,1	7,9	0	16,1
Vogais Labiais	N	01	0	81	0	03	85
	%	1,2	0	95,3	0	3,5	21,7
Vogal Dorsal	N	02	0	57	08	08	75
	%	2,7	0	76	10,7	10,7	19,1
Vogais Coronais	N	09	01	101	27	14	152
	%	5,9	0,7	66,4	17,8	9,2	38,8
Semivogal Labial	N	0	0	06	0	0	06
	%	0	0	100	0	0	1,5
Nasal	N	0	0	01	0	0	01
	%	0	0	100	0	0	0,3
Ausência de contexto fonológico precedente	N	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	100	2,6
TOTAL	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100

Tabela 21 - Contexto fonológico precedente à fricativa - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Evidenciamos com relação ao grupo de fatores contexto fonológico precedente à fricativa, que a realização das formas palatais e alveolares é semelhante, já que em ambas as localidades estas variantes

foram propagadas em maiores proporções após as vogais coronais. Já o zero fonético obteve maior ocorrência após as vogais coronais e dorsal em Florianópolis-SC e após as vogais coronais no Rio de Janeiro-RJ.

Observamos, também, que no Rio de Janeiro-RJ há realizações de semivogal coronal (iode) somente antes de variantes palatais, enquanto que em Florianópolis-SC há menos ocorrências de iode do que no Rio de Janeiro-RJ. Entretanto, em Florianópolis-SC este fato ocorre não somente antes de variantes palatais, mas também antes de variantes alveolares.

4.2.2.4 Contexto fonológico seguinte à fricativa

A presença das variantes palatais ocorre com um percentual de 81% de representatividade para as consoantes dorsais [k, g, x]; de 79% para as consoantes coronais anteriores [t, d, n, l]; de 76% para as consoantes labiais [p, b, m, f, v]; e de 74% para a ausência de contexto fonológico seguinte.

A ausência das variantes palatais ocorre em maior proporção e/ou representatividade com um percentual de 26% para a ausência de contexto fonológico seguinte; de 24% para as consoantes labiais; de 21% para as consoantes coronais anteriores; e de 20% para as consoantes dorsais. Evidenciamos, ainda, que os resultados apresentados em cada fator, devem ser analisados levando em conta a presença e a ausência da palatal dentro do mesmo fator.

Com relação aos resultados divulgados no Gráfico 27, verificamos que a maior representatividade da palatal está no fator consoantes dorsais. Já a ausência da palatal, demonstra maior proporção na ausência de contexto fonológico seguinte.

Contexto fonológico seguinte à fricativa - presença e ausência da palatal

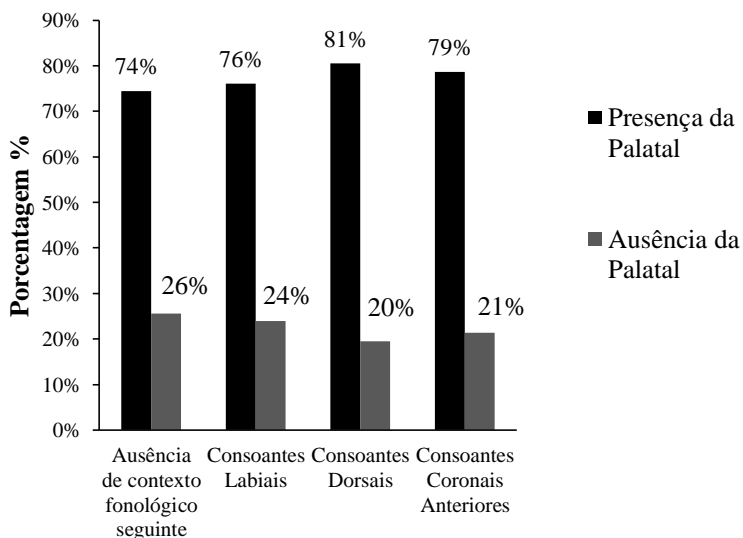


Gráfico 27 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Verificamos na Tabela 22, quanto ao número de ocorrências das variantes palatais, com relação ao contexto fonológico seguinte, que a variante palatal surda [ʃ] alcançou 263 realizações no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte; 107 ocorrências no fator consoantes dorsais; 88 realizações no fator consoantes coronais anteriores; e 71 ocorrências no fator consoantes labiais.

A variante palatal sonora [ç] atingiu maior número no fator consoantes labiais, com 37 ocorrências; no fator consoantes dorsais, com 21 realizações; e no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte, com 13 ocorrências. Dessa forma, com base nestes resultados, observamos que o processo da palatalização realiza-se em maior número no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte, pois, alcança 276 ocorrências de variantes palatais surdas e

sonoras, ou seja, 35% de realizações da forma palatal ocorrem neste contexto.

Com relação às variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] obteve maior número no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte, com 48 ocorrências; nos fatores consoantes coronais anteriores e consoantes labiais, com 21 realizações; e no fator consoantes dorsais, com 17 ocorrências.

A variante alveolar sonora [z] ocorre, também, em maior relevância no fator em que ocorre ausência de contexto fonológico seguinte, com 07 realizações. Podemos verificar, então, que as variantes alveolares, assim como as variantes palatais, ocorrem em maior número no fator em que há ausência de contexto fonológico seguinte, com 55 ocorrências, ou seja, 7% de realizações das formas alveolares difundem-se neste contexto.

Com relação ao zero fonético o resultado é semelhante, visto que se concretiza em maior relevância no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte, com 40 realizações. Assim, notamos que esta variante ocorre com maior propagação no fator em que não há contexto fonológico seguinte, corroborando com os resultados apresentados pelas outras variantes, já que apresenta um percentual de 5% de realizações neste contexto.

CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE À FRICATIVA - VARIANTES

FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Ausência de contexto fonológico seguinte	N	48	7	263	13	40	371
	%	12,9	1,9	70,9	3,5	10,8	47,3
Consoantes Labiais	N	21	6	71	37	7	142
	%	14,8	4,2	50	26,1	4,9	18,1
Consoantes Dorsais	N	17	5	107	21	9	159
	%	10,7	3,1	67,3	13,2	5,7	20,3
Consoantes Coronais Anteriores	N	21	0	88	0	3	112
	%	18,8	0	78,6	0	2,7	14,3
TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 22 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As variantes alveolares, palatais e zero fonético alcançam uma maior difusão no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte, com 47,3%; no fator consoantes dorsais, com 20,3%; no fator consoantes labiais, com 18,1%; e no fator consoantes coronais anteriores, com 14,3%. Desse modo, foram mais significativos o fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte e o fator consoantes dorsais.

Podemos comprovar estes resultados nos dados apresentados no Gráfico 28.

Contexto fonológico seguinte à fricativa - variantes alveolares, palatais e zero fonético

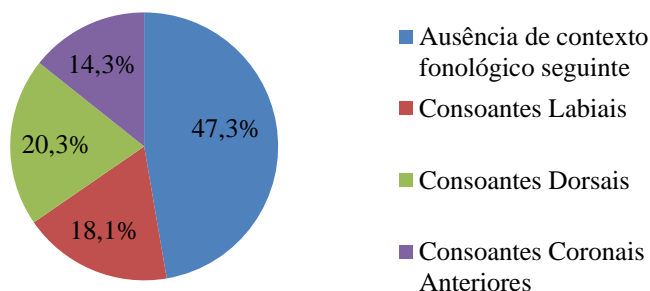


Gráfico 28 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - variantes alveolares, palatais e zero fonético

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados relatados neste grupo de fatores discordam dos resultados apresentados por Brescancini (1996) para a localidade de Florianópolis-SC, em que a autora aponta as consoantes dorsais como maiores favorecedoras do fenômeno da palatalização da fricativa. Conforme Hora (2000), na localidade de João Pessoa-PB, a produção da palatal é condicionada pelos fatores consoantes coronais, dorsais e labiais; segundo Mota (2002), na localidade de Salvador-BA, a ocorrência das palatais é favorecida pelo fator consoantes coronais.

Os resultados divulgados até este momento, que comportam o grupo de fatores contexto fonológico seguinte à fricativa, foram analisados levando em conta a totalidade de ocorrências dos dados, de 784, para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de

segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes ao grupo de fatores contexto fonológico seguinte à fricativa para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 23 e 24, respectivamente.

Observamos na Tabela 23, que as variantes palatais em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de ocorrências no fator ausência de contexto fonológico seguinte, com 112 realizações. Assim, as formas palatais representam um percentual de 28,5% neste contexto. Salientamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade de Florianópolis-SC.

Seguindo esta mesma linha de cálculo, as variantes alveolares, assim como o zero fonético realizam-se, também, com números maiores de ocorrências no fator ausência de contexto fonológico seguinte, com 52 e 16 realizações, respectivamente. Desse modo, apresentam uma frequência de 13,2% e de 4,0%.

Analisamos, também, que as variantes alveolares realizam-se de forma semelhante nos fatores consoantes labiais, dorsais e coronais anteriores, visto que alcançam um percentual de 5,1%, com 20 ocorrências em cada um destes fatores.

Podemos observar, com base nesses dados, que em Florianópolis-SC as variantes palatais, assim como as formas alveolares e o zero fonético, ocorrem com maior intensidade no fator ausência de contexto fonológico seguinte.

Inferimos com base nisto, que os informantes florianopolitanos palatalizam mais quando ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte à fricativa e apagam mais as variantes em estudo, também, neste mesmo contexto.

Relatamos a Tabela 23 que apresenta os resultados referentes ao grupo de fatores contexto fonológico seguinte à fricativa em Florianópolis-SC.

CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE À FRICATIVA - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Ausência de contexto fonológico seguinte	N	46	06	108	04	16	180
	%	25,6	3,3	60	2,2	8,9	45,9
Consoantes Labiais	N	14	06	31	17	03	71
	%	19,7	8,5	43,7	23,9	4,2	18,1
Consoantes	N	15	05	44	10	04	78

Continua...

Dorsais	%	19,2	6,4	56,4	12,8	5,1	19,9
Consoantes	N	20	0	42	0	01	63
Coronais	%	31,7	0	66,7	0	1,6	16,1
Anteriores	N	95	17	225	31	24	392
TOTAL	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 23 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Observamos na Tabela 24, que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de realizações no fator ausência de contexto fonológico seguinte, com 169 ocorrências. Desse modo, as formas palatais representam uma frequência de 41,8% no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte à fricativa. Salientamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ.

Nesta mesma linha de cálculo, observamos que as variantes alveolares ocorrem com números maiores de ocorrências no fator consoantes labiais com 07 realizações, assim, apresentam um percentual de 1,7% de ocorrências neste mesmo contexto. Com relação ao zero fonético, este se realiza em maior número no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte à fricativa com 24 ocorrências, ou seja, 6,1% de realizações ocorrem no referido contexto.

Podemos verificar com base nesses dados, que no Rio de Janeiro-RJ as variantes palatais e o zero fonético realizam-se em maiores proporções no mesmo contexto, ou seja, ambas as variantes ocorrem com uma intensidade maior no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte. Já as variantes alveolares ocorrem mais no fator consoantes labiais, assim, diferenciam-se das formas palatais e do zero fonético.

Inferimos com base nisto, que os informantes cariocas realizam mais as formas palatais do que as alveolares, no entanto, produzem mais o apagamento do que as variantes alveolares.

A Tabela 24 mostra os resultados referentes ao grupo de fatores contexto fonológico seguinte à fricativa no Rio de Janeiro-RJ.

CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE À FRICATIVA - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N – %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL – %
Ausência de contexto fonológico seguinte	N	02	01	155	09	24	191
	%	1,0	0,5	81,2	4,7	12,6	48,7
Consoantes Labiais	N	07	0	40	20	04	71
	%	9,9	0	56,3	28,2	5,6	18,1
Consoantes Dorsais	N	02	0	63	11	05	81
	%	2,5	0	77,8	13,6	6,2	20,7
Consoantes Coronais Anteriores	N	01	0	46	0	02	49
	%	2,0	0	93,9	0	4,1	12,5
TOTAL	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100

Tabela 24 - Contexto fonológico seguinte à fricativa - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Notamos com relação ao grupo de fatores contexto fonológico seguinte à fricativa, que a realização das formas palatais é semelhante, visto que em ambas as localidades estas variantes foram propagadas em maiores proporções no fator em que ocorre a ausência de contexto seguinte. As formas alveolares, entretanto, ocorrem com maior número no fator em que há ausência de contexto fonológico seguinte em Florianópolis-SC e no fator consoantes labiais no Rio de Janeiro-RJ. Quanto ao zero fonético, este obteve maior ocorrência no fator em que ocorre a ausência de contexto fonológico seguinte à fricativa, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ.

Observamos, também, que em Florianópolis-SC há certa regularidade nas variantes palatais, alveolares e zero fonético, visto que tais formas ocorrem em maior número no fator ausência de contexto fonológico seguinte à fricativa. Podemos verificar, ainda, que há outra regularidade na difusão das variantes alveolares, já que estas ocorrem em maior proporção e em número igual nos fatores consoantes labiais, dorsais e coronais anteriores.

4.2.2.5 Traço [voz]

A presença das variantes palatais ocorre com um percentual de 83% de representatividade para os segmentos seguintes portadores do traço [-voz]. Salientamos que consideramos como [-voz] as consoantes

surdas [p, t, k, f, s, ʃ, x, χ, h, tʃ]. A presença das palatais ocorre também de forma significativa em contextos em que os segmentos seguintes são portadores do traço [+voz], com uma frequência de 79%. Evidenciamos como [+voz] as consoantes sonoras [b, d, g, v, z, ʒ, ʎ, ʝ, fi, dʒ, m, n, ɲ, ŋ, r, ʀ, R, r, l, L, l̥, t].

A ausência das variantes palatais ocorre com um percentual de 100% quando o contexto seguinte é zero fonético; de 21% para os segmentos portadores do traço [+voz]; e de 17% para a variante [-voz]. Relatamos, mais uma vez, que os resultados apresentados em cada segmento devem ser analisados levando em conta a presença e a ausência da palatal dentro do mesmo fator.

Podemos verificar, com relação aos resultados demonstrados no Gráfico 29, que a maior representatividade da palatal está no segmento seguinte [-voz]. Quanto à ausência da palatal, observamos maior proporção no fator zero fonético.

Traço [voz] - presença e ausência da palatal

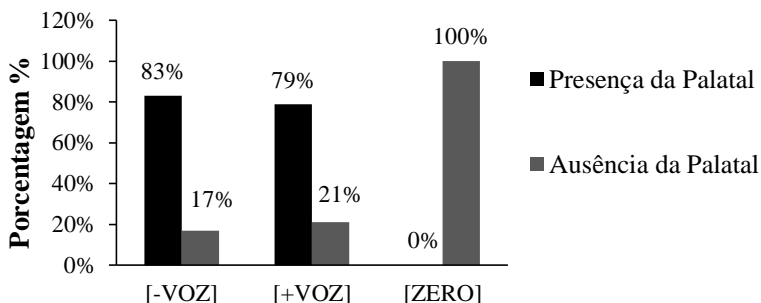


Gráfico 29 - Traço [voz] - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados da Tabela 25, referentes ao número de ocorrências das variantes palatais, com relação ao traço [voz], demonstram que a variante palatal surda [ʃ] ocorre em 529 realizações no segmento [-voz]. Já a variante palatal sonora [ʒ], diferentemente da variante palatal surda, ocorre no segmento [+voz]. Dessa maneira, observamos que o fenômeno da palatalização realiza-se em maior número no contexto [-voz], visto

que, as consoantes surdas obtiveram 529 ocorrências, ou seja, 67,4% de realizações da forma palatal ocorrem neste segmento. Com base neste dado, podemos inferir que os resultados apontados pelo traço [-voz] demonstram um favorecimento à palatalização pelos contextos em que há maior energia articulatória para a sua realização. Esta assertiva corrobora os resultados apresentados pelo grupo de fatores tonicidade.

Quanto às variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] ocorre no segmento [-voz], com 107 ocorrências. Já a variante alveolar sonora [z] ocorre no segmento [+voz]. Verificamos, assim, que as variantes alveolares, assim como as variantes palatais, ocorrem em maior número no contexto [-voz], com 107 ocorrências, ou seja, 13,6% de realizações das formas alveolares difundem-se neste segmento. Ressaltamos, ainda, que se compararmos estes resultados das variantes alveolares em relação ao traço [voz], podemos verificar que o processo de assimilação regressiva do traço [voz], apresentado pela Figura 18, não ocorre nestes dados, visto que obtivemos maiores contextos [-voz] para as consoantes surdas. Assim, o espraiamento do traço [+voz] não se concretizou pelas consoantes surdas.

Com relação ao zero fonético não acreditamos ser necessária a sua análise, visto que, logicamente, esta variante ocorre com maior relevância no contexto em que há a ausência de segmento, com 59 realizações, ou seja, apresenta um percentual 7,5% no referido contexto.

TRAÇO [VOZ] - VARIANTES

FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
[-VOZ]	N	107	0	529	0	0	636
	%	16,6	0	81,9	0	0	81,1
[+VOZ]	N	0	18	0	71	0	89
	%	0	21,4	0	80	0	11,3
[ø]	N	0	0	0	0	59	59
	%	0	0	0	0	100	7,5
TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 25 - Traço [voz] - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As variantes alveolares, palatais e zero fonético obtiveram supremacia no segmento [-voz], com 81,1%. No segmento [+voz] não foram muito significativas, visto que apresentaram percentual um pouco maior de 11%. Já o zero fonético foi ainda menos relevante que este

último fator, pois divulga um percentual de apenas 7,5%. Desse modo, o segmento [-voz] foi mais significativo para este grupo de fatores.

Podemos observar estes resultados nos dados apresentados no Gráfico 30.

Traço [voz] - variantes alveolares, palatais e zero fonético

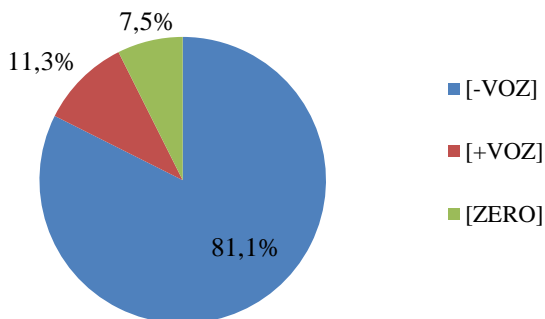


Gráfico 30 - Traço [voz] - variantes alveolares, palatais e zero fonético

Fonte: elaborado por nós.

Os resultados apresentados na nossa pesquisa, referentes ao grupo de fatores traço [voz], concordam com os resultados divulgados por Brescancini (1996) e por Gryner & Macedo (2000) quanto à indicação de que o segmento [-voz] ocorre como maior favorecedor da palatalização. No entanto, nossos resultados discordam dos resultados encontrados por Callou & Marques (1975), já que o segmento [+voz], para este último estudo, ocorre como o contexto em que mais favorece a realização da palatal.

Os resultados apresentados até este momento, que abrangem o grupo de fatores traço [voz], foram analisados levando em consideração a totalidade de ocorrências dos dados, de 784, para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes ao grupo de fatores traço [voz] para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 26 e 27, respectivamente.

Podemos observar na Tabela 26, que as variantes palatais em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de ocorrências no

fator [-voz], com 225 realizações. Assim, as formas palatais representam um percentual de 57,3% neste contexto. Ressaltamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade de Florianópolis-SC.

Seguindo esta mesma linha de cálculo, as variantes alveolares, assim como as palatais, realizam-se, também, com números maiores de ocorrências no fator [-voz], com 95 ocorrências, apresentam, então, uma frequência de 24,2%. Já o zero fonético, diferentemente das formas palatais e alveolares, corresponde um percentual de 6,1%, com 24 realizações no fator zero fonético.

Observamos, com base nesses dados, que em Florianópolis-SC as variantes palatais, assim como as formas alveolares, ocorrem com maior intensidade no fator [-voz]. Podemos inferir com base nisto, que os informantes florianopolitanos palatalizam mais quando a fricativa possui como segmento seguinte o traço [-voz].

A Tabela 26 apresenta os resultados referentes ao grupo de fatores traço [voz] em Florianópolis-SC.

TRAÇO [VOZ] - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
[-VOZ]	N	95	0	225	0	0	320
	%	29,2	0	69,2	0	0	81
[+VOZ]	N	0	17	0	31	0	48
	%	0	37,5	0	64	0	13
[ø]	N	0	0	0	0	24	24
	%	0	0	0	0	100	6,1
TOTAL	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 26 - Traço [voz] - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Observamos na Tabela 27, que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de realizações no fator [-voz], com 304 ocorrências, desse modo, as formas palatais representam uma frequência de 77,5% no fator [-voz]. Salientamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ.

Nesta mesma linha de cálculo, observamos que as variantes alveolares ocorrem com números maiores de ocorrências no fator [-voz] com 12 realizações, assim, apresentam um percentual de 3,0% de

ocorrências neste mesmo segmento. Com relação ao zero fonético, este se realiza em maior número no fator zero fonético com 35 ocorrências, ou seja, 8,9% de realizações ocorrem no referido segmento.

Podemos verificar com base nesses dados, que no Rio de Janeiro-RJ as variantes palatais e as formas alveolares realizam-se em maiores proporções no mesmo segmento, ou seja, ambas as variantes ocorrem com uma intensidade maior no fator [-voz]. Já o zero fonético, evidentemente, ocorre mais no fator zero fonético, assim, diferencia-se das variantes palatais e alveolares.

Inferimos com base nisto, que os informantes cariocas, assim como os florianopolitanos, palatalizam mais quando a fricativa possui como segmento seguinte o traço [-voz].

A Tabela 27 mostra os resultados referentes ao grupo de fatores traço [voz] no Rio de Janeiro-RJ.

TRAÇO [VOZ] - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
[-VOZ]	N	12	0	304	0	0	316
	%	3,7	0	94,7	0	0	80,5
[+VOZ]	N	0	01	0	40	0	41
	%	0	2,7	0	97,3	0	10,5
[ø]	N	0	0	0	0	35	35
	%	0	0	0	0	100	9,0
TOTAL	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100

Tabela 27 - Traço [voz] - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Notamos com relação ao grupo de fatores traço [voz], que a realização das formas palatais e alveolares é semelhante, visto que em ambas as localidades estas variantes foram propagadas em maiores proporções no fator [-voz]. Quanto ao zero fonético, este obteve maior ocorrência no fator zero fonético, obviamente, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ.

Examinamos, também, que os resultados apresentados para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, com relação ao grupo de fatores traço [voz], apresentam certa regularidade, visto que para as

variantes palatais, alveolares e zero fonético os segmentos mais propagadores para a difusão da fricativa foram os mesmos em ambas as localidades.

4.2.2.6 Número de sílabas

O grupo de fatores número de sílabas, analisado no Gráfico 31, demonstra como resultados para a presença das variantes palatais o percentual de 79% para monossílabos e dissílabos. Desse modo, o percentual para as formas alveolares e zero fonético, também, é o mesmo, de 21% de representatividade destas variantes nestes fatores. Para estas variantes, então, as palatais foram mais significativas que as formas alveolares.

Quanto ao fator trissílabo, a presença das palatais apresenta um percentual de 76%, não muito inferior às frequências divulgadas pelos segmentos monossílabo e dissílabo. Com relação à ausência da palatal, a representatividade das formas alveolares e zero fonético, no fator trissílabo, é maior do que o produzido pelos segmentos monossílabo e dissílabo, visto que é de 24%. Assim, também, as variantes palatais foram mais relevantes que as variantes alveolares.

Com base nesses dados, verificamos que a maior representatividade das formas palatais, segmentadas por variantes, ocorre nos fatores monossílabo e dissílabo, respectivamente. Já a maior representatividade para a ausência da palatal ocorre no fator ausência da fricativa. Podemos inferir, então, que se a fricativa não se realiza; a palatal, também, não ocorre, visto que há neste último fator 100% de relevância para as formas alveolares e zero fonético.

Apresentamos estes resultados no Gráfico 31.

Número de sílabas - presença e ausência da palatal

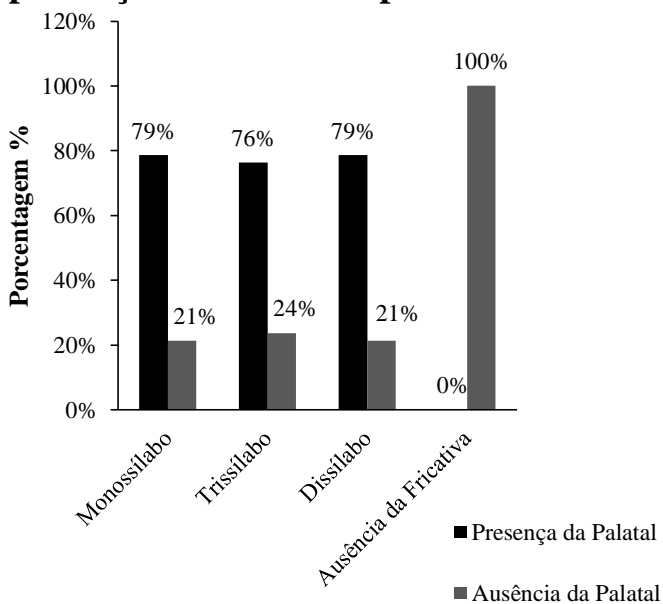


Gráfico 31 - Número de sílabas - presença e ausência da palatal

Fonte: elaborado por nós.

Com relação ao número de ocorrência das variantes palatais relacionando quanto ao número de sílabas, divulgamos que a variante palatal surda [ʃ] atinge maior número em segmento trissílabo, com 264 realizações; no fator dissílabo, com 179 ocorrências; e na variante monossílabo, com 86 realizações.

Já a variante palatal sonora [ʒ], diferentemente da palatal surda, realiza-se em maior número no segmento dissílabo, com 49 realizações; e no fator monossílabo, com 13 ocorrências. Podemos observar, com base nestes resultados, que a palatalização da fricativa ocorre em maior número no contexto trissílabo, pois apresenta 264 ocorrências, ou seja, 33,6% de realizações da forma palatal ocorre neste fator. Não podemos deixar de mencionar a relevância do contexto dissílabo, no qual a

palatalização ocorre com 228 realizações. Assim, 29% de ocorrências da palatal realiza-se neste segmento.

Dentre as variantes alveolares, a variante alveolar surda [s] obteve maior número de ocorrências, assim como a palatal surda, no segmento trissílabo, com 55 realizações; no fator dissílabo, com 29 ocorrências; e em contexto monossílabo, com 23 realizações.

A variante alveolar sonora [z], diferentemente da variante alveolar surda, concretiza-se mais em contexto dissílabo, com 12 ocorrências. Desse modo, podemos dizer que as variantes alveolares ocorrem em maior número no fator trissílabo, já que apresentam 55 realizações no referido contexto, ou seja, 7% de realizações das formas alveolares.

Quanto ao zero fonético, este, também, ocorre em maior número no fator trissílabo, com 35 ocorrências; e no contexto dissílabo, com 21 realizações. Verificamos, assim, que o zero fonético representa 3% de realizações para o fator trissílabo e 2,6% para o contexto dissílabo.

Observamos a Tabela 28 que demonstra os resultados.

NÚMERO DE SÍLABAS - VARIANTES							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Monossílabo	N	23	1	86	13	3	126
	%	18,3	0,8	68,3	10,3	2,4	16,1
Trissílabo	N	55	5	264	9	25	358
	%	15,4	1,4	73,7	2,5	7,0	45,7
Dissílabo	N	29	12	179	49	21	290
	%	10	4,1	61,7	16,9	7,2	37
Ausência da Fricativa	N	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	100	1,3
TOTAL	N	107	18	529	71	59	784
	%	13,6	2,3	67,5	9,1	7,5	100

Tabela 28 - Número de sílabas - variantes

Fonte: elaborado por nós.

As variantes alveolares, palatais e zero fonético atingem maior difusão no fator trissílabo, com 45,7%; no contexto dissílabo, com 37%; e no segmento monossílabo, com 16,1%. Assim, foram mais significativos o contexto trissílabo e dissílabo para a propagação dessas formas, sendo, então, menos relevante o fator ausência da fricativa, já que alcança apenas o percentual de 1,3%.

Podemos observar estes resultados no Gráfico 32.

Número de sílabas - variantes alveolares, palatais e zero fonético

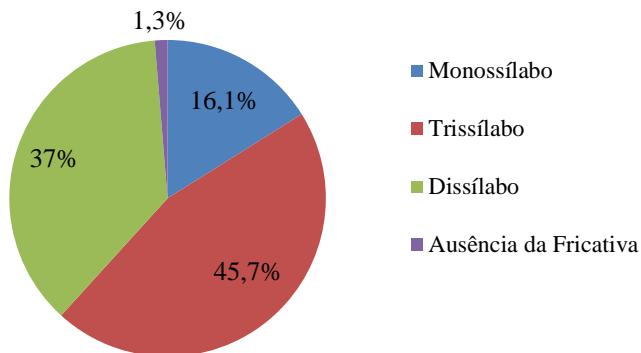


Gráfico 32 - Número de sílabas - variantes alveolares, palatais e zero fonético

Fonte: elaborado por nós.

Salientamos que das pesquisas que apresentamos na seção 1.1 do capítulo I a única que aborda o grupo de fatores número de sílabas é o estudo de Hora (2000). O autor obteve em seus resultados uma difusão maior da palatal no contexto dissílabo, dessa maneira, nossos resultados corroboram parcialmente os resultados deste autor, visto que alcançamos percentuais maiores, também, para este segmento. No entanto, não podemos dizer que é neste fator que a palatal ocorre com supremacia, já que a pesquisa divulga percentuais superiores a estes para a variante trissílabo.

Os resultados relatados até este momento, que condizem com o grupo de fatores número de sílabas, foram analisados levando em consideração a totalidade de ocorrências dos dados, de 784, para as duas localidades em análise. Desse modo, a fim de segmentar mais os dados, apresentamos separadamente os resultados referentes ao grupo de fatores número de sílabas para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, de acordo com a Tabela 29 e 30, respectivamente.

Observamos na Tabela 29, que as variantes palatais em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de ocorrências no fator trissílabo, com 113 realizações. Assim, as formas palatais

representam um percentual de 28,8% neste contexto. Salientamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade de Florianópolis-SC.

Seguindo esta mesma linha de cálculo, as variantes alveolares e o zero fonético, assim como as palatais, realizam-se, também, com números maiores de ocorrências no fator trissílabo, com 50 e 13 ocorrências, respectivamente. Apresentam, então, uma frequência de 12,7% e de 3,3%.

Podemos observar, com base nesses dados, que em Florianópolis-SC as variantes palatais, assim como as formas alveolares e o zero fonético, ocorrem com maior proporção no fator trissílabo. Inferimos com base nisto, que os informantes florianopolitanos palatalizam mais quando a fricativa ocorre em um segmento trissílabo.

Apresentamos a Tabela 29 que mostra os resultados referentes ao grupo de fatores número de sílabas em Florianópolis-SC.

NÚMERO DE SÍLABAS - FLORIANÓPOLIS-SC							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Monossílabo	N	23	01	36	04	02	66
	%	34,8	1,5	54,5	6,1	3,0	16,8
Trissílabo	N	46	04	111	02	13	176
	%	26,1	2,3	63,1	1,1	7,4	44,9
Dissílabo	N	26	12	78	25	09	150
	%	17,3	8,0	52	16,7	6,0	38,3
TOTAL	N	95	17	225	31	24	392
	%	24,2	4,3	57,4	7,9	6,1	100

Tabela 29 - Número de sílabas - Florianópolis-SC

Fonte: elaborado por nós.

Podemos observar na Tabela 30, que as variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ, assim como em Florianópolis-SC, ocorrem com números maiores de realizações no fator trissílabo, com 160 ocorrências, desse modo, as formas palatais representam uma frequência de 40,8% no fator trissílabo. Ressaltamos que este cálculo foi realizado observando o número total de dados que é de 392, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ.

Nesta mesma linha de cálculo, verificamos que as variantes alveolares, assim como as formas palatais, ocorrem com números maiores de ocorrências no fator trissílabo com 10 realizações, assim, apresentam um percentual de 2,5% de ocorrências neste mesmo

segmento. Quanto ao zero fonético, examinamos que este se realiza em maior número nos fatores trissílabo e dissílabo com 12 ocorrências em cada um destes contextos, assim, 3,0% de realizações ocorrem nos referidos segmentos.

Verificamos com base nesses dados, que no Rio de Janeiro-RJ as variantes palatais e as formas alveolares realizam-se em maiores proporções no mesmo segmento, ou seja, ambas as variantes ocorrem com proporção maior no fator trissílabo. Já o zero fonético realiza-se mais nos fatores trissílabo e dissílabo.

Inferimos com base nisto, que os informantes cariocas, assim como os florianopolitanos, palatalizam mais quando a fricativa é produzida no contexto trissílabo.

Apresentamos a Tabela 30 que expõe os resultados referentes ao grupo de fatores número de sílabas no Rio de Janeiro-RJ.

NÚMERO DE SÍLABAS - RIO DE JANEIRO-RJ							
FATORES	N - %	S	Z	ʃ	ʒ	ø	TOTAL - %
Monossílabo	N	0	0	50	09	01	60
	%	0	0	83,3	15	1,7	15,3
Trissílabo	N	09	01	153	07	12	182
	%	4,9	0,5	84,1	3,8	6,6	46,4
Dissílabo	N	03	0	101	24	12	140
	%	2,1	0	72,1	17,1	8,6	35,7
Ausência da Fricativa	N	0	0	0	0	10	10
	%	0	0	0	0	100	2,6
TOTAL	N	12	01	304	40	35	392
	%	3,1	0,3	77,6	10,2	8,9	100

Tabela 30 - Número de sílabas - Rio de Janeiro-RJ

Fonte: elaborado por nós.

Analisamos quanto ao grupo de fatores número de sílabas, que a realização das formas palatais e alveolares é semelhante, visto que em ambas as localidades estas variantes foram difundidas com maior intensidade no fator trissílabo. Quanto ao zero fonético, este obteve maior ocorrência no fator trissílabo em Florianópolis-SC e nos fatores trissílabo e dissílabo no Rio de Janeiro-RJ.

Salientamos, também, que no Rio de Janeiro-RJ, diferentemente de Florianópolis-SC, as variantes alveolares não ocorrem no fator monossílabo. Já em Florianópolis-SC estas mesmas variantes ocorrem com 24 realizações, ou seja, 6,1% de frequência no fator monossílabo.

Os resultados apresentados para Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ, com relação ao grupo de fatores número de sílabas, apresentam certa regularidade, visto que para as variantes palatais e alveolares os segmentos mais propagadores para a difusão da fricativa foram os mesmos em ambas as localidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, nesta dissertação, descrever e analisar o fenômeno da palatalização da coronal anterior em posição de coda silábica na fala de informantes florianopolitanos e cariocas, utilizando para isto dados extraídos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

De acordo com dados do ALiB, obtidos em todas as capitais (exceto em Brasília-DF e Palmas-TO), a palatalização da fricativa é fenômeno que marca significativamente a fala dos habitantes de Florianópolis-SC, do Rio de Janeiro-RJ, de Salvador-BA, de Recife-PE, de Cuiabá-MT, de Porto Velho-RO, de Rio Branco-AC, de Belém-PA, de Manaus-AM, de Macapá-AP e de Boa Vista-RR⁶³.

A primeira de nossas hipóteses pressupõe que há variação no grau de difusão do processo de palatalização da fricativa, visto que no Rio de Janeiro-RJ as formas palatais ocorrem com maior intensidade do que em Florianópolis-SC. Podemos relatar, com base nos resultados da nossa pesquisa, que no Rio de Janeiro-RJ as variantes palatais apresentaram percentuais maiores do que em Florianópolis-SC. Salientamos, ainda, que nos dois pontos as variantes palatais são realizadas com superioridade às formas alveolares. Desse modo, nossa hipótese foi confirmada.

A segunda hipótese supõe que a propagação das variantes palatais nos pontos (áreas) da pesquisa é favorecida pelos fatores sociais – sexo/gênero feminino, faixa etária mais jovem e nível de escolaridade baixa –; e pelos fatores linguísticos – posição medial, segmento tônico, contexto precedente após as vogais coronais, contexto seguinte antes de consoantes dorsais, traço [-voz] e no segmento dissílabo.

Podemos relatar, com base nos resultados da nossa pesquisa, com relação aos fatores sociais, que a hipótese referente ao sexo/gênero feminino é confirmada parcialmente, já que os informantes florianopolitanos do sexo/gênero feminino realizaram mais as formas palatais, entretanto, os informantes cariocas do sexo/gênero masculino foram os que mais produziram as variantes palatais. A hipótese referente à faixa etária mais jovem, também, é confirmada parcialmente, visto que os informantes cariocas mais jovens realizaram mais as formas palatais, no entanto, os informantes florianopolitanos mais velhos foram os que

⁶³Ver Figura 1.

mais difundiram as variantes palatais. Quanto à hipótese referente ao nível de escolaridade mais baixa, relatamos que, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, os informantes com baixo nível de instrução produziram mais as formas palatais, portanto, nossa hipótese foi confirmada em ambas as localidades.

Com relação aos fatores linguísticos, as hipóteses referentes à posição medial, ao segmento tônico, ao contexto precedente após as vogais coronais e ao traço [-voz] foram confirmadas como sendo os fatores que mais favoreceram a realização das variantes palatais em ambos os pontos geográficos analisados. Entretanto, a hipótese referente ao contexto seguinte antes de consoantes dorsais foi refutada, já que em ambas as localidades a ausência de contexto fonológico seguinte à fricativa foi o fator que mais contribuiu para a produção das formas palatais. Quanto à hipótese referente ao segmento dissílabo, relatamos que, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, o contexto que mais favoreceu a realização das variantes palatais foi o segmento trissílabo, portanto, nossa hipótese não se confirmou em ambas as localidades.

A terceira hipótese presume que a difusão das formas palatais é favorecida pelos estilos mais informais de fala, conversa semidirigida e resposta aos questionários; do que pelo estilo mais formal, leitura de texto, em ambas as localidades estudadas. Podemos evidenciar, com base nos resultados do nosso estudo, que os estilos de fala mais informais foram os que mais contribuíram para a ocorrência das variantes palatais, visto que em Florianópolis-SC as formas palatais realizaram-se mais no estilo de fala conversa semidirigida e no Rio de Janeiro-RJ as variantes palatais ocorreram mais no estilo de fala resposta aos questionários. Desse modo, nossa hipótese referente aos estilos de fala foi confirmada.

A quarta e última hipótese pressupõe que existem semelhanças e diferenças, quanto à ocorrência da semivogal coronal [y] no contexto precedente à fricativa, levando em conta o português falado em Florianópolis-SC e o português falado no Rio de Janeiro-RJ. Podemos observar, com base nos resultados da nossa pesquisa, que tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, os informantes produziram a semivogal coronal [y]. No entanto, em Florianópolis-SC a ocorrência da semivogal coronal realiza-se com menor intensidade do que no Rio de Janeiro-RJ. Vale salientar, ainda, que no Rio de Janeiro-RJ a semivogal coronal [y] ocorre somente antes das formas palatais, enquanto que em Florianópolis-SC a semivogal coronal realiza-se antes das variantes palatais e alveolares. Assim, nossa hipótese foi

confirmada, pois realmente existem semelhanças e diferenças quanto à ocorrência da semivogal coronal [y] em ambos os pontos analisados.

Para especificar melhor em quais contextos as variantes palatais foram mais relevantes, citamos as variáveis extralinguísticas e os fatores que mais condicionam o processo de palatalização. Assim, a dimensão diatópica apresenta percentual maior das variantes palatais no Rio de Janeiro-RJ do que em Florianópolis-SC. Entretanto, em ambos os pontos, as formas palatais foram as mais recorrentes se comparadas com as variantes alveolares. Podemos inferir, então, que há um resgate da identidade do florianopolitano e do carioca, já que ambos procuram preservar a sua identidade linguística, bem como valorizar sua cultura.

Quanto à dimensão diafásica, verificamos que os resultados mais elevados da palatalização da fricativa ocorrem no Rio de Janeiro-RJ, sendo que o contexto que mais favorece o fenômeno da palatalização é o mais ou menos tenso (resposta aos questionários). Já em Florianópolis-SC, o estilo menos tenso (conversa semidirigida) é o que mais condiciona o processo de palatalização.

A dimensão diasexual mostrou-se, na análise total dos dados, irrelevante para a pesquisa, visto que apresentou resultados equivalentes de realizações das formas palatais para ambos os sexos/gêneros. Entretanto, na análise segmentada por ponto geográfico, observamos que há uma aceitação maior das variantes palatais no sexo/gênero feminino em Florianópolis-SC e no sexo/gênero masculino no Rio de Janeiro-RJ.

Com relação à dimensão diastrática, os resultados que abrangem a totalidade dos dados apresentam percentuais maiores para as formas palatais em informantes que possuem escolaridade baixa. Na análise que demonstra os resultados segmentados por localidade, os informantes com escolaridade baixa foram os que mais propagaram as variantes palatais, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ. Com isto, parece-nos que as variantes palatais não são portadoras de prestígio e/ou apontam para outro tipo de prestígio, um prestígio local ou encoberto, mais relacionado aos regionalismos da fala.

Entre os grupos de fatores extralinguísticos, há, ainda, a dimensão diageracional que na análise total dos dados obteve resultados pouco distintos para as formas palatais nas duas faixas etárias. No entanto, relatou uma pequena relevância para os jovens como um pouco mais propagadores das formas palatais do que os mais velhos. Já na análise

dos dados de Florianópolis-SC, referentes à dimensão diageracional, os informantes mais velhos foram os que mais difundiram as variantes palatais, visto que para os mesmos tais formas marcam mais sua identidade linguística do que as variantes alveolares. Entretanto, na análise dos dados do Rio de Janeiro-RJ os informantes mais jovens foram os que mais produziram as formas palatais, assim, tais informantes identificam-se mais com estas variantes do que os mais velhos.

Para detalhar melhor em quais contextos as variantes palatais foram mais relevantes, citamos as variáveis linguísticas e os fatores que mais condicionam o processo de palatalização. Assim, na análise total dos dados que abrange o grupo de fatores posição da fricativa na palavra, constatamos que a posição de coda medial confirma-se como a maior favorecedora da palatalização da fricativa. Na análise referente aos dados de Florianópolis-SC, verificamos, também, que a posição medial é o contexto em que as variantes palatais são mais difundidas. Quanto à análise dos dados do Rio de Janeiro-RJ encontramos o mesmo resultado, ou seja, a posição medial é o segmento em que mais ocorrem as formas palatais, tanto neste ponto quanto no outro supracitado.

No grupo de fatores tonicidade há maior incidência do fenômeno em contexto tônico, visto que parece ocorrer a preferência das consoantes palatais em posições mais salientes, que exigem mais esforço articulatório. Obtivemos este mesmo resultado, tanto na análise total quanto na análise segmentada dos dados. Em outras palavras, é no contexto tônico que as variantes palatais são mais propagadas em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ.

Os resultados, que abarcam a totalidade dos dados, apontados pelo traço [voz] demonstraram um favorecimento maior ao vozeamento pelos segmentos [-voz] em contexto seguinte, visto que há maior energia articulatória para a sua realização. Esta assertiva corrobora os resultados apresentados pelo grupo de fatores tonicidade. Nos dados de Florianópolis-SC, assim como na análise dos dados do Rio de Janeiro-RJ, os segmentos seguintes que possuem o traço [-voz] foram os que mais promoveram a realização das formas palatais.

Sobre a variável contexto fonológico precedente à fricativa, obtivemos, na análise total dos dados, a maior ocorrência do fenômeno da palatalização após as vogais coronais. O mesmo resultado se repete na análise segmentada dos dados, visto que, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, as variantes palatais ocorrem com maior intensidade após as vogais coronais.

Já o contexto fonológico seguinte à fricativa, revela maior significância para a ausência de contexto fonológico seguinte como variante que mais propaga o processo de palatalização. Este resultado foi obtido na análise total dos dados e na análise segmentada por ponto pesquisado. Desse modo, em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ a ausência de contexto fonológico seguinte à fricativa é o segmento que mais contribui para a ocorrência das formas palatais.

Com relação ao número de sílabas, ainda dentre as variáveis linguísticas, os contextos trissílabo e dissílabo evidenciaram maiores ocorrências das formas palatais, sendo as variantes que mais difundiram o fenômeno da palatalização da fricativa em coda silábica. Salientamos que estes resultados foram obtidos através da análise total dos dados. No entanto, na análise dos dados de Florianópolis-SC as variantes palatais são mais realizadas em segmentos trissílabos, assim como na análise dos dados referentes ao Rio de Janeiro-RJ.

Partindo da abordagem teórico-metodológica da Fonologia Autossegmental, da Geometria dos Traços e da Geolinguística Pluridimensional, acreditamos ter contribuído com essa pesquisa para a descrição do português falado em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ, à medida que confirmamos, em grande parte, resultados de estudos sobre a palatalização da fricativa em coda silábica com outras amostras referentes ao mesmo objeto.

Pretendemos, em estudo posterior, ampliar o número da nossa amostra com dados do PE a fim de obtermos resultados que possibilitem a formulação de considerações mais consistentes sobre o fenômeno da palatalização da fricativa em coda. Desse modo, poderemos afirmar ou refutar se há uma variação estável, ou se há um processo de mudança e/ou inovação das variantes palatais do PB em comparação às variantes palatais do PE.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do Alers. In: VANDRESEN, Paulino (org). **Variação e mudança no português da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

_____. **Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil**. 2004. Disponível em: <http://ibero-americana.net/files/ejemplo_por.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2010.

ALVAR, Manuel. **Estudios canarios**. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1968.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB). **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001/Comitê Nacional do Projeto ALiB. – Londrina: UEL, 2001. 47p. ; 29 cm.

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB). **Atlas Linguístico do Brasil** – Comitê Nacional. Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br/comitenacional.asp>>. Acesso em: 02 de setembro de 2010.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influencia açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não linear**. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Linguística), 1996.

_____. Análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.

_____. **A representação lexical das fricativas palato-alveolares**: uma proposta. Curitiba: Revista Letras, n. 61, especial, p. 299-325, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

- CALLOU, D.; MARQUES, M. H. D. **O [s] implosivo na linguagem do Rio de Janeiro**: Littera, n.14, p. 9-140, 1975.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A. de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, p. 133-156, 1996.
- CALLOU, D.; SERRA, Carolina. Aspectos da história demográfica e social do Rio de Janeiro: Escolarização, norma e nacionalidade. In: RAMOS, Jânia M; ALKMIM, Mônica A. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro**. Volume V: Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica Portuguesa**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 15ª ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.
- CANOVAS, M. I. F. Variação fônica de [s] pós-vocálico e [v, z] cabeças de sílabas na fala de Salvador. In: CARDOSO, S. A. M. **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CARDOSO, S. A. **Dialectologia**: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. DELTA vol.17. Edição especial. São Paulo, p. 25-44, 2001. Versão impressa ISSN 0102-4450. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v17nspe/6709.pdf>>. Acesso em: 09 de agosto de 2010.
- _____. **Geolinguística** – tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- _____. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper, 1968.
- CLARK, J.; YALLOP, C. **Phonetics & Phonology**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- CLEMENTS, George N. **The Geometry of Phonological Features**. Phonological Yearbook. n. 2, 1985, p. 225-252.
- _____. **On the Representation of Vowel Height**. Preliminary version. University of Cornell, 1989.

- _____. **Place of Articulation in Consonants and Vowels:** a unified theory. Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory. n. 5, 1991, p. 77-123.
- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. **The Internal Organization of Speech Sounds.** Unpublished ms. University of Conell, 1995.
- CORRÊA, C. da C. Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do [s] pós-vocálico. UnB. Dissertação de Mestrado, 1998. In: HORA, D. da. **Fonética e Fonologia:** a gramaticalização dos processos fonéticos. Relatório final de Pós-Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2000.
- COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología.** México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Língua, nação, alienação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ENDERS, A. **A história do Rio de Janeiro.** História do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil meridional** – uma viagem no tempo – povoamento, demografia, cultura – Açores e litoral catarinense. Florianópolis: Ed. do autor, 1998.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994, p. 11-62.
- FISCHER – JORGENSEN, Eli. **Trends in Phonological Theory.** Akademisk Forlang: Copenhagen, 1975.
- FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES. **Florianópolis:** uma síntese histórica. 2ª ed. Florianópolis: Secretaria Municipal de Turismo, 1995.
- FURLAN, Oswaldo A. **Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense.** UFRJ, Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. 420p. 1982.
- _____. **Influência Açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1989.
- GOLDSMITH, John A. **Autossegmental Phonology.** Bloomington: IULC, 1976.
- _____. **Autossegmental and Metrical Phonology.** Oxford: Basil Blackell, 1990.
- GRYNER, H.; MACEDO, A. A pronúncia do s pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. In: MOLLICA, C.; MARTELOTA, M. (Org.). **Análises linguísticas:** a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 26-67, 2000.
- HERNANDORENA, Carmen Lúcia M. **A Geometria dos Traços na Representação das Palatais na Aquisição do Português.** Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 29, n. 4, dez. 1994, p. 159-167.

- _____. Introdução à Teoria fonológica. In BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos da Fonologia do Português**. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- HORA, Dermeval da. **Fonética-Fonologia: A Gramaticalização dos Processos Fonéticos**. Relatório Final de Pós-Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2000.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra (Orgs.). **Documentos 02: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 67-94.
- LABOV, William. **Language in the inner city: studies in the Black English vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEPSCHY, Giulio C. **A Linguística Estrutural**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1975.
- MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese de Doutorado, UFRGS: Porto Alegre, 2004.
- MATEUS, Maria Helena M. **Fonética, Fonologia e Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Diversidade e unidade: a aventura linguística do português**, 1991. Disponível em: <<http://www.institutocamoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/diversidade.pdf>>. Acesso em: 07 de março de 2003.
- MOTA, Jacyra. **Varição Fônica no Português do Brasil: o [s] em coda silábica**. VI Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários. Salvador: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.
- _____.; CARDOSO, Suzana A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra (Orgs.). **Documentos 02: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-26.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- PESSOA, M. A. **O [s] pós-vocálico na fala de Natal**. Atas do I Simpósio Diversidade Linguística no Brasil. Salvador: UnBA, 1986.
- PINTZUK, Susan. **Varbrul Program**. Philadelphia: University of Pennsylvania, Mimeo, 1988.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **Goldvarb 2001**: a multivariate analysis application for Windows. Disponível em: <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/golvarb>>. Acesso em: 22 de setembro de 2010.

ROSSI, N. **Dialetologia**. Alfa, 11, 1967, p. 89-111.

_____. Os falares regionais do Brasil. In: Atas. **O Simpósio de São Paulo**: São Paulo, 1969.

SHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. V. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Análises linguísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, p. 52-78.

_____.; NARO, A. J. A concordância de número no Português do Brasil: um caso de variação inerente. In: HORA, Dermeval. (org.) **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.

SILVA, Thaís Cristófar da. **Exercícios de Fonética e Fonologia**. Campinas: Contexto, 2003.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução por Celso Cunha. 2 ed., Lisboa: Sá de Costa, 1984. Tradução de: *Historie de la langue portugaise*, 1980.

THUN, H.; RADTKE, E. Nuevos Caminos de la Geolinguística Románica. Un Balance. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (Hrsg). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**. Acten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/ Mainz 21-24.10.1991) Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: **Internacional Congress of Romance Linguistics and Philology** (21.:1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p.787-789.

_____. O tratamento do material etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: **Atas do Encontro sobre Cultura Popular**. Ponta Delgada/Açores: Universidade dos Açores, 1999, p. 481-499.

TRINDADE COELHO. Os meus amores. Apud LACERDA, A. de. HAMMARSTRÖM, G. **Transcrição fonética do português normal**. Coimbra: [s. n.], 1953. p. 27-8. Texto com adaptações.

TRUBETZKOY, N. S. **Principles of Phonology**. Tradução por Cristiane A. M. Baltaxe. Bekerly and Los Angeles: University of California Press, 1969. Tradução de: Grundzüge der Phonologie, 1958.

WEHLING, A.; WEHLING, M. J. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

ANEXO A – Questões utilizadas do QFF

09. Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem _____?]

LUZ

15. Aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?

FÓSFORO

21. O que se come no almoço, uns grãosinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?

ARROZ

31. Para comer uma banana, o que é que se tira?

CASCA

63. O que é que vem depois do dois?

TRÊS

64. O que é que vem depois do nove?

DEZ

67. Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?

ESTRADA

69. Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

DESVIO

84. Onde as crianças vão para aprender a ler?

ESCOLA

85. O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?

COLEGAS

86. Aquilo branquinho, assim (*mímica*), que serve para escrever no quadro, na escola?

GIZ

88. Fazer assim (*mímica*) em um papel é _____?

RASGAR

102. Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____? [Quando você / o(a) senhor(a) não quer não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço _____].

QUESTÃO

113. Esta parte? *Apontar*.

PESCOÇO

120. Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?

COSTAS

124. Uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?

CASPA

126. Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

DESMAIO

137. Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa _____?

VOZ

155. Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em _____?

PAZ

156. Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa _____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra]. [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa].

MESMA

157. Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

HÓSPEDE

158. Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

ESQUERDO

ANEXO B – Questões utilizadas do QSL**CORPO HUMANO**

90. Alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

CISCO

92. A pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?

Completar com um gesto dos dedos.

VESGO

120. Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?

Mímica.

CÓCEGAS

CICLOS DA VIDA

125. Duas crianças que nasceram no mesmo parto?

GÊMEOS

134. Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

MADRASTA

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

160. A brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

ESCONDE-ESCONDE

VIDA URBANA

200. A condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

ÔNIBUS

ANEXO C – Tema utilizado para o discurso semidirigido

1. Relato pessoal

Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...).

ANEXO D – Texto utilizado para a leitura

PARÁBOLA DOS SETE VIMES

“Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os a todos e, depois de ter olhado inquieto e tristemente para o céu, disse-lhes:

— Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, desejo que cada um de vós me vá **buscar**⁶⁴, no Campo do Moinho, um vime seco.

— Eu também? perguntou o mais novo — um garoto **esbelto** de quatro **anos** que estava, inocentemente, brincando ao sol com duas **moedas** num velho chapéu de feltro.

— Tu também, Tiago.

Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao menor deles:

— Quebra esse vime.

Ao ouvir isto, o pequeno partiu o vime sem nada lhe custar.

— Agora parte os **outros**, um a um.

O menino obedeceu.

— Trazei-me, todos, outro vime! tornou o pai, logo que viu o menino partir o último sem dificuldade alguma.

Quando os **rapazes** apareceram de novo, enfeixou os sete vimes soltos, atando-os com o fio.

— Toma este feixe, Paulo. Parte-o! ordenou o pai ao filho mais velho — o homem mais valente da cidade.

Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se **esforçar** por partir o feixe, acrescentou:

— Não foste **capaz**! O osso é duro de roer!...

— Não, senhor, não fui, e já me doem as mãos, respondeu o moço.

Todos os outros tentaram em vão.

— Se fossem mil vimes em **vez** de sete, pior seria, exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se estiverdes sempre unidos, ninguém vos fará mal.

⁶⁴Os vocábulos em negrito serão objeto de análise, tendo em vista os contextos relativos às variáveis que fazem parte da pesquisa.

Ao acabar de dizer **isto**, morreu. Fiéis ao bom conselho paterno, até ao fim da vida, foram sempre felizes e fortes como leões, os sete irmãos desta história”.